

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA

REBECCA DEMICHELI SAMPAIO

PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE ANÁLIA VIEIRA DO NASCIMENTO NO
ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO (1871–1898)

CAXIAS DO SUL

2019

REBECCA DEMICHELI SAMPAIO

**PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE ANÁLIA VIEIRA DO NASCIMENTO NO
*ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO (1871-1898)***

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras e Cultura, pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani

CAXIAS DO SUL

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

S192p Sampaio, Rebecca Demicheli

Produção e recepção de Anália Vieira do nascimento no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1871-1898) / Rebecca Demicheli Sampaio. – 2019.

129 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2019.

Orientação: Cecil Jeanine Albert Zinani.

1. Nascimento, Anália Vieira do, 1854-1911 - História e crítica. 2. Almanques - História. 3. Mulheres na literatura - História e crítica. 4. Regionalismo na literatura. 5. Literatura sul-rio-grandense - Crítica e interpretação. I. Zinani, Cecil Jeanine Albert, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 821.134.3(816.5).09

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

REBECCA DEMICHELI SAMPAIO

**PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE ANÁLIA VIEIRA DO NASCIMENTO NO
*ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO (1871-1898)***

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras e Cultura, pela Universidade de Caxias do Sul.

Aprovada em 05/08/2019

Banca Examinadora

Profa. Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Profa. Dra. Alessandra Paula Rech
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Márcio Miranda Alves
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Profa. Dra. Maria Eunice Moreira
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Capes, pelo suporte financeiro à minha pesquisa, oportunizando a dedicação integral ao Mestrado, e ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, por confiar em meu projeto.

À professora Doutora Cecil Jeanine Albert Zinani, por todos os anos de orientação, paciência e pelas sábias contribuições, e à professora Doutora Salete Rosa Pezzi dos Santos, por também fazer parte desta trajetória.

A todos os professores do Programa, pelos valiosos ensinamentos.

À escriturária do Programa, Daniela Pioner, pelo suporte e disponibilidade constantes.

À minha família: meu pai, Cleóbio Sampaio dos Reis, por despertar em mim o interesse pela literatura, e minha mãe, Vanda Elena Demicheli, por me encorajar e pelos sacrifícios feitos para que eu tivesse a chance de estudar.

Ao meu amor, Deivid Camazzola da Silva, por ser meu maior apoiador em cada um dos desafios aos quais me proponho.

Aos queridos colegas da Turma 16, pela amizade e companheirismo, em especial a Elisa, pela troca de conhecimentos, tensões e alegrias durante os últimos dois anos.

Aos colegas do grupo de pesquisa “Literatura: perspectivas e transformações”, da Universidade de Caxias do Sul: Bruna, Cristiano, Elisa, Guilherme, Jonathan, Kátia, Lisiane e Morgana, por estarem comigo nos melhores e piores momentos ao longo de todo o percurso acadêmico, desde o início da Graduação em Letras.

A cada um, enfim, que acreditou e contribuiu para a realização deste trabalho.

“Corimbo, de acordo com Aurélio Buarque, é um ‘tipo muito comum de inflorescência em que as flores partem de alturas diferentes e alcançam o mesmo nível, na porção superior’.”

**Salete Rosa Pezzi dos Santos,
sobre o primeiro e mais longo
periódico literário dirigido por e
destinado a mulheres no Rio
Grande do Sul**

RESUMO

Este estudo investiga a produção e recepção de *Anália Vieira do Nascimento* (1854-1911) no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1851-1932), a fim de contribuir para as pesquisas sobre a presença da mulher na Literatura, mais especificamente no Rio Grande do Sul. Para tanto, foi necessário, inicialmente, sondar o cenário literário do Rio Grande do Sul no século XIX e a trajetória do sujeito feminino nesse contexto. Além disso, perscrutou-se a história dos almanaques e, mais especificamente, do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* no Brasil, bem como sua relevância social, relação com a Literatura e abertura à contribuição de mulheres. Então, abordou-se a produção e recepção de Anália Vieira do Nascimento, porto-alegrense que se destacou pela assiduidade e pelas relações estabelecidas com outros frequentadores do periódico. Para cumprir o objetivo proposto, dispôs-se de aporte teórico oriundo, principalmente, dos Estudos de Gênero e da Sociologia da Leitura, além de fontes históricas e documentais. Os resultados apontam que a poetisa granjeou uma posição de destaque dentro do anuário, apesar de seu nome, até hoje, não ter encontrado espaço na historiografia literária.

Palavras-chave: Anália Vieira do Nascimento. *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Literatura de autoria feminina. Recepção. Literatura sul-rio-grandense.

ABSTRACT

This study investigates the production and reception of Anália Vieira do Nascimento's (1854-1911) literature in the *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1851-1932), in order to contribute to research about the presence of women in Literature, specifically in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. Initially, it was necessary to examine the state's literary scenario in the nineteenth century and the trajectory of women in this context. In addition, the history of almanacs and, more specifically, of the *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* were examined. Furthermore, its social relevance, relation with Literature and openness to women's contribution were investigated. Then, the production and reception of Anália Vieira do Nascimento's literature was explored. This writer, born in Porto Alegre (city of Rio Grande do Sul), was distinguished by her presence and the relationships she established with other *Almanaque* contributors. In order to fulfill the intended objective, the theoretical approach was based on Gender Studies and Sociology of Reading, as well as historical and documentary sources. The results indicate that the author gained a prominent position in this periodical, even though her name rarely appears in the literary historiography.

Keywords: Anália Vieira do Nascimento. *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Women's literature. Reception. Literature of Rio Grande do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jeca Tatu no <i>Almanaque Fontoura</i> (1935)	53
Figura 2 – Produção total de autoria feminina no <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i> por década (gráfico)	64
Figura 3 – Produção brasileira de autoria feminina no <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i> por década (gráfico)	69
Figura 4 – Produção gaúcha de autoria feminina no <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i> por década (gráfico)	69
Figura 5 – “Logogrifo acróstico”, de Anália Vieira do Nascimento (1872)	93
Figura 6 – Poema dedicado a Anália Vieira do Nascimento (1886)	98
Figura 7 – Capa do <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i> para 1893	103
Figura 8 – “Quadras”, de Anália Vieira do Nascimento (1876)	104
Figura 9 – “Enigma IX”, de Anália Vieira do Nascimento (1877)	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Publicações de Anália Vieira do Nascimento no <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i>	75
Quadro 2 – Textos de Anália Vieira do Nascimento dedicados a personalidades no <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i>	88
Quadro 3 – Escritos dedicados a Anália Vieira do Nascimento no <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i>	94

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2	A MULHER NA LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE: UMA PRESENÇA MAIS RICA DO QUE SE SUPÕE	19
2.1	O DESENVOLVIMENTO DAS LETRAS SULINAS: UMA BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA	19
2.1.1	As origens	19
2.1.2	O Partenon Literário e sua <i>Revista</i>	26
2.2	OMISSÕES: O (NÃO) LUGAR DAS PRODUÇÕES FEMININAS	29
2.3	ANÁLIA VIEIRA DO NASCIMENTO: UMA ILUSTRE DESCONHECIDA	35
3	OS ALMANAQUES E O ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO- BRASILEIRO	44
3.1	ALMANAK, ALMANACH, ALMANAQUE	44
3.2	O ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO NO RIO GRANDE DO SUL OITOCENTISTA	50
3.3	AS “SENHORAS” DO ALMANAQUE: ORIGENS, GÊNEROS TEXTUAIS E TEMAS ABORDADOS	62
4	ANÁLIA VIEIRA DO NASCIMENTO NO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO	74
4.1	PRODUÇÃO	74
4.2	INTERLOCUÇÕES	88
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
	REFERÊNCIAS	112

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história da Literatura é assinalada, desde seus primórdios, pela hegemonia masculina. Na última década do século XVIII, Mary Wollstonecraft já questionava, em sua obra-manifesto *A vindication of the rights of woman* (1792), o fato de o homem, com maior acesso à instrução formal e ao universo das Letras, apoderar-se da palavra, enquanto o sujeito feminino imbuía-se de invisibilidade histórica, sendo destinado ao espaço doméstico e tendo sua participação restringida na tradição literária. Perrot (2001) aponta a dificuldade da mulher em se fazer ouvir no âmbito público, sendo submetida ao discurso masculino. O homem foi aquele que descreveu e determinou, durante muito tempo, aquilo que deveria ser de interesse de suas camaradas – excluindo, desse rol, a literatura. Pode-se dizer que o sistema autor-obra-público (CANDIDO, 2006) constituiu-se, então, da seguinte forma: homens escrevendo para homens sobre assuntos orientados pelas preferências masculinas.

A relação entre o processo de naturalização dos papéis de gênero e o histórico da não legitimação da fala feminina no âmbito literário ocidental também é discutida por Schmidt (1995, p. 184), que compara o artista homem à figura de Deus Pai, criador e classificador do mundo, considerando-o um “patriarca estético”. Segundo a autora,

essa tradição de criatividade androcêntrica que perpassa nossas histórias literárias assumiu o paradigma masculino da criação e, concomitantemente, a experiência masculina como paradigma da existência humana nos sistemas simbólicos de representação. Na medida em que esse paradigma adquiriu um caráter de universalidade, a diferença da experiência feminina foi neutralizada e sua representação subtraída de importância por não poder ser contextualizada dentro de sistemas de legibilidade que privilegiavam as chamadas “verdades humanas universais” e por não atingir o patamar de “excelência” exigido por critérios de valoração estética subentendidos na expressão (pouco clara, por sinal) “valor estético intrínseco”, vigente no discurso teórico-crítico da literatura.

De fato, o conhecimento, incluindo-se aqui as artes e as Letras, está relacionado ao poder e à dominação. Nesse sentido, o cânone funcionou, por muito tempo, como um propagador e mantenedor da ideologia patriarcal, prescrevendo o papel da mulher na sociedade e relacionando a autoria feminina a produções tidas como menores. (MUZART, 1997).

Apesar de inserida nesse cenário altamente desfavorável a sua atuação, a mulher sempre escreveu, não permanecendo apenas como vítima passiva ao longo da História. O valor de seus textos, no entanto, só começa a ser reconhecido de forma sistemática após a segunda metade do século XX (SANTOS, 2010), com a emergência dos estudos feministas,

que originaram uma crítica literária de denúncia e emancipação. A partir de então, institui-se uma nova forma de olhar para esses escritos, além de um grande empenho no resgate de obras escritas por mulheres no passado – resultando, no Brasil, em publicações como o *Dicionário de Mulheres*, de Hilda Agnes Hübner Flores (1999), e o *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (2002), de Nelly Novaes Coelho. Dessa forma, os nomes femininos desvencilham-se da alteridade, do esquecimento e de um estreito domínio androcêntrico¹ e passam a assumir a posição de protagonistas na cultura letrada. Isso permite que, atualmente, a literatura produzida por mulheres seja, também, objeto de estudo e crítica acadêmica, em um novo pensar sobre o fazer literário:

[...] a emergência do outro da cultura, ou seja, as mulheres narradoras silenciadas pelas práticas narrativas dominantes da cultura patriarcal, sinaliza um novo episteme narrativo em que novos saberes, para além de limites sagrados e seculares impostos pela tradição, atualizam um novo sujeito engajado na reconceptualização de si e do mundo. (SCHMIDT, 2000, p. 105).

É no contexto patriarcal do Rio Grande do Sul do século XIX que se insere a produção literária de Anália Vieira do Nascimento (1854-1911), poetisa que integrou o grupo de “senhoras” gaúchas com publicações no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*², editado em Lisboa entre 1851 e 1932. Natural de e residente em Porto Alegre, ela contribuiu durante 22 anos (de 1871 a 1893) com o periódico, sendo, entre suas conterrâneas, a colaboradora com mais tempo de participação e maior número de textos no anuário. Além disso, sua produção obteve significativo reconhecimento por parte de leitores, escritores e editores do *Almanaque*. Mesmo assim, não se encontram, até hoje, informações consistentes sobre a vida e obra da autora. Tendo isso em vista, o problema desta pesquisa assume a seguinte formulação: **a partir dos escritos presentes no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, entre 1871 e 1898, como se configuram a participação e a recepção dos textos de Anália Vieira do Nascimento por leitores e autores do referido periódico?**

Com base na questão de pesquisa apresentada, o objetivo geral deste estudo, inserido na área de concentração Literatura e Processos Culturais, do Mestrado em Letras e Cultura da

¹ Segundo Bonnici (2007, p. 19), “[...] os termos ‘androcentridade’ (subst.) e ‘androcêntrico’ (adj.) (gr. *aner*, *andros*, homem; lat. *centrum*, centrado), ou ‘centralizado no homem’, foram introduzidos por feministas para descrever a ideologia e a atitude baseadas numa perspectiva masculina e que ignora os interesses e a perspectiva feminina. Seus antônimos são ‘ginocentridade’ e ‘ginocêntrico’ (gr. *guné*, mulher). Portanto, a ginocentridade em literatura pretende reeducar escritores e leitores a se posicionar na experiência feminina e olhar os acontecimentos a partir de uma perspectiva feminina”.

² O título do anuário, bem como os textos dele transcritos, têm, aqui, sua ortografia atualizada, de acordo com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Ele será referido, em certos momentos, apenas como *Almanaque*.

Universidade de Caxias do Sul, é investigar, por meio pesquisa bibliográfica e documental, a participação e a recepção de Anália Vieira do Nascimento (1854-1911) no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, entre 1871 e 1898, a fim de contribuir para a ampliação dos estudos relacionados à presença da mulher na literatura. O recorte temporal em questão foi definido por abranger desde o ano da primeira aparição de Anália no *Almanaque* até a última menção a ela realizada no periódico. Para tanto, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos: a) Coletar dados documentais sobre Anália Vieira do Nascimento, a fim de esclarecer informações relativas à vida da escritora; b) delinear o cenário em que se insere a produção literária de Anália Vieira do Nascimento; c) identificar e analisar a participação feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, traçando um panorama do lugar ocupado pelas mulheres no periódico; d) verificar as produções de Anália Vieira do Nascimento publicadas no *Almanaque* e eventuais textos encontrados em outros veículos; e e) construir um panorama das recepções dos textos de Anália Vieira do Nascimento e dos diálogos estabelecidos entre ela com seus leitores, a partir de escritos presentes no próprio *Almanaque*.

O interesse por este trabalho surgiu a partir da implantação do projeto de pesquisa interinstitucional intitulado “Retratos de Camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses” (CAMAFEU), vencedor do edital nº 13/2015 “Memórias brasileiras: biografias” da Capes e reunindo pesquisadores da PUCRS (instituição líder), da FURG e da UCS. Coordenado pela professora Doutora Maria Eunice Moreira (PUCRS), o projeto propõe a produção das biografias de onze escritoras gaúchas – a saber, Anália Vieira do Nascimento (Porto Alegre), Andradina América Andrade de Oliveira (Porto Alegre), Arminda (Itaqui), Cândida Fortes Brandão (Cachoeira do Sul), Ibrantina Cardona (Porto Alegre), Júlia César Cavalcanti (Pelotas), Julieta de Mello Monteiro (Pelotas), Luísa Cavalcanti Guimarães (Pelotas), Maria Clara da Cunha Santos (Pelotas), Sofia A. Benny (Pelotas) e Tercília Nunes Lobo (Porto Alegre) – que publicaram no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Muitas dessas mulheres tiveram seus nomes relegados ao esquecimento pela historiografia literária. Por meio da recuperação aqui proposta, então, busca-se preencher essa lacuna na história da literatura do Rio Grande do Sul, dando visibilidade à produção feminina da região durante um período em que as mulheres tinham limitado acesso à educação e pouco espaço de atuação na sociedade.

Considerando essas questões, o presente estudo reveste-se de relevância acadêmica, cultural e social, na medida em que contribui para a construção de uma nova história da literatura do Estado, além de constituir um avanço para a crítica feminista e para os estudos

sobre a mulher enquanto escritora. Anália foi, dentre as autoras em questão, a mais assídua colaboradora do *Almanaque*, publicando durante mais de duas décadas no anuário; também foi irmã de João Damasceno Vieira, um dos fundadores no Partenon Literário e autor de vasta produção literária no Rio Grande do Sul e na Bahia, tendo também colaborado com o referido periódico. No entanto, são escassas as informações sobre sua vida e obra, e os poucos dados apresentados por alguns estudiosos, os quais apresentaremos adiante, apresentam divergências. Além disso, não se encontram materiais sobre Anália no Banco de Teses e Dissertações da Capes. Isso torna desafiadora a construção de uma biobibliografia da autora, tarefa que aguarda, há mais de um século, o interesse de acadêmicos e pesquisadores.

Os estudos sobre o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* têm sido desenvolvidos por diversos pesquisadores do Brasil e de Portugal, resultando em publicações de artigos científicos, capítulos de livros a até mesmo obras completas sobre o tema, dentre as quais destacamos, neste trabalho, *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (2014), organizada por Vania Pinheiro Chaves; o artigo “Notas para o estudo da presença feminina no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro” (2011), também de autoria de Chaves; a obra *Anália Vieira do Nascimento: 1854-1911* (2017), de Beatriz Weigert, publicada pela Biblioteca Nacional de Portugal; e *As senhoras do Almanaque: catálogo da produção de autoria feminina* (2014), de Vania Pinheiro Chaves, Isabel Lousada e Carlos Abreu, valiosa fonte de pesquisa sobre a participação de mulheres no anuário português. É importante destacar, ainda, que, em 2018, lançou-se a obra *Mulheres gaúchas na imprensa do século XIX: Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, de organização de Cecil Jeanine Albert Zinani, com a qual contribuíram bolsistas de iniciação científica do Curso de Graduação em Letras e em Psicologia, mestrandos, mestres e pesquisadores da Universidade de Caxias do Sul, além de colaboradores externos. A autora desta dissertação publicou na obra o capítulo “Anália Vieira do Nascimento: princípios para uma biografia”, em que apresenta o desenvolvimento de seus estudos, ainda em fase inicial, sobre a poetisa porto-alegrense. Entretanto, muito ainda há a ser explorado em relação a Anália e sua participação no *Almanaque*, bem como sobre a presença feminina de forma geral no periódico.

Este estudo ocorrerá, inicialmente, por meio da revisão bibliográfica tradicional, valendo-se de subsídios sobre História da Literatura e focalizando questões relacionadas à participação da mulher enquanto escritora no cenário nacional e sul-rio-grandense. Aportes teóricos dos Estudos de Gênero também constituirão uma importante fonte de pesquisa, na medida em que questionam as noções de *masculino* e de *feminino* enquanto dados biológicos, evidenciando sua formação enquanto construtos históricos e sociais, o que,

consequentemente, contribui para a desnaturalização do lugar e dos papéis que são atribuídos à mulher na sociedade.

Para investigar a recepção dos poemas de Anália, dispõe-se de subsídios oriundos de autores como Roger Chartier, Roger Escarpit, Pierre Bourdieu e Antonio Candido. Toma-se, portanto, a ideia de leitura enquanto uma prática cultural que se modificou e se modifica constantemente ao longo dos tempos. A Sociologia da Leitura, em que se inserem esses autores, encontra-se entre as principais correntes das teorias da recepção, que surgiram em meados do século XX, a partir do redimensionamento das noções de *autor*, *texto* e *leitor*. (ZAPPONE, 2009), e investiga as práticas de leitura sob a perspectiva social.

Apresentando suas primeiras nuances desde a *Poética* de Aristóteles, em que se discute a experiência da catarse como determinante para a definição da qualidade de uma tragédia, a questão da recepção só é retomada, nos estudos literários, na segunda metade do século passado. No século XIX, os estudos em Teoria da Literatura, que começavam a se desenvolver, sob parâmetros positivistas, se voltaram quase que exclusivamente para a figura do autor, considerado o grande detentor do sentido de uma obra – esta, por sua vez, seria fruto de uma espécie de gênio inventivo do indivíduo.

Essa abordagem recaiu em uma crítica biográfica, e, em certo momento, viu-se a necessidade de redirecionar as atenções ao próprio texto literário, como objeto de estudo da Teoria da Literatura, que começava a se afirmar como ciência. Assim, no início do século XX, a crítica formalista instituiu o estudo imanentista do texto – este constituído a partir de um trabalho estético com a linguagem. Esse tipo de crítica foi responsável por atribuir exclusivamente à textualidade todas as chaves para interpretação de uma obra. A abordagem imanentista, contudo, também deixou de ser suficiente na medida em que avançavam os estudos sobre a relação entre língua e sociedade, com correntes como a sociolinguística, a pragmática e a análise do discurso.

É dessa forma que o leitor começa a ganhar visibilidade enquanto peça substancial no processo de leitura. Se nem mais o autor pode determinar o sentido de uma obra, atuando apenas como um artífice, um articulador de ideias, nem o texto pode, sozinho, dizer tudo que é necessário para sua compreensão e interpretação, assume-se o leitor – considerado individual ou coletivamente – como concretizador da obra literária e principal responsável por atribuir-lhe significado. Assim, portanto, constitui-se o sistema literário:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é

passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2006, p. 84).

Quanto à estrutura desse sistema, Escarpit (1969), um dos pioneiros da Sociologia da Leitura, também considera a existência de autores, livros e leitores, que influem uns sobre os outros, constituindo um cenário complexo que envolve a produção artística, questões mercadológicas, políticas, entre outras:

Em todos os pontos do circuito, a presença de indivíduos criadores põe problemas de interpretação psicológica, moral e filosófica; a mediação das obras põe problemas de estética, estilo, linguagem, técnica; finalmente a existência de uma coletividade-público põe problemas de ordem histórica, política, social e até mesmo econômica. Por outras palavras, há – pelo menos – mil e uma maneiras de explorar o facto literário. (ESCARPIT, 1969, p. 9-10).

A conexão estabelecida entre leitor e texto, portanto, é de caráter dialógico, em que o primeiro agrega o texto em questão, com todas as suas particularidades, a sua própria história, e o segundo passa a carregar, em sua identidade de obra literária, a interpretação realizada sob o crivo do indivíduo produtor da leitura. Zilberman esclarece que essa relação

[...] não é fixa, já que, de um lado, as leituras diferem a cada época, de outro, o leitor interage com a obra a partir de suas experiências anteriores, isto é, ele carrega consigo uma bagagem cultural de que não pode abrir mão e que interfere na recepção de uma criação literária particular. [...] Esse leitor, independentemente de sua formação ou profissão, carrega também sua história de leituras, construída a partir de sua relação com a literatura e com outras formas de textos transmitidos pela escrita. Assim, o diálogo entre a obra e o leitor coloca frente a frente duas histórias. (ZILBERMAN, 2008, p. 92).

O papel do leitor deixa de ser passivo; ele se torna “[...] um fator ativo que interfere no processo como a literatura circula na sociedade” (ZILBERMAN, 2008, p. 93). Dessa forma, o texto literário passa a ser visto como um terreno fértil, passível de múltiplas interpretações, na medida em que o público leitor se apresenta bastante heterogêneo, uma vez que inseridos em contextos sociais diversos e carregando consigo conhecimentos prévios também distintos. Assim, a qualidade estética passa a ser relativizada, e a distinção entre alta literatura e literatura de massa, enfraquecida.

Entre os estudos voltados para o papel do público no sistema literário, temos, como um dos principais expoentes, a Estética da Recepção, teoria que surgiu no cenário acadêmico em 1967 com Hans Robert Jauss (1921-1997). Ao realizar a conferência de abertura do ano acadêmico da Universidade de Constança e publicar *A história da literatura como*

provocação à teoria literária, Jauss critica o panorama intelectual contemporâneo e questiona os métodos de ensino de história da literatura, que considera obsoletos. Seus estudos foram realizados tendo em vista a necessidade de se conceber uma nova história da literatura, estruturada a partir da recepção do leitor, responsável pela atualização da obra literária.

A proposta de Jauss, de fato, inaugurou um novo tempo nos estudos em Literatura. Entretanto, a Sociologia da Leitura critica alguns pontos dessa teoria, como o fato de se manter em uma espécie de abstração textual na avaliação de uma obra. Chartier (2002) defende que, no estudo de um texto literário, é imprescindível que se considerem os fatores sociais e materiais envolvidos em sua produção e circulação. Para o historiador, esse é um aspecto indissociável da questão textual:

[...] de modo durável – e paradoxalmente – a história do livro separa o estudo das condições técnicas e materiais de produção ou de difusão dos objetos impressos e a dos textos que eles transmitem, considerados como entidades cujas diferentes formas não alteram a estabilidade linguística e semântica. Há na tradição ocidental numerosas razões para essa dissociação: a força perdurável da oposição, filosófica e poética, entre a pureza da ideia e sua corrupção pela matéria, a invenção do copyright que estabelece a propriedade do autor sobre um texto idêntico a si mesmo, se já qual for seu suporte, ou ainda a definição de uma estética que considera as obras em seu conteúdo, independentemente de suas formas particulares e sucessivas. (CHARTIER, 2002, p. 62).

Dessa forma, é possível integrar autor, obra e público, em um sistema caracterizado por questões de ordem social e cultural. O texto é criado por um indivíduo – o autor –, por meio de um código, inscrito em determinado suporte e publicado em determinada data, e decifrado pelo leitor, em uma criação silenciosa em que, a partir de suas experiências e repertório de leitura, estabelece relações com esse texto, produzindo seu sentido:

[...] todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância. (CHARTIER, 1999, p. 7).

Tendo isso em vista, faz-se necessário investigar, além da trajetória pessoal de Anália Vieira do Nascimento, o cenário em que seus textos são inseridos, o que nos leva a uma pesquisa sobre os almanaques e, mais especificamente, sobre o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, incluindo origem e caracterização do gênero, aspectos tipográficos e textuais, formas de distribuição e relevância nos meios em que circulava. Além disso, em se tratando de uma mulher escritora em um contexto altamente patriarcal, é válido traçar um panorama histórico-social acerca da produção literária desenvolvida por mulheres nesse tempo e espaço.

Dessa forma, é possível distinguir como se constituiu a atuação de Anália no Almanaque, e, pesquisando acerca das relações desenvolvidas entre leitores e escritores do periódico, elucidar o processo de sua recepção.

Além da pesquisa bibliográfica, executou-se uma busca em campo, de cunho documental. Nessa etapa, ocorreram visitas à Cúria Metropolitana e ao Arquivo Histórico de Porto Alegre, a fim de localizar os registros oficiais acerca de Anália Vieira do Nascimento e sua família.

Em seguida, realizou-se a análise dos textos da poetisa e discutiu-se sua recepção no âmbito do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, configurando sua atuação enquanto mulher escritora no Rio Grande do Sul e contribuindo, assim, para a escrita de uma nova história da literatura, liberta dos modelos androcêntricos que delinearam a tradição canônica até então.

Este trabalho se estrutura em cinco capítulos, contando as considerações iniciais como o primeiro, e as finais, como o último. No capítulo seguinte a esta introdução, aborda-se, a partir de fontes históricas, a trajetória percorrida pelas Letras no Rio Grande do Sul, de suas origens à fundação da Sociedade Partenon Literário, na segunda metade do século XIX. Apresentam-se os pontos mais delicados da literatura sulina, como a discrepância cronológica em relação ao restante do Brasil, que lhe confere o estigma do atraso, e a questão regional, inflamada entre os literatos gaúchos, em uma tentativa de afirmação de identidade. Além disso, procura-se delinear o espaço conquistado pelas mulheres nesse contexto, ainda profundamente patriarcal, levando em consideração os estudos desenvolvidos por pesquisadores contemporâneos, que desvelam intensa atuação feminina entre os escritores do Estado. Dessa forma, é possível caracterizar o cenário em que se insere a produção de Anália Vieira do Nascimento, contribuindo para a elaboração de sua biobibliografia, tarefa que integra o rol de objetivos propostos pelo já referido projeto CAMAFEU.

No terceiro capítulo, visa-se a elucidar as origens, características e funções do gênero almanaque, bem como sua relevância nas sociedades europeia e brasileira do século XIX, refletindo sobre sua classificação enquanto objeto da cultura considerada *popular*. Também se introduz o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* nesse contexto, evidenciando suas propostas, editores e formas/locais de impressão e circulação, para, então, realizar-se um mapeamento da produção de autoria feminina ao longo de seus 82 anos de existência, enfocando sobretudo aquela oriunda do Brasil e do Rio Grande do Sul.

Essa trajetória culmina no quarto capítulo, “Anália Viera do Nascimento no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*”, em que se realiza a análise da produção e das

interlocuções de Anália Vieira do Nascimento no periódico, por meio de textos selecionados. Abordam-se, nessa seção, questões referentes ao estilo, gêneros e temas mais explorados pela escritora, bem como os diálogos estabelecidos entre ela e seus leitores. Diversos trechos de composições de sua autoria ou de terceiros são reproduzidos, a fim de demonstrar as características de seus escritos e como elas chamavam a atenção de diferentes frequentadores do anuário. Nessa etapa, são pertinentes as discussões de Bourdieu (1996, 2009), Candido (2006) e Chartier (1999, 2001, 2002, 2009, 2014) acerca do sistema literário, do processo de produção, divulgação e recepção de uma obra. Dessa forma, é possível situar a escritora no contexto do *Almanaque*.

2 A MULHER NA LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE: UMA PRESENÇA MAIS RICA DO QUE SE SUPÕE

“A Escritora – Segundo a opinião de A. Karr, é causadora de dois males. O primeiro é aumentar o número de livros; o segundo é diminuir o número de mulheres.”

***Novo Almanaque de Lembranças
Luso-Brasileiro para 1901***

Este capítulo será organizado em três seções: a primeira apresenta um breve mapeamento do desenvolvimento cultural e literário no Rio Grande do Sul, abrangendo desde suas origens até a segunda metade do século XIX, com a fundação, expansão e encerramento da *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Foi nesse período, também, que surgiu o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, e que ocorreu a participação de Anália Vieira do Nascimento. Nesse primeiro momento, exploraram-se fontes históricas. Em seguida, busca-se delinear o espaço conquistado pelas mulheres nesse contexto, discutindo-se a condição da mulher escritora por meio de aportes teóricos dos Estudos de Gênero. Finalmente, apresenta-se a figura de Anália Vieira do Nascimento, com informações inéditas sobre sua vida, a fim de lançar luz sobre seu nome e inscrevê-la na historiografia literária do Rio Grande do Sul.

2.1 O DESENVOLVIMENTO DAS LETRAS SULINAS: UMA BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA

2.1.1 As origens

“Estudar a literatura rio-grandense é, de certo modo, abrir um livro de sociologia” (CESAR, 1971, p. 30). De fato, reconhece-se que o material literário constitui significativa fonte de pesquisa sobre história, política, costumes e modo de vida da sociedade em que se insere, seja essa qual for. A colocação de Guilhermino Cesar, entretanto, em sua *História da literatura do Rio Grande do Sul*, concerne àqueles aspectos de que tanto tratam os pesquisadores ao abordar a questão da produção, consumo e distribuição da literatura no estado gaúcho, aspectos esses que tornam o problema das letras sulinas bastante peculiar em relação ao que se registra no restante do Brasil.

Um dos primeiros pontos a serem considerados, ao se desenvolver um panorama da literatura no Rio Grande do Sul, é a integração tardia à administração brasileira. Acessado pelos portugueses ainda no início do processo de colonização, em expedições de exploração e comércio de pau-brasil, o solo gaúcho permaneceu inexplorado por mais de um século, visto que os interesses se concentravam, no momento, nos engenhos de açúcar, localizados principalmente na região nordeste. (PESAVENTO, 1980).

Até então, o substrato étnico das terras do Sul consistia no indivíduo guarani. Foi a partir da segunda década do século XVII que nelas se estabeleceram as Missões espanholas, no noroeste gaúcho, sob a responsabilidade dos jesuítas, que iniciaram o desenvolvimento de uma sociedade ainda anticapitalista, fundada sobre a agricultura e a criação de gado e baseada no sistema imperialista europeu, levantando, “ao invés do rei, a bandeira de Cristo”. (GONZAGA, 1980, p. 113). Formaram-se, assim, diversos aldeamentos, dentre os quais sete prosperaram, constituindo o que conhecemos como os Sete Povos das Missões³.

Nos anos seguintes, uma série de acontecimentos foram responsáveis pela formação de uma população heterogênea, de identidade fragmentada⁴, como os inúmeros conflitos políticos e ideológicos que ocorreram no território do Rio Grande de São Pedro. Os bandeirantes paulistas, ao chegarem em busca de nativos que pudessem servir de mão de obra escrava, depararam-se com um contingente satisfatório de indígenas já submissos e qualificados para o trabalho, graças ao “adestramento” realizado pelos padres europeus. Após diversos ataques, que deflagraram a primeira guerra sediada na Província, por volta de 1640, os castelhanos são expulsos do local e muitos índios preados. Mais tarde, descem de Laguna os primeiros povoadores da costa, e, a partir do século XVIII, insere-se um dos principais elementos para a formação da sociedade sul-rio-grandense: o imigrante açoriano. (PESAVENTO, 1980).

³ Composto pelas reduções de São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo Custódio, localizadas a leste do Rio Uruguai. Muitas de suas ruínas permanecem conservadas na região.

⁴ É válido recorrer à Sociologia e Antropologia quando se aborda a questão da identidade cultural. Denys Cuche, em *A noção de cultura nas ciências sociais*, define-a como “[...] nada além de um sentimento de vinculação ou uma identificação a uma coletividade imaginária em maior ou menor grau” (CUCHE, 2002, p. 181). Para o autor, ainda, a instabilidade é atributo indissociável de todas as identidades, que não passam de construções sociais (preferindo, inclusive, a utilização do termo *identificação* ou *identificações*, que designam melhor a constante mobilidade desses construtos). Entretanto, é esse sentimento de pertencimento a certa cultura – e, consequentemente, de distanciamento em relação às outras – que caracteriza as diferentes sociedades. Em outras palavras, a identificação cultural trata-se de um contínuo processo pautado na semelhança e, ao mesmo tempo, na diferença.

A partir de então, com o fim do Domínio Espanhol⁵, as disputas entre Portugal e Espanha pelas terras do Rio da Prata se estenderam até o início do século XIX. Em 1760, a Capitania do Rio Grande de São Pedro é definitivamente incorporada ao Governo Imperial, sob a dependência do Rio de Janeiro. Vence o luso, cuja língua e cultura já haviam sido introduzidas aos nativos. Gonzaga (1980, p. 114) comenta, acerca da visão portuguesa sobre o autóctone do Sul, que

pouco se sabia desses indivíduos denominados gaudérios ou gaúchos. Sua origem residia tanto na dispersão das Missões quanto no estupro das índias, prática corriqueira de bandeirantes e soldados. Eram tipos indiáticos, mestiços, raros os brancos. Haviam herdado dos guaranis a habilidade para a lide pastoril, a capacidade para montar, mas – na diáspora geral do mundo aborígine – perderam a sua identidade, tornando-se marginais.

A esse indivíduo, somam-se os fluxos migratórios de camponeses germânicos (iniciado por volta de 1824) e italianos (a partir de 1875), que fixam suas colônias nas terras sulinas, buscando uma qualidade de vida escassa na Europa, que passava pela transição para o modelo econômico capitalista. Assim, forma-se a população heterogênea habitante do extremo sul brasileiro. (CESAR, 1971).

Para compreender como as atividades culturais e literárias se desenvolveram nessa conjuntura, também é fundamental que se considere a atmosfera bélica que pairava sobre as estâncias gaúchas nesse período. Além da resistência às investidas dos castelhanos e dos diversos conflitos de esfera internacional, destacam-se, aqui, a Revolta dos Farrapos (1835-1845) e a Revolução Federalista (1893-1895), protagonizadas pelo gaúcho⁶.

Após a independência, instituiu-se, no Brasil, o período do 1º Reinado, com a monarquia centralizada no Rio de Janeiro. No Rio Grande do Sul, é nesse momento que a pecuária perde o protagonismo da economia local para o charque. Os estancieiros gaúchos, percebendo exploração econômica por parte do centro do País, que impunha altas taxas aos produtos locais, promovem um grande movimento contra o governo. Eclode, então, em 1835, a Revolução Farroupilha; os revoltosos reivindicavam um modelo de administração republicana, além da independência política em relação ao domínio central. Dez anos depois, eles aceitam a proposta de paz oferecida pelo governo, mediante certas vantagens, como a

⁵ O domínio espanhol no Império Português ocorreu entre 1580 e 1640, constituindo um período de união entre Portugal e Espanha – denominados, então, União Ibérica – em que, com o falecimento de D. Sebastião, que não deixou descendentes para a Coroa, Felipe II, então rei da Espanha, assume o trono e implementa um governo conjunto. Uma das consequências dessa união foi a suspensão do Tratado de Tordesilhas, que dividia as terras da América entre portugueses e espanhóis.

⁶ O número de combates que tiveram como palco o reduto gaúcho é extenso, em sua maioria por disputa de terras, e não cabe, aqui, aprofundarmo-nos em cada um deles, visto que isso fugiria ao propósito deste estudo.

diminuição de impostos (PESAVENTO, 1980). Mais tarde, a Revolução Farroupilha se tornaria o principal pretexto para forjar a imagem destemida e heroica do povo sulino que ocupará, inclusive, as páginas literárias.

Após mais de quatro décadas, o Brasil já se encontrava em sua primeira fase republicana, e o Rio Grande do Sul sob a liderança de Júlio de Castilhos. Os federalistas ou maragatos, principal oposição ao governo gaúcho, defendiam a adoção de um sistema de gestão parlamentar. Organizaram-se em torno de Gaspar Silveira Martins, que fundou do Partido Federalista Brasileiro, em 1892, na cidade de Bagé, dando início ao que provavelmente se configurou como o conflito mais sangrento que o solo gaúcho já vivenciou: “A revolta federalista notabilizou-se pelos atos de violência, sendo a degola a forma preferida de execução. A cada ato de barbarismo cometido contra um dos grupos rivais, o opositor respondia com novas atrocidades” (PESAVENTO, 1980, p. 79). A população do estado se viu dividida em duas posições políticas rivais. Em 1895, os federalistas recuam e optam por assinar o acordo de paz, admitindo sua derrota.

Nesse ambiente, acometido por incessantes batalhas, pouco espaço era cedido à instrução formal⁷ e a manifestações culturais, e pouco interesse também seu povo demonstrava por essas atividades. Dessa forma, as primeiras expressões poéticas no Rio Grande do Sul ocorrem no plano da oralidade, sob a forma de cantos líricos, intelectualmente insipientes, como destaca João Pinto da Silva, na *Historia literaria do Rio Grande do Sul* (1924), considerada a primeira obra histórica sobre o assunto:

Durante anos e anos, [...] as nossas rudimentares necessidades espirituais se satisfizeram com os versos e lendas anônimas, de germinação espontânea, do *folklore*, oriundas daqui, ou importadas pelos primeiros imigrantes portugueses. Estes, por sua vez, não eram da Península, mas dos Açores, sem tradições literárias, portanto, sem patrimônio cultural de qualquer espécie. (SILVA, 1924, p. 28).

Apesar de um tanto radicais, as declarações de Silva não deixam de corresponder a uma realidade: a de que a situação do Rio Grande do Sul, realmente, não era favorável à erudição. No âmbito da literatura, a figura de um autor ou escritor era improvável: os versos percorriam os campos, sendo modificados e complementados na medida em que circulavam

⁷ Cesar (1971) destaca, como principal causa para os níveis ínfimos de escolarização do povo sul-rio-grandense até o século XIX, a baixa influência do clero, que, no restante do País, preocupou-se em instituir escolas e investir na instrução da população, com vistas a inserir a cultura europeia e qualificar mão de obra para o trabalho. Se os jesuítas lançaram as sementes da educação formal entre os guaranis das Missões, estas parecem não ter germinado entre seus representantes remanescentes. Silva (1924) aponta, a respeito do assunto, que só em 1800 Porto Alegre tem sua primeira escola regular, ainda em estreitas relações com a religião católica. Até então, aqueles que aprendiam a soletrar o conseguiam de maneira informal, com a ajuda de qualquer indivíduo que soubesse e se dispusesse a ensinar.

pela boca dos trovadores anônimos, em uma grande criação coletiva, tal qual as grandes épicas gregas da Antiguidade.

Cesar (1971) chama a atenção para o fato de que foi graças ao trabalho de coleta iniciado por Apolinário Porto Alegre (1844-1904) e continuado por outros estudiosos⁸ que pudemos tomar conhecimento das poesias de tradição oral que percorreram a campanha. As duas consideradas mais expressivas compilações desse gênero, o *Cancioneiro guasca* (1910), de João Simões Lopes Neto, e o *Cancioneiro gaúcho* (1952), de Augusto Meyer, revelam os principais motivos cultivados pelos menestréis do Rio Grande do Sul: a lide do campo, o pastoreio, lendas populares, paixões, a virilidade masculina, a rejeição à monogamia, a vida errante e, como tema principal, a figura do cavalo, companheiro de empreitadas. Para compor o mundo gauchesco, misturam-se elementos de procedência popular e da ideologia dos senhores de terras e de gado. O negro e o platino ficam em segundo plano, e as influências da “religiosidade ingênua” também são mínimas, restringindo-se a pontuais menções ao nome do Deus católico. Nisso, difere fortemente do que se conhece acerca dos textos literários inaugurais nos centros do País, em sua maioria ligados diretamente ao clero.

Observando o cancionero sul-rio-grandense, é possível verificar a presença de um aspecto peculiar, que permeia todos esses temas, inclusive aqueles que mais se aproximam de uma suposta universalidade: o traço regional. Este está presente, primeiramente, nos acentos fonéticos empregados na oralidade e no vocabulário empregado, constituindo o que Cesar (1971, p. 31) considera como “fronteira linguística”, que se impõe ao problema literário tanto quanto a fronteira geográfica. Tomemos um dos exemplos apresentados pelo autor, retirado do *Cancioneiro gaúcho*:

Quando ato a cola do pingo
E ponho o chapéu de lado,
E boto o laço nos tentos,
Por Deus que sou respeitado!

Desde guri eu já era
Um monarca abarbarado,
Ninguém me pisou no poncho
Que não ficasse pisado. (MEYER apud CESAR, 1971, p. 48-49).

Além das idiossincrasias no plano linguístico, é possível identificar certa ligação dos poetas com os elementos naturais da terra que povoam, fato já esperado vindo de um local

⁸ O autor cita os nomes de Carlos von Koseritz, que divulga sua coletânea a pedido de Silvio Romero, Cezimbra Jacques, Graciano de Azambuja, Alfredo Ferreira Rodrigues, João Simões Lopes Neto, Múcio Teixeira, Pedro Luís Osório, Walter Spalding, Contreiras Rodrigues e Augusto Meyer.

onde predomina a pecuária⁹. Isso se verifica nas imagens tiradas da paisagem, da flora, da toponímia, dos acontecimentos locais. A atmosfera telúrica constitui, com efeito, uma das mais significativas distinções da literatura local, perdurando desde suas origens até muitas publicações atuais.

Um ponto que intriga diversos pesquisadores é o caso que circunda o orgulho do heroísmo e valentia do homem gaúcho, que, apesar de ser um tema extremamente corriqueiro aos poetas e trovadores, não foi suficiente para fomentar a produção de um poema épico, propriamente dito, na região. Mesmo a Revolução dos Farrapos e os demais conflitos armados não renderam mais do que pouco reconhecimento em isoladas quadras populares, como observa Silva (1924, p. 36) ao citar que “O único poema que evoca, a largos traços, acontecimentos militares desenrolados sobre território rio-grandense, o *Uruguay*, não é da lavra de conterrâneo nosso: foi escrito pelo mineiro Basílio da Gama”. Ele ainda enfatiza que mesmo a escola condoreira, corrente que marcou a terceira geração do Romantismo e valorizou as pautas sociais, não teve número considerável de adeptos por estas terras. Mais tarde, viria a ser retomada, mas, mesmo assim, as produções do gênero não se popularizaram. Vellinho (1944, p. 70-71) comenta essa questão, afirmando que

Desde cedo a alma anônima do povo aproveitava os rápidos intervalos que iam de uma a outra guerra para recolher-se e tentar os primeiros arremedos de criação literária. Assim apareceram, canhestras, ainda cheias de medo, as manifestações líricas iniciais, traduzidas nas redondilhas do populário gauchesco. Elas só quase falam de amor. A graça e o entono que têm são inteiramente alheios ao ânimo guerreiro que esbraseava a atmosfera. Falta a essas gestas primitivas o tônus épico que imperava em torno. Tal omissão, que o Sr. João Pinto da Silva encara como um fato estranho e paradoxal, não valerá antes como a contraprova mais expressiva de que entre nós a guerra correspondeu apenas a uma contingência histórica, nunca a um programa ou ideal de vida?

Também a prosa de ficção custou a obter admiradores entre os literatos sul-rio-grandenses, eivados, até o início do século XX, pela predominante preferência ao verso. Pode-se afirmar que isso se deve a dois fatores principais: primeiramente, é importante considerar a maior facilidade de divulgação, visto que, em uma época em que inexistiam editoras de livros¹⁰, a declamação oral – ou, mais tarde, no século XIX, a publicação em pequenas notas de jornais – eram as modalidades viáveis para promover a transmissão das criações literárias;

⁹ Após o embate final entre bandeirantes e jesuítas, estes fugiram à outra margem do rio Uruguai, deixando à solta o gado. “Estes rebanhos, abandonados no pampa e reproduzindo-se à solta, tornaram-se bravios e formaram uma imensa reserva de gado, conhecida como ‘Vacaria del Mar’. Estava lançado o fundamento econômico básico de apropriação da terra gaúcha: a preia do gado xucro” (PESAVENTO, 1980, p. 9).

¹⁰ Tem-se conhecimento de que os jesuítas já tinham imprimido, muito rudimentarmente, alguns livros, mas escritos em guarani. O primeiro jornal passa a existir em 1827; e o primeiro livro, em 1834, ainda de forma muito modesta.

además, a atmosfera era favorável à adoção dos cânones românticos, constituídos majoritariamente por escritores de poesia (ZILBERMAN, 1992). Cesar (1971, p. 52), ao propor reflexões sobre a ausência dos gêneros prosaicos no estado gaúcho, que não germinaram mesmo durante as grandes batalhas, que poderiam servir de sugestão aos seus entusiastas, levanta a possibilidade de que “Talvez se pudesse responder dizendo que a formação gaúcha, de base aluvionária, ainda não atingira, no período farroupilha, o grau de identificação, de uniformidade psicológica imprescindível à perpetuação dos romances”. O pesquisador cita, também, que até meados do século XIX o estado contabilizava um único escrito que se aproximava do romance: o *Lunar de Sepé*¹¹, escrito em versos, de origem missioneira.

A primeira produção em prosa surge, no Rio Grande do Sul, em 1847, com o romance *A divina pastora*, de José Antônio do Vale Caldre e Fião¹² (1824-1876), mas o gênero só vem a se difundir, como antes comentado, no século seguinte, quando a atividade literária começa a adquirir força, sobretudo com a criação da Sociedade Partenon Literário, em 1869 (que perduraria até 1885), e de seu veículo de comunicação, a *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, no ano seguinte, acontecimentos considerados os principais marcos no desenvolvimento das letras no estado.

Quando da criação do Partenon, a imprensa na região ainda dava seus primeiros passos. O primeiro jornal, *Diário de Porto Alegre*, surgira em junho de 1827 – o Rio de Janeiro teve seu primeiro jornal em 1808; a Bahia, em 1811 –, sendo interrompido no mesmo mês do ano seguinte. A fundação do jornal foi possível devido à compra de uma tipografia – que viria a se chamar Tipografia Riograndense – por parte do então presidente da Província João Oliveira e Daun (BARRETO, 1986). Os periódicos dedicados à literatura ainda demoram algumas décadas para surgir, até que, em 1856, o semanário *O Guaíba*, também da capital, editado por Carlos Jansen e de circulação até 1858, dá abertura para o início de manifestações literárias de maneira organizada e sistemática:

A contar daí os nosso poetas e escritores apareceram em grupo, unidos por ideais e aspirações comuns, e o seu esforço conjugado, além de marcar fundamente a sua

¹¹ Recolhido por Simões Lopes Neto em *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Relata a história de Sepé Tiaraju, índio guerrilheiro símbolo da resistência guarani às investidas das tropas espanholas e portuguesas contra as reduções missionárias, durante a Guerra Guaranítica (1753-1756), em consequência das demarcações territoriais definidas pelo Tratado de Madrid (1750).

¹² É mister frisar que *A divina pastora* foi o primeiro romance do estado do Rio Grande do Sul e o segundo conhecido em nível nacional; a opção pela literatura em verso não foi constatada apenas entre os sulinos, mas em todo o território nacional. Porém, o romance de Caldre e Fião permaneceu desaparecido por muito tempo, até ser descoberto em 1992, em Mondevideu, e reeditada pelo grupo RBS. Logo em 1851, o médico e escritor lança sua segunda obra, intitulada *O corsário*, publicada em folhetins pelo jornal *O Americano*, do Rio de Janeiro.

época, revelou, ademais, laços de estreita afinidade com os outros românticos do Centro e do Norte. (CESAR, 1971, p. 153-154).

A filiação romântica dos autores presentes no jornal é prevalecente, seguindo a tendência nacional – a escola em questão já vigorava, no restante do Brasil, há cerca de duas décadas¹³ e começava a declinar. Seus principais representantes, nas páginas d’*O Guaíba*, são mencionados por Cesar (1971): João Vespúcio de Abreu e Silva (1830-1861), Félix da Cunha (1833-1865), Rita Barém de Melo (1840-1868), Pedro Antônio de Miranda (1843-1900) e João Capistrano Filho (1834-1864). Alguns anos mais tarde, Antônio Joaquim Dias inaugura, na cidade de Rio Grande, outra publicação de proeminência para o cenário literário ainda preambular da região: a revista *Arcádia* (1867-1870), com textos sob a assinatura de, entre outros nomes, Clarinda da Costa Siqueira (1818-1867).

Mas é com a Sociedade Partenon Literário (1868-1899) que a literatura do Rio Grande do Sul começa a, de fato, tomar fôlego e ganhar forma, conforme já mencionado. Antes disso,

não se formara ainda aquele ‘sistema’ a que se refere Antonio Candido. Sistema entendido como uma conjugação orgânica de produtores e receptores literários, ligados por mecanismos de transmissão, textos escritos, obras que assegurem certo acúmulo de experiência, certa continuidade, e dessa forma, garantam a permanência da vida cultural e artística. Normalmente, o sistema literário apenas se completa quando a ‘polis’ adquire complexidade social. (GONZAGA, 1980, p. 123).

Localizada em Porto Alegre, na sede da Sociedade Firmeza e Esperança, na antiga Rua de Bragança¹⁴ (SILVEIRA; BAUMGARTEN, 1980), a agremiação teve, entre seus precursores, duas figuras de destaque: Caldre e Fião, na posição de presidente, e Apolinário Porto Alegre, como principal expoente. Silva (1924) estima, porém, que mais de 1000 colaboradores, oriundos de locais espalhados por toda a Província, a tenham integrado de alguma forma.

2.1.2 O Partenon Literário e sua Revista

Partenon, nome escolhido para identificar a sociedade, faz referência direta ao templo homônimo datado do século V a.C., erguido na Grécia em homenagem à deusa Atena. A

¹³ Considera-se que o marco inicial do movimento ocorreu em 1836, com a publicação de *Suspiros poéticos e saudades*, compilação de poemas de Gonçalves de Magalhães; 45 anos depois, em 1881, o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, inaugura a vertente realista.

¹⁴ Atual Marechal Floriano.

inspiração europeia que pautou a idealização da associação é descrita por Gonzaga (1980, p. 124) como

um sonho de desenraizamento, localizado a cada instante nos objetos artísticos, tanto no aspecto temático, quanto em seus componentes técnico-formais. Destino de um país periférico, cuja configuração econômica sempre obedeceu aos interesses das potências imperialistas do Ocidente, seus intelectuais acabariam impregnando-se com os valores metropolitanos. Colonizados pelos “padrões sublimes da civilização”, procuravam escrever como Byron, pintar como os acadêmicos franceses, compor como Verdi, e assim por diante.

Os principais objetivos do Partenon Literário compreendiam fomentar as artes, a instrução pública e o debate político e cultural em todo o território provinciano, com o apoio de colaboradores habitantes de diferentes cidades, impulsionando, assim, a intelectualidade sul-rio-grandense. Caldre e Fião emprestou seu prestígio pessoal à entidade. Ele já era, à época, um escritor conhecido, tendo fundado e dirigido o jornal *Filantropo*, entre 1849 e 1851, enquanto vivia no Rio de Janeiro, em cujas páginas defendia ideais abolicionistas. Retornou, ainda nos anos 50, ao Rio Grande do Sul, à frente das atividades do Partenon. Apolinário Porto Alegre, por sua vez, trabalhou como professor – instituiu, inclusive, o Colégio Porto Alegre, em 1867, e o Colégio Rio-Grandense, em 1870 – jornalista e político, tendo integrado o Partido Federalista. (PIVA, 2000).

Ambos os membros carregaram, para dentro da agremiação, seus princípios políticos, não se alienando aos acontecimentos e inquietações do período – dentre eles, destacam-se a Guerra do Paraguai¹⁵, que ainda estava em curso, as tensões em torno do regime governamental brasileiro, marcada por manifestações em prol da implantação da república, e o fortalecimento da campanha abolicionista (PIVA, 2000). O Partenon atuou, nesse sentido, como um centro irradiador de ideias e tribuna de debates sobre questões sociais: a Revolução Farroupilha, o casamento, a pena de morte e o feminismo são alguns dos tópicos abordados.

Outro mérito devido a seus membros, a instituição de aulas noturnas gratuitas para alfabetização de adultos (que foram suspensas apenas em 1884, por dificuldades financeiras), revela a preocupação humanística da Sociedade; também foram criados uma biblioteca, reunindo obras principalmente nas áreas da Filosofia, História e Literatura, e um museu, em

¹⁵ Conflito armado entre o Paraguai e a Tríplice Aliança – composta por Brasil, Argentina e Uruguai – ocorrido entre 1864 e 1870. O país governado por Francisco Solano López Carrillo (1827-1870) pretendia conquistar terras da região da bacia do Rio da Prata, a fim de obter saída para o Oceano Atlântico. A guerra teve o Rio Grande do Sul como um de seus palcos e acabou com a morte do presidente paraguaio, deixando mais de 300 mil mortos e uma situação econômica crítica para o país sul-americano.

que se encontravam seções de Mineralogia, Arqueologia, Numismática e Zoologia. (PIVA, 2000).

O Partenon Literário nunca teve uma sede própria, mas seu programa granjeou resultados expressivos como nunca antes vistos na história da literatura sul-rio-grandense. A *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, por exemplo, um de seus principais empreendimentos, constituiu o primeiro periódico de destaque no que diz respeito à divulgação de produções literárias de autores locais.

O primeiro número da *Revista* surgiu em março de 1869, organizado por Apolinário Porto Alegre¹⁶. Nesse ano, ela circulou mensalmente, sendo interrompida em 1870 e reaparecendo somente em julho de 1872. Em junho de 1876, sofreu novo recesso, e novamente foi retomada em agosto de 1877, com periodicidade quinzenal até o mês de outubro. No ano seguinte, houve o último intervalo, e, em abril de 1879, a última ressurreição, sob a direção de José Bernardino dos Santos, e novo nome: *Revista Contemporânea do Partenon Literário*. Publicaram-se seis números mensais até setembro, e depois, ao que tudo indica, desapareceu por completo. (VILLAS-BÔAS, 1976).

A publicação reunia, principalmente, poesia, teatro, estudos, editoriais, discursos proferidos nos encontros da associação, biografias, crítica literária¹⁷, contos e narrativas em geral. Entre os nomes mais assíduos, ao longo dos quase 11 anos de edição, estão os dos irmãos Porto Alegre – Apolinário, Aquiles e Apeles, com 80, 50 e 29 textos, respectivamente –, José Bernardino dos Santos (32 textos), Hilário Ribeiro (30 textos), Caldre e Fião (29 textos), João Damasceno Vieira Fernandes¹⁸ (25 textos) e Múcio Teixeira (21 textos). O filão romântico caracterizou, em maior ou menor grau, a escrita de todos eles, como aponta Cesar (1971, p. 173) ao afirmar que “Um traço comum os irmana – o romantismo liberal, humanitarista e republicano. Mas, ardentes uns, tépidos outros, constituíram, em realidade, a primeira geração que, sem discrepância, trabalhou os valores já maturados da cultura local”. É com o Partenon que se inaugura, de fato, o ciclo da literatura regionalista. O saudosismo, o “monarca das coxilhas”, livre, heroico; os rebeldes da Revolta dos Farrapos, todos esses

¹⁶ O periódico possuía uma Comissão de Redação, em que figuravam Vasco de Araújo e Silva, Apolinário Porto Alegre, Lúcio Porto Alegre, Aurélio V. de Bittencourt, Juvêncio A. de Menezes Paredes e Hilário Ribeiro de A. e Silva, todos membros da sociedade, que se revezavam na organização do número de cada mês. (VILLAS-BÔAS, 1976).

¹⁷ É importante frisar que, durante o século XIX, ainda não existia uma Teoria da Literatura enquanto disciplina acadêmica, e, conseqüentemente, a chamada crítica literária se configurava de maneira muito diferente do que se conhece nos dias de hoje; tratavam-se, em geral, de composições ausentes de pressupostos teóricos, tratando principalmente sobre impressões de leitura, aproximando-se do que atualmente conhecemos como resenha.

¹⁸ Irmão da poetisa Anália Vieira do Nascimento, objeto de estudo desta dissertação.

temas permeavam as páginas da *Revista Mensal*. Inicia-se, então, o processo de construção do que mais tarde viria a ser conhecido como o “mito do gaúcho”:

O peão da estância, herdeiro do monarca das coxilhas, do herói dos tempos primevos, o peão que era já agora uma desbotada imagem da liberdade e ousadia do outro, passou a representar para os escritores, por efeito de uma transposição perdoável, o brio, a altivez e a coragem pessoal do antigo senhor das savanas. Ocupou, aqui, o lugar que coubera ao índio e ao negro na literatura liberal que desde Macedo enfartara as letras do centro e do norte do país. Para o seu sofrimento, a sua resignação de pária em decadência, caminhou célere a imaginação dos nossos artistas. Fixaram-no de mil modos – nas fainas da vida campeira, nas rixas políticas, nas carnagens da luta externa, nimbado sempre por uma auréola de campeão medieval. Puro romantismo, animado por uma indiscutível autenticidade crioula. (CESAR, 1971, p. 173-174).

O valor dos textos veiculados na *Revista* é considerado, atualmente, muito mais histórico do que artístico (ZILBERMAN, 1992). Realmente, percebe-se, entre os poetas do Partenon Literário, uma tentativa de imitar os modelos europeus, recebidos por intermédio do centro e norte do País. O periódico se encerra devido a dissidências internas, que inclusive ocasionam o surgimento da revista *Murmúrios do Guaíba*, em 1870 (SILVEIRA; BAUMGARTEN, 1980). De qualquer forma, é a partir da Sociedade que a literatura do Rio Grande do Sul adquire o caráter de integração, necessário à formação de um sistema literário (CANDIDO, 2006) congregando e permitindo o diálogo entre diversos autores e diversos tipos de público, espalhados por todo o estado. Assim, engatinha rumo à autonomia e ao desenvolvimento de sua própria qualidade estética, que começa a desabrochar de forma mais consistente no século XX.

2.2 OMISSÕES: O (NÃO) LUGAR DAS PRODUÇÕES FEMININAS

O registro e os estudos sobre as atividades artísticas desenvolvidas no estado gaúcho têm, nos dias atuais, se ampliado significativamente, fazendo com que parte considerável dos escritores sul-rio-grandenses já possua seu espaço na historiografia literária e na esfera acadêmica em geral, e afastando, cada vez mais, a imagem de subdesenvolvimento.

Às mulheres, entretanto, essa visibilidade foi, em muito, negada, e as produções femininas, seguindo a tendência nacional e mundial, ainda muito permanecem ignoradas. Essa situação é, em parte, resultado da condição de alteridade a que o sujeito feminino foi imbuído ao longo dos tempos, como bem elucida Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*, ao explicitar a oposição *Um/Outro*, norteadora das relações de gênero, que se faz presente nas sociedades de forma geral:

A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela: a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. [...]

Nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como inessencial; não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. (BEAUVOIR, 1980, p. 12).

Compreende-se que a manutenção do patriarcado ocorre por meio de um processo de alienação, em que a mulher é cooptada a compartilhar de uma experiência que a marginaliza (CULLER, 1997), o que se repete em praticamente todas as esferas sociais, inclusive na literatura, em relação à figura feminina enquanto personagem, leitora e escritora. Nessa última instância, o que ocorre é que o acesso feminino à palavra pública, até meados do século passado, foi extremamente restrito, devido à idealização burguesa da mulher enquanto “rainha do lar”, como aponta D’Incao (2000, p. 223): “Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível”.

A ascensão da burguesia, consequência da consolidação do sistema econômico ocidental capitalista, a partir da segunda metade do século XIX, reflete-se na urbanização das cidades e, conseqüentemente, na diferenciação entre o espaço público – a rua – e o privado – o lar. Passa-se a valorizar, então, a privacidade e intimidade familiar; os casamentos, que continuavam constituindo uma importante aliança política e econômica entre famílias, agora começam a ser vistos como uniões por amor.

Dessa forma, a instrução formal passa a ser considerada interesse fora da alçada feminina, e o acesso das mulheres à educação, quando oferecido, limita-se a lições domésticas necessárias à boa mãe, esposa e companheira em eventos sociais. Enquanto os meninos aprendiam álgebra e latim, as meninas tinham aulas de canto, piano e culinária. (ROCHA-COUTINHO, 1994).

No Rio Grande do Sul, o cenário não é diferente. Zilberman (1985, p. 77) aponta, por exemplo, o índice da população estudante no estado em 1867: “3849 alunos e 2007 alunas, para 74 professores e 58 professoras, que atuavam em 100 escolas masculinas ou nas 68 escolas femininas”. Além disso, quando escreviam, era comum que suas obras caíssem no silenciamento, obtendo pouco prestígio e atenção por parte da crítica. Consoante Schmidt (1995, p. 184), até a década de 1970, apenas Rachel de Queiroz, Cecília Meireles e Clarice Lispector obtiveram notoriedade considerável entre os leitores e estudiosos da literatura brasileira.

A partir de uma nova visão, instituída pelos Estudos Culturais de Gênero, um dos segmentos dos Estudos Culturais, inicia-se uma atividade de repensar e ressignificar o cânone literário, buscando inserir o gênero como uma categoria de análise epistemológica, em um constante enfrentamento da ideologia dominante:

Se gênero, tanto quanto raça e classe, é uma das categorias da diferença que estrutura nossa percepção, nossas leituras e nossas vidas, os valores e os sentidos que construímos do mundo, levantar a questão de gênero nas discussões sobre o cânone literário, critérios de valor estético e autoria feminina significa, em última análise, implodir as balizas epistemológicas do sistema de referência de nossa cultura e fazer emergir à tona as relações da cultura e da visão canônica da literatura com sistemas elitistas de distribuição de poder e estratégias de exclusão/opressão. (SCHMIDT, 1995, p. 186-187).

Assim, diversos trabalhos de pesquisa e compilação¹⁹ têm surgido, desde o século XX, a fim de trazer à tona a produção literária de mulheres que se lançaram no universo da criação literária. Entre eles, merece destaque a compilação *Mulheres escritoras do século XIX*, organizada por Zahidé Lupinacci Muzart e publicada pela Editora Mulheres em três volumes (em 1999, 2004 e 2009). A obra, ligada ao Grupo de Trabalho (GT) “A mulher na literatura” da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), é fruto de investigação de mais de 20 pesquisadoras que reuniram nomes de autoras quase ou completamente desconhecidas da historiografia literária até então.

A proposta dessa investigação, segundo Muzart (2000), surgiu a partir da constatação da escassez de perfis femininos em respeitadas obras sobre a literatura brasileira. Ela cita o artigo “As mulheres na Literatura Brasileira”, de 1954, em que Lúcia Miguel-Pereira relata o espanto ao averiguar que Silvio Romero, em sua aclamada *História da literatura brasileira* (1888), inclui apenas o nome de sete mulheres. O objetivo da obra constitui, então, recuperar escritos de autoria feminina dos oitocentos e “[...] fazer circular novamente tais escritos, contribuindo para retificar velhas idéias e preconceitos arraigados sobre a pretensa ausência da mulher nas letras nacionais do século XIX” (MUZART, 2000, p. 23).

Uma dentre as 161 prosadoras e poetisas catalogadas pelas pesquisadoras é Delfina Benigna da Cunha, antes já referida por diversos outros historiadores, como João Pinto da

¹⁹ Considere-se, por exemplo, em nível estadual, *A mulher riograndense* (1907), de Andradina América Andrade de Oliveira; em nível nacional, tem-se: *Antologia feminina: escritoras e poetisas contemporâneas* (1929) de Cândida de Brito; o primeiro volume de *Perfis de musas, poetisas e trovadores brasileiros: Antologia de escritores brasileiros e estrangeiros* (1956), de Alzira Freitas Tacques; *Vozes femininas da poesia brasileira* (1959), de Domingos Carvalho da Silva; o *Dicionário de mulheres* (1999) de Hilda Agnes Hübner Flores; *Mulheres ilustres do Brasil* (1996), de Ignez Sabino; e o *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)* (2002) de Nelly Novaes Coelho, além de copiosos estudos publicados de maneira esparsa em revistas científicas e em capítulos de livros, de pesquisas em nível de mestrado e doutorado, caso da presente dissertação, e, também, da própria reedição e publicação das obras dessas escritoras.

Silva e Guilhermino Cesar. Cognominada *a cega*, nasceu em São José do Norte, no Rio Grande do Sul, em 1791, tendo ascendência portuguesa, e perdeu a visão aos 20 meses de idade, em decorrência de uma epidemia de varíola. Faleceu em 1857, no Rio de Janeiro, aos 65 anos de idade. Delfina recebeu sólida formação intelectual, aproximando-se em muito da cultura clássica, e associou-se desde jovem aos ideais monarquistas. Em sua primeira obra, inclusive, *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses* (1834), lançada em Porto Alegre pela Tipografia Fonseca, acusara os revolucionários farroupilhas de “anarquistas” e criticara Bento Gonçalves, louvando a Corte e o círculo imperial. (SCHMIDT, 2000).

O caso de Delfina Benigna da Cunha obteve reconhecimento por parte da historiografia literária, na medida em que sua obra de 1834 foi considerada, por muito tempo, a primeira publicação de poesias de autoria feminina em território nacional e o primeiro livro a ser editado em prelos sul-rio-grandenses. Ela, além de precursora da poesia escrita no Rio Grande do Sul – a despeito de “[...] sua condição de mulher, em pleno fastígio do patriarcado imperial [...]” (CESAR, 1971, p. 97) –, ousou externar seu engajamento político em uma obra declaradamente dedicada a um grupo feminino, contrariando a convicção de que as mulheres só começariam a se inserir na literatura gaúcha a partir do século XX. (SCHMIDT, 2000).

O título de primeira poetisa do Brasil e de autora da obra inaugural da literatura culta no Rio Grande do Sul coube a Delfina Benigna da Cunha durante algumas décadas; contudo, em 1972, Domingos Carvalho da Silva publica o artigo “Os Poetas da Independência” no Suplemento Literário d’*O Estado de S. Paulo*, em que aponta o nome de Maria Clemência da Silveira Sampaio como a primeira senhora no estado a quem se atribui “a primazia da publicação do primeiro opúsculo de poesia de uma brasileira” (SILVA, 1972 apud SCHMIDT, 2000, p. 110). A partir de então, toma-se conhecimento da existência de uma antecessora de Delfina. Maria Clemência era neta de açorianos fundadores de Rio Grande, tendo nascido em 1789²⁰. Publicou, em 1823, seus *Versos heroicos*, no Rio de Janeiro, onze anos, portanto, antes das *Poesias* de Delfina Benigna da Cunha.

É curioso o fato de que as mulheres tiveram o mérito de escrever as duas primeiras obras literárias de origem sulina. Além disso, embora não se inscreva entre as publicações literárias, é importante destacar que também é no Rio Grande do Sul que surge o primeiro jornal fundado por mulher no Brasil. Segundo Muzart (2003), *Belona Irada Contra os*

²⁰ Schmidt (2000) indica a cidade de Rio Grande como local de nascimento de Maria Clemência; Moreira (2006), entretanto, afirma que a escritora nasceu em Estreito, vindo a se estabelecer, mais tarde, em Rio Grande, onde faleceu. Com efeito, há imprecisão sobre sua naturalidade. Por muito tempo, sua origem foi considerada como sendo baiana, por Sacramento Blake, Afonso Costa e pelo próprio Domingos Carvalho da Silva, que anos mais tarde retifica essa constatação.

Sectarios de Momo (1833-1834), mais referido simplesmente como *Belona*, de Maria Josefa Barreto Pereira Pinto²¹, foi um jornal criado quase duas décadas antes daquele que ganharia notoriedade nacional e se tornaria conhecido como objeto inaugural do periodismo feminino, o *Jornal das Senhoras* (1852-1855), dirigido por Juana Paula Manso de Noronha, no Rio de Janeiro. Pouco mencionado por pesquisadores e historiadores, o periódico teve cerca de dez edições, atualmente desaparecidas dos arquivos e bibliotecas do País, e carregava uma função essencialmente política (DUARTE, 2017). Maria Josefa era defensora do Partido Caramuru contra os Farrapos, o que pode ter contribuído para a sua pouca repercussão, visto que “[...] o que se passava nesse fim de mundo da Província de São Pedro realmente ali ficava confinado” (MUZART, 2003, p. 230).

Na Sociedade Partenon Literário, diversas figuras femininas atuaram, publicando também na *Revista Mensal*. Luciana de Abreu foi um dos grandes destaques da tribuna instituída pelo Partenon²², de onde falava ao público e defendia com veemência a igualdade de direitos entre cidadãos e cidadãs – seus discursos concentravam-se, sobretudo, na necessidade das mulheres de acesso à educação de qualidade:

Nós não somos somenos ao homem: a nossa alma tem a mesma passividade e atividade que a dele, e tanto a sensibilidade como a inteligência e liberdade participam do mesmo grau de capacidade e podem ter o mesmo grau de desenvolvimento num ou noutro sexo.

O que convém pedir, o que venho aqui em vosso nome altamente reclamar, é, de parceria com a educação, a instrução superior comum a ambos os sexos; é a liberdade de esclarecer-nos, de exercer as profissões a que nossas aptidões nos levarem.

Dêem-nos educação e instrução: nós faremos o mais. A nossa posição legítima na sublime missão de que estamos incumbidas, nós a tomaremos pelo nosso trabalho, e a humanidade há de tudo ganhar com o nosso triunfo. (ABREU, 1949, p. 18-19).

A *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, ao mesmo tempo em que publicava os discursos inflamados de Luciana de Abreu, também veiculava a imagem idealizada da mulher difundida pelo Romantismo. Caldre e Fião foi, nesse contexto, uma exceção, ao anunciar a mulher como intelectualmente capaz e declarar-se admirador da postura de Luciana de Abreu, em uma biografia sobre a professora e poetisa datada de 1874. O redator-chefe, na ocasião, inseriu uma nota em que deixava clara sua discordância das ideias de Caldre e Fião:

²¹ Costumava assinar apenas como Maria Josefa Barreto. (MUZART, 2003).

²² Schitz (2003) aponta que, dentre os 100 escritores com textos na *Revista Mensal*, 12 eram mulheres: Amália dos Passos Figueroa, Amélia de Souza, Ana Sabóia Viriato de Medeiros, Avelina Barém, Cândida Isolina de Abreu, Joana Manoela Gorriti, Luciana de Abreu, Luísa de Azambuja, Maria José Coelho, Maria Luíza Leal, Revocata Heloísa de Melo e Zulmira da Silveira.

Não queremos a mulher ignorante, mas não queremos-la também como os adeptos das teorias de Stuart Mill. Os extremos são prejudiciais. A sociedade moderna quer a mulher livre, primorosamente educada, responsável de sua dignidade; mas sempre filha, mãe e esposa, porque este é o tríplice diadema de sua glorificação. (REVISTA MENSAL, 1874 apud SANTOS, 2010, p. 53-54).

Foi difícil para Luciana de Abreu, na época, encontrar o eco devido àquilo que proclamava. Em um ambiente ainda dominado por homens, nem sempre suas ideias eram de fato prestigiadas. Aquiles Porto Alegre, por exemplo, ao escrever sobre a colega, dá menos atenção aos propósitos pelos quais digladiava do que às suas maneiras delicadas, meigas e modestas, que faziam dela “[...] um belo tipo de mulher rio-grandense” (PORTO ALEGRE, 1940 apud ABREU, 1949, p. 100).

Sem dúvidas, foram numerosas as dificuldades encontradas pelas mulheres que desejassem voz no âmbito público do Rio Grande do Sul do século XIX. Damasceno Vieira, no levantamento divulgado na obra *Imprensa literária de Porto Alegre do século XIX*, aponta 71 jornais, dentre os quais apenas sete apresentam participação feminina (FERREIRA, 1975 apud SANTOS, 2010). Mesmo assim, se na época não havia ainda um feminismo consistente, também não faltaram mulheres que levaram a termo um projeto de vida voltado às letras. No jornal *O Guaíba*, uma garota de 15 anos, sob o pseudônimo Juriti, compunha o grupo de jovens redatores. Trata-se de Rita Barém de Melo (1840-1868), poetisa cujos escritos, revestidos de lirismo e musicalidade, trabalhavam questões subjetivas e temas considerados propriamente femininos, como a maternidade, enquadrando-se, em muitos aspectos, na matéria da escola literária romântica. Já em *A Reforma*, periódico porto-alegrense que circula entre 1869 e 1912, destaca-se o nome de Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1952), que, sob diversos pseudônimos²³, pôde se pronunciar acerca de questões sociais e políticas, redigindo também sobre a luta pela emancipação feminina. A autora também foi professora e fundou um curso noturno gratuito para alfabetização de adultos, o primeiro do Brasil. (SANTOS, 2010).

Também houve, no Rio Grande do Sul, periódicos fundados e dirigidos exclusivamente por mulheres. *O Corimbo* foi criado em 1883 pelas irmãs Julieta de Melo Monteiro (1855-1928) – também presente no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* – e Revocata Heloísa de Melo (1853-1944), filhas da escritora e professora Revocata dos Passos Figueroa de Melo²⁴ e sobrinhas da jornalista e escritora Amália dos Passos Figueroa (1845-1878), essas três últimas integrantes do Partenon Literário. *Corimbo*, editado em Pelotas e Rio

²³ Virgínia Woolf, em *Um teto todo seu*, de 1929, colocava a questão do anonimato como único meio para que certas mulheres pudessem publicar e se fazer ouvir em órgãos da imprensa.

²⁴ Datas de nascimento e morte desconhecidas.

Grande até 1943, foi o primeiro e mais longo órgão literário da imprensa periódica dirigido por e destinado a mulheres no Rio Grande do Sul, veiculando, por exemplo, notícias sobre eventos feministas ocorridos em todo o Brasil. O periódico circulou por outros estados e até mesmo pelos países vizinhos Uruguai e Argentina, em espanhol (MOREIRA, 2014). Julieta e Revocata ainda colaboraram nos semanários *Tribuna Literária* (apenas Julieta) e *O Contemporâneo*. (SANTOS, 2010).

Outro veículo de comunicação foi mantido por uma mulher, desta vez Andradina América Andrade de Oliveira: o jornal *Escrínio*, em Bagé, que durou de 1898 a 1908, tendo sido publicado em certo período em Santa Maria, reaparecendo em Porto Alegre no ano seguinte, com a formatação de revista. Andradina, que também colaborou no *Almanaque*, foi mais uma mulher que encontrou na imprensa meio de divulgação de seus ideais de interesse feminino, defendendo a participação das conterrâneas na vida pública sul-rio-grandense.

Andradina de Oliveira evidencia seus posicionamentos também em obras que publicou, como *O perdão* (1910), que apresenta dramas femininos referentes ao casamento, à família e à sexualidade, e *Divórcio?* (1912), um quase manifesto em prol do direito de rompimento oficial dos laços matrimoniais (o que só ocorre em 1977). Antes dela, a gaúcha Maria Benedita Câmara Bormann, sob o pseudônimo Délia, no romance *Aurélia* (1883), também aborda essas questões.

De fato, não são poucos os nomes femininos presentes na literatura do Rio Grande do Sul. Todavia, não cabe, neste capítulo, mencionar todos eles; por isso, limitamo-nos a este breve panorama do contexto em que surge a figura de Anália Vieira do Nascimento com sua produção.

2.3 ANÁLIA VIEIRA DO NASCIMENTO: UMA ILUSTRE DESCONHECIDA

Dentre as onze “senhoras” oriundas do Rio Grande do Sul que figuraram no *Almanaque*, o nome de Anália Vieira do Nascimento²⁵ merece atenção especial de nossa parte, visto que é um dos que mais se encontram na obscuridade. A poetisa porto-alegrense teve assídua participação no anuário, publicando, com alguns intervalos, durante vinte e dois anos (entre 1871²⁶, com o “Logogrifo²⁷ XI”, e 1893, com “Avante”) e sendo a mulher do

²⁵ Após o casamento com o bacharel em Direito Rodrigo Antonio Fernandes Lima, passou a assinar como Annalia Vieira Fernandes (ver Anexo A). Seu nome é apresentado, por diferentes fontes, sob variadas formas: Annalia, Anália, Amália e, inclusive, Amélia. Aqui, para fins de padronização, nos referimos à senhora apenas como Anália Vieira do Nascimento, ou simplesmente Anália.

²⁶ Anália começou a colaborar com o *Almanaque* um ano após a estreia de seu irmão João Damasceno Vieira Fernandes, diferentemente do que afirma Weigert (2017, p. 72) ao estabelecer, como texto inaugural de

estado gaúcho mais recorrente no periódico, com um total de 37 textos²⁸. Mesmo assim, são poucos os materiais de que dispomos acerca de sua vida e obra, que carecem de interesse por parte de pesquisadores e críticos, persistindo como uma incógnita a ser solucionada. Afinal, quem foi Anália Vieira do Nascimento? Como se configura sua atuação no cenário literário do Rio Grande do Sul e qual o valor de seus textos? Suas publicações se limitaram ao *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* ou alcançaram outros periódicos e veículos de comunicação?

O registro inicial sobre Anália de que se tem notícia foi inscrito no primeiro volume do *Dicionário bibliográfico brasileiro*²⁹ (1883), *magnum opus* de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (Salvador, 1827 – Rio de Janeiro, 1903), médico, escritor e pesquisador que se dedicou a organizar pequenas biografias de personalidades do País. A nota de Blake destinada à escritora apresenta a seguinte observação:

Dona Anália cultiva desde muito jovem a poesia; tem escrito muitas e mimosas composições poéticas, de que tem publicado algumas em diversas revistas [...]. Sei que há diversas composições de dona Anália, já colecionadas; não dou, como disse, notícia delas, porque foi baldado todo empenho que fiz para obter os esclarecimentos necessários. (BLAKE, 1883, p. 97).

O biógrafo menciona as duas produções da poetisa de que tem conhecimento: o poema “No mar”, publicado no *Almanaque* para o ano de 1875, e seu único texto em prosa no periódico, “Victor Hugo (Carta)”, encontrado na edição de 1882, em que ela expõe suas impressões sobre a obra *Os trabalhadores do mar*, do escritor francês. Blake comete um equívoco em relação à data de nascimento de Anália, que, segundo ele, seria 2 de fevereiro de 1855. Devido à escassez de dados sobre ela, esse engano foi repetido por outros estudiosos: Pedro Villas-Bôas, na obra *Notas de bibliografia sul-rio-grandense* (1974), aponta o nascimento de Anália em 22 de fevereiro de 1855, seguido por Nelly Novaes Coelho no verbete 69 de seu *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (2002); Maria Eunice Moreira, no artigo intitulado “As senhoras gaúchas no *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*” (2014), tenta deduzir essa data a partir das informações fornecidas pela própria escritora no poema “No mar”:

Damasceno, “Epístola amatória”, publicado na edição de 1872. Na verdade, o escritor iniciou em 1870, com um passatempo intitulado “Logogripho XII”.

²⁷ Logogrifo: modalidade de charada que consiste em formar certo número de palavras com letras de outras.

²⁸ Uma composição em prosa, vinte poemas e dezesseis passatempos (incluindo enigmas, charadas e logogrifos). Moreira (2014), ao afirmar ser 21 o número de suas publicações no *Almanaque*, provavelmente considerou, nessa soma, apenas os versos e texto em prosa. Neste ensaio, limitaremos a discussão apenas a sua produção poética.

²⁹ Publicado sob a recomendação de D. Pedro II, em 7 volumes, entre 1883 e 1902.

A considerar como correta a informação, pelo primeiro texto pode-se obter o dia e ano de nascimento da poetisa, quando ela anotou, logo após o título do poema: “No dia de meus anos, 2 de setembro de 1873”. Nessa data, Anália completou 18 anos, o que se deduz da seguinte estrofe:

Era assim que eu saudava os esplendores,
De que se revestira a natureza
Nesse dia infeliz em que eu contava
Dezoito primaveras de existência! (MOREIRA, 2014, p. 36).

Dessa forma, Moreira (2014) compreende que Anália não nasceu em fevereiro, mas em setembro do ano de 1855, dado que é reiterado por Ana Maria Lisboa de Mello no texto “A poesia lírica no *Almanaque de Lembranças*. Um caso: Anália Vieira do Nascimento” (2014). Essa questão, que permaneceu vaga por muitos anos, só foi solucionada definitivamente no estudo realizado por Beatriz Weigert e publicado pela Biblioteca Nacional de Portugal, em 2017, sob o título *Anália Vieira do Nascimento: 1854-1911*. Em pesquisa realizada no arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, Weigert localizou documentos (ver Anexo A) contendo informações sobre acontecimentos importantes da vida de Anália: de fato, assim como registrado no poema, ela nasceu no dia 2 de setembro, mas do ano de 1854, filha de José Vieira Fernandes (natural de Portugal) e de Belmira Rosa do Nascimento (de Porto Alegre); casou-se em 25 de janeiro de 1873, aos 18 anos, com Rodrigo Antonio Fernandes Lima, e, aos 20, teve seu único filho: Abílio, nascido em fevereiro de 1875. Seu falecimento ocorreu em 24 de janeiro de 1911³⁰, devido a uma gastroenterite.

Com o esclarecimento desses fatos, torna-se possível iniciar a construção de uma biobibliografia de Anália Vieira do Nascimento, trabalho que aguarda o interesse de pesquisadores da literatura há mais de um século. Também é importante examinarmos de que maneira a senhora gaúcha é apresentada pelos estudiosos, para podermos contribuir de forma significativa com a ampliação de sua fortuna crítica.

Como assinalado anteriormente, muito raras e incompletas são as menções a Anália nas obras sobre a literatura sul-rio-grandense ou nacional. Após a caracterização de suas composições poéticas como “mimosas” no *Dicionário* de Blake, ela volta a ser citada em 1956 por Guilhermino Cesar, na *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Suas considerações sobre a poetisa são depreciativas, e, mais tarde, ironizadas por Moreira:

³⁰ No registro de óbito, consta a informação de que “Amélia [sic] Vieira Fernandes [faleceu] com cinquenta e quatro ano[s] anos de idade”; entretanto, verifica-se que sua idade, nessa data, era de 56 anos.

No item “Outros poetas”, do capítulo “Da Reação Anti-romântica aos primeiros parnasianos”, menciona o nome de Amália (sic) Vieira do Nascimento entre os autores do final do século XIX, considerados como “românticos retardados” (CESAR, 1971, p. 297). E com essa singela observação, Anália do Nascimento passou à posteridade. (MOREIRA, 2014, p. 37).

As estéticas romântica e simbolista fizeram-se predominantes na produção da autora, de acordo com as tendências de seu tempo. A segunda metade do século XIX, no Rio Grande do Sul, constituiu um período em que as composições literárias começam a circular de forma mais sistemática, o que muito se deve à fundação da Sociedade Partenon Literário e de sua *Revista*, que se propôs a propagar as produções intelectuais que vinham sendo desenvolvidas, alavancando o crescimento cultural da região. Nesse contexto, a poesia lírica e os motivos peculiares ao Romantismo tinham notoriedade especial (mesmo que, no centro do País, as escolas realista e naturalista já estivessem suplantando essa tendência), e, no *Almanaque*, o perfil – muito próximo ao sentimentalismo romântico – do Simbolismo é bastante valorizado, principalmente com o surgimento da figura de Charles Baudelaire (MELLO, 2014). Retornando ao comentário de Guilhermino Cesar, sabemos, em relação a esses primeiros poetas, que, de fato, o saldo artístico de seus textos foi pequeno (ZILBERMAN, 1992), o que é compreensível visto o cenário desfavorável à expansão das letras que se tinha no estado. Essas mesmas figuras, entretanto, são apontadas como extremamente significativas, pois foi a partir delas que se tornou possível o processo de desenvolvimento e aprimoramento da produção poética no território gaúcho.

Alguns anos mais tarde, Anália conseguiu ir além da nota desmerecedora de Guilhermino Cesar. Seu nome foi percebido no outro extremo do Brasil, pela pesquisadora baiana Lizir Arcanjo Alves, que, em 1999, publicou a obra *Mulheres escritoras na Bahia*. No estudo de Alves, depois retomado por Mello, a escritora gaúcha foi mencionada em uma reflexão acerca das já conhecidas dificuldades da mulher em se firmar enquanto escritora:

Em 1879, uma poetisa do Rio Grande do Sul, Anália Vieira do Nascimento, resume o conflito por que passava uma mulher para definir o rumo certo de sua literatura, num poema³¹ dirigido a Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro, editor do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Conta ela que, tendo abandonado as charadas e logogrifos, viu-se dividida entre as escolas lírica ou realista. (ALVES, 1999, p. 27-28).

Mello (2014) discute, ao citar Alves, a necessidade do sujeito feminino produtor de literatura, no século XIX, de encontrar temas alinhados a sua função de mãe e esposa e aos

³¹ O poema em questão se encontra na edição do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para o ano de 1880, sob o título de “Epístola” e será discutido adiante, no capítulo 4.

atributos *sine qua non* que se determinavam às mulheres da época. Muitas delas, que nem sequer possuíam liberdade para publicar em livros, tinham de se dedicar a assuntos que não comprometessem sua já tímida expressão nos veículos de comunicação que lhes ofereciam a oportunidade de lançar seus textos. Anália se encontra nesse grupo, e em suas composições são recorrentes elementos como a natureza, a melancolia e o sentimento amoroso.

A possibilidade de o texto em questão possuir teor autobiográfico³² abre espaço para conjecturas sobre como teria sido sua vida. Dessa forma, no primeiro poema publicado no anuário, “Lucília”, a poetisa estaria revelando a perda de uma jovem irmã. Em “Retrato”, identificamos uma mulher pensativa, solitária, afeita à literatura e às artes, admiradora da natureza; crente em Deus, mas pouco religiosa, e de coração sensível: assim caracterizava o “retrato” de sua alma. Mais uma informação sobre ela ainda pode ser constatada na leitura de “A volta”: após interromper, em 1884, o fluxo de publicações no *Almanaque* e receber uma mensagem do editor, que nota sua ausência, a autora retorna às páginas do periódico com um poema dedicado a Cordeiro, explicando o motivo de seu afastamento da “nobre missão” no último ano: uma questão de saúde.

Ela ainda menciona as tentativas de se recuperar e continuar exercendo suas atividades, sendo impedida pelo mal que a abatia, o qual também não é especificado ao longo do texto:

Debalde por vezes tentei sobre o leito
cantar glória, vida, sorrisos de amor!
Angústia profunda premia-me o peito,
geladas as faces, os lábios sem cor! (NASCIMENTO, 1884, p. 367).

Percebemos, assim, que Anália teria passado, nesse momento de sua vida (por volta dos 30 anos de idade), por uma séria enfermidade. Esse e outros poemas também nos revelam, em relação à autora, um alto nível intelectual e muitos conhecimentos acerca da construção poética: em “A volta”, temos uma composição em quadras de versos hendecassílabos, com tônicas nas posições 2, 5, 8 e 11 e rimas alternadas entre os versos pares e ímpares. Ela apresenta versatilidade ao empregar diferentes técnicas de ritmo e sonoridade em seus poemas (MELLO, 2014), tanto que temos “No mar”, de estrutura mais livre, e um “Soneto”, que segue um modelo formal já consagrado. Outro aspecto interessante a se observar são as epígrafes que Anália seleciona para abrir alguns de seus poemas, bem como os elementos

³² Era comum, entre os escritores do *Almanaque*, a publicação de textos com propósitos além do literário: responder a uma pergunta, falar sobre si, elogiar uma personalidade, entre outros.

eruditos que os integram, que, em sua grande maioria, são provenientes de obras e autores clássicos da literatura mundial: personalidades como Evariste de Parry, Shakespeare e Camões, entre outros, fazem parte de seu repertório de leitura. Relações de intertextualidade implícita também são perceptíveis nos poemas da autora, como é o caso de “O canto do sabiá”, “em que o ritmo e a disposição das estrofes presentificam o autor de *Os timbiras*³³ e confirmam a leitura de sua obra, na Província” (MOREIRA, 2014, p. 201). Também percebemos seu conhecimento da língua francesa, sobretudo na leitura de “*Soin!*”, em que se alternam versos em francês e em português. Observemos a primeira estrofe:

Soin!

Cara amiga, se me estimas
avec un profond amour,
 dá licença que estas rimas
*puissent entrer dans ton séjour!*³⁴ (NASCIMENTO, 1877, p. 348).

Anália dedica esse poema a uma amiga, Heloísa de la Tour Dufresne, com quem parece ter tido uma relação de afeto e companheirismo. A julgar por seu sobrenome e pelo jogo de rimas envolvendo o português e o francês, a destinatária da composição pode ser de nacionalidade ou ascendência francesa e entendedora do idioma. A senhora gaúcha tinha, portanto, conhecimento do idioma francês, da métrica e das rimas; a erudição permeia seus escritos, o que se pode verificar na quantidade de temas que conseguia abordar (MELLO, 2014), a despeito de sua condição enquanto mulher em uma sociedade patriarcal. Encontramos, até mesmo, em “Epístola”, um olhar crítico a respeito das dificuldades enfrentadas pelo sujeito feminino que decide se aventurar no universo das letras.

A lista de textos encontrados no *Almanaque* oferecidos a Anália Vieira do Nascimento é extensa, e não cabe aqui mencionar todos eles, visto que serão explorados mais adiante. Contudo, considerando os aspectos até o momento apresentados, é possível termos algumas ideias a respeito de quem foi a senhora em questão: uma pessoa culta, com acesso à educação (algo incomum entre as mulheres do seu tempo), proveniente de uma família em que muito se cultivava a literatura (a saber pela ativa produção literária de seu irmão e de seu sobrinho), bastante receptiva e comunicativa, desenvolvendo relações interessantes com indivíduos

³³ A saber, Gonçalves Dias.

³⁴ Em tradução livre:

“Cuidado!

Cara amiga, se me estimas
 com um profundo amor,
 dá licença que estas rimas
 podem entrar na sua residência!”

envolvidos com o *Almanaque*, mas também melancólica, sofredora de desilusões, e que, durante um período de sua vida, sofreu de uma doença que interrompeu sua atividade no anuário. Até o momento, entretanto, faltam, nas fontes que a mencionam, dados realmente concretos sobre a inexplorada biografia dessa mulher.

Na página da Hemeroteca Digital Nacional, na *web*³⁵, encontram-se algumas informações que podem colaborar para a reversão desse quadro. Realizando uma busca *online* pelo nome de Anália na plataforma, foi possível descobrir que, além de ter sido escritora, ela dedicou mais de vinte anos ao magistério, em uma escola pública no município de Montenegro. Nessa pesquisa, o periódico com mais ocorrências foi o jornal *A Federação*, de circulação diária entre 1884 e 1937 e impresso em Porto Alegre. Proeminente na região, servia como veículo de divulgação das ideias do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), que ascendeu ao poder do estado gaúcho na figura de Júlio de Castilhos – que é, inclusive, um dos idealizadores do jornal e diretor de muitas de suas edições. Verifica-se que Anália, de fato, era adepta ao castilhismo, o que se pode inferir principalmente devido a sua participação em uma subscrição popular³⁶ com fins de aquisição de um palacete a ser oferecido ao então presidente do Estado, com a qual ela contribuiu com o valor de 5 mil réis. (A FEDERAÇÃO, 1895, p. 1).

A aprovação no concurso público que lhe deu direito ao cargo de professora foi publicada no exemplar de número 71, referente ao dia 27 de março de 1884³⁷, data em que Anália tinha 29 anos, e sua nomeação foi noticiada em 24 de abril do mesmo ano, bem como a designação de seu local de trabalho: uma escola mista em Montenegro, localizada na região denominada Despique. Em 29 de abril de 1907, com 52 anos de idade, seu nome surge novamente, no exemplar de número 101, referente a um decreto do então governador Borges de Medeiros que ordena abonar a professora, de acordo com o que determina a lei, devido a seu tempo de serviço no magistério, já contando 25 anos. Ainda de acordo com os atos do governo divulgados no periódico, Anália encerra a carreira pública em dezembro de 1907 – tendo solicitado aposentadoria um mês antes –, após lecionar por mais de duas décadas na mesma escola. O motivo de seu desligamento seria uma questão médica não especificada na nota publicada pelo jornal.

³⁵ Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>.

³⁶ Provavelmente a mesma que, em 1898, obteve o valor necessário para adquirir o imóvel em que o presidente viveu com sua família até 1903 e que, em 1905, foi comprado pelo governo do Estado e tornou-se sede do Museu Júlio de Castilhos, o mais antigo do Rio Grande do Sul.

³⁷ Na página 2, leia-se o seguinte: “No concurso para o preenchimento effectivo das cadeiras 1º e 2º grão, foram aprovados os normalistas: [...] *De segundo grão*: – D. Annalia Vieira Fernandes.”

Pouco mais de três anos depois, em 31 de janeiro de 1911, o jornal *A opinião pública*, de Pelotas, insere um registro informando a morte de Anália: “Faleceu em Porto Alegre D. Amalia [sic] Vieira Fernandes que exerceu ali, por muitos anos, o magistério público, era irmã do finado poeta rio-grandense Damasceno Vieira e do professor público Antonio Vieira Fernandes” (A OPINIÃO PÚBLICA, 1911, p. 2). Descobrimos, então, que Anália Vieira do Nascimento tinha, além de João Damasceno Vieira Fernandes, outro irmão, também professor, que provavelmente ainda se encontrava vivo na data. Repare-se que Anália não é mencionada como poetisa, mas apenas como irmã de um poeta.

As únicas menções a Anália como escritora encontradas em periódicos sulinos até o momento ocorreram no ano de 1889, no primeiro número do *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul*, organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues, que circulou até 1917, principalmente nas cidades de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande. Na página 127, encontra-se o poema “Anvina”, de autoria de Lindolpho Rocha (Bahia), contendo a seguinte observação: “À primorosa poetiza rio-grandense D. Annalia Vieira do Nascimento (An. Vi. Na.)”; na 156, temos a “Charada LXIX (em losango)” de Justiniano Ferreira Paraguassú (também baiano), dedicada à “exímia e mimosa poetisa D. Annalia Vieira do Nascimento e ao amigo Dr. Argymiro Guimarães”.

Quanto às publicações de Anália em território brasileiro, os conhecimentos ainda são mínimos. Não há, por enquanto, em outros textos sobre a autora, registros de produções para além do *Almanaque*, apesar de alguns pesquisadores, como Blake (1883) e Coelho (2002), afirmarem que elas existem. Por esse motivo, é relevante aqui noticiar que o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* não foi o único repositório de sua produção textual: dois poemas de sua autoria, também presentes no anuário português, foram localizados, durante esta pesquisa, no *Almanaque Popular*, para o ano de 1878, editado por Hypólito da Silva (jornalista, escritor e político, também adepto aos ideais republicanos) na cidade de Campinas, em São Paulo: o primeiro é o acróstico “Num álbum”, já publicado no *Almanaque de Cordeiro* em 1874, e o segundo é o já mencionado poema com alternância de versos em francês e em português intitulado “Soin!”. Ambos figuram na edição de 1878 do *Almanaque Popular*³⁸.

Temos, com essa informação, mais uma pista a respeito da atuação literária da escritora, ao identificar que ela também publicou em veículos de comunicação nacionais – apesar de ainda não se encontrarem indícios de produções suas no Rio Grande do Sul. É

³⁸ Agradeço ao colega de pesquisa Guilherme Barp, que encontrou e gentilmente compartilhou essas informações comigo.

interessante, também, o fato de que a interlocução de Anália Vieira do Nascimento não aconteceu com escritores e leitores conterrâneos (com exceção dos poemas “Avante”, de 1893, dedicado por ela a Andradina de Oliveira, e “A escola”³⁹, escrito em sua homenagem pelo irmão Damasceno Vieira), mas com indivíduos de outras localidades brasileiras ou de Portugal. Anália também não participou intensamente de uma literatura feminina de denúncia, como algumas de suas contemporâneas, preferindo, por motivos ainda desconhecidos, circular por outras questões.

De fato, a senhora gaúcha de que tratamos aqui não parece ter tido grande expressão em seu estado; mesmo assim, conseguiu transportar seus escritos além-mar, façanha quase inimaginável para uma mulher oitocentista do interior do Brasil, ainda mais em sua idade (com um simples cálculo, constata-se que Anália iniciou sua trajetória como colaboradora do Almanaque aos 17 anos). Provavelmente proveniente de uma família financeiramente abastada, sabemos que teve acesso à instrução formal, e o parentesco com João Damasceno Vieira pode ter facilitado seu encaminhamento ao meio literário e à imprensa, mas a avaliação de sua obra deve ocorrer de maneira independente a esses fatores.

Buscamos, aqui, esboçar a biografia de Anália Vieira do Nascimento, evidenciando uma poetisa cuja produção esteve encoberta até pouco tempo. Apesar de ela não estar inserida entre os nomes dos poetas renomados da literatura sul-rio-grandense, a recuperação de sua vida e obra é um trabalho de relevância histórica e cultural. Tomando as palavras de José Clemente Pozenato, na apresentação da reedição dos poemas de Olmiro Azevedo, precisamos fazer, aqui,

[...] um ato de justiça para com a chamada ‘poesia menor’ que é, apesar do significado que possa sugerir essa expressão, uma poesia da mais alta importância. É ela que melhor representa e melhor documenta a experiência coletiva, tanto a estética como a histórica, de cada geração. (POZENATO, 1978, p. 10).

Quando se trata do problema da autoria feminina, esse ato de justiça toma proporções ainda maiores, visto que a literatura produzida por mulheres, genericamente, permanece negligenciada. Conhecer a vida e a obra de Anália é, de certa forma, devolver a voz ao sujeito feminino e dar-lhe guarida na História da Literatura, ajudando a desfazer esse vazio de séculos.

³⁹ *A musa moderna*, 1885, p. 62-64.

3 OS ALMANAQUES E O ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO

“O Tempo inventou o almanaque; compôs um simples livro, seco, sem margens, sem nada; tão-somente os dias, as semanas, os meses e os anos. Um dia, ao amanhecer, toda a terra viu cair do céu uma chuva de folhetos; creram a princípio que era geada de nova espécie, depois, vendo que não, correram todos assustados; afinal, um mais animoso pegou de um dos folhetos, outros fizeram a mesma coisa, leram e entenderam. O almanaque trazia a língua das cidades e dos campos em que caía. Assim toda a terra possuiu, no mesmo instante, os primeiros almanaques.”

Machado de Assis

O presente capítulo está dividido em três partes. Na primeira, recupera-se a história e evolução do gênero almanaque na Europa e no Brasil, além de apresentar suas principais características e sua relevância social. Em seguida, é apresentado o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, sua formação, editores e editoras pelos quais passou, locais de impressão e circulação, disposição e seleção de conteúdos, para, então, realizar-se um mapeamento da produção feminina no periódico. Nessa terceira parte, apresentam-se dados sobre as origens das colaboradoras do anuário, gêneros e temas mais abordados. Dessa forma, é possível traçar um panorama que levará ao último capítulo, no qual são tratadas a produção e recepção de Anália Vieira do Nascimento, um dos nomes mais prestigiados do *Almanaque*.

3.1 ALMANAK, ALMANACH, ALMANAQUE

Com o passar do tempo e os avanços tecnológicos, os leitores e, consequentemente, as práticas de leitura passam, inevitavelmente, por transformações. A difusão da *internet*, sobretudo a partir da década de 1990⁴⁰, instituiu um novo suporte de consumo e divulgação de informações, possibilitando o acesso a conteúdo diversificado em grande escala e sobrepujando outras mídias significativas no passado, tornando-as obsoletas.

O denominado almanaque é um desses veículos que muito raramente se vê em circulação nos dias de hoje. Sua popularidade cessou no final do século XX, quando passou a

⁴⁰ Briggs e Burke (2004) afirmam que esse fenômeno se inicia a partir do lançamento do sistema *World Wide Web*, em 1992, proporcionando o surgimento de milhares de usuários da *Internet* ao redor do mundo.

ser considerado “anacrônico para as nossas exigências contemporâneas” (CORREIA; GUERREIRO, 1986, p. 50). O gênero, contudo, teve momentos de forte expressividade na sociedade luso-brasileira, sobretudo durante os oitocentos⁴¹, período em que mais se expandiu, apresentando extensa variedade no que diz respeito a formatos, públicos e tópicos abordados, além de grande quantidade de títulos e edições publicadas.

A origem do termo *almanaque* é remota e ainda indefinida⁴². Park (1999, p. 46), na obra *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*, apresenta algumas possibilidades quanto a sua raiz etimológica:

[...] a palavra *almanach* pode ter e aparecer com várias origens. Do árabe *al*, e *manach*, computar, contar. Ela pode ser a junção do árabe *ocl-o* e do grego *mnu*, mês. Nas línguas orientais *almanha* significa estréia, alvissaras (boas novas). Em saxão, *al-monght* ou *al-monac* seria uma contração para *al-mooned* que significa contendo todas as luas. Originariamente, nossos ancestrais traçaram o curso da lua sobre uma tábua de madeira à qual chamaram *al-monagt* (para *al-mooneld*).

Pessoa (2016), no artigo “A cultura popular no tempo dos almanaques”, adota a versão que aceita a origem árabe *al-manakh*, que, como esclarece Nascentes (1955 apud CORREIA; GUERREIRO, 1986), em seu *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*, designa o ‘local onde se ajoelham os camelos’, remetendo ao costume de, durante longas travessias pelo deserto, os homens determinarem certos lugares para pernoite e descanso dos animais. Nesses intervalos, que significavam também uma marcação do tempo, os viajantes aproveitavam para relatar histórias de lugares visitados e compartilhar informações úteis, o que teria transformado o significado da palavra para ‘ação de contar’ e, posteriormente, para ‘calendário’.

Apesar das divergências quanto à derivação do termo, aceita-se, de modo geral, que ele seja empregado para denominar uma prática de comunicação específica, cuja principal característica consiste na atenção à medição temporal da vida humana⁴³. Park (1999, p. 41) comenta, sobre esse aspecto,

⁴¹ Na Biblioteca Nacional de Portugal, por exemplo, estima-se que 63% da coleção de almanaques seja pertencente ao século XIX (546 exemplares); 31% dos exemplares (266) são referentes ao século XX; 3% (22) são do século XVIII; 2% (17), do século XVII; 1% (9), do século XVI; e um único é datado do século XV. (ANASTÁCIO, 2012).

⁴² A esse respeito, veja-se o artigo “Almanaques ou a sabedoria e as tarefas do tempo” (1986), de João David Pinto Correia e Manuel Viegas Guerreiro. Os autores, além de explorar a etimologia do vocábulo, apontam uma outra designação atribuída ao gênero no século XVII, pelo termo *sarrabal*.

⁴³ Anastácio (2012) destaca que, até o século XVII, antes de serem periódicos, os almanaques se classificavam como “perduráveis” ou “perpétuos”, com fins náuticos, que possuíam tabelas para auxílio no cálculo do tempo, da posição dos astros, das marés, etc., em qualquer momento. Por isso, a publicação também se chamava *reportório dos tempos* (a autora cita o *Reportório dos Tempos* de Valentim Fernandes, de 1518, o *Reportório dos*

[...] a relação com o objeto almanaque passa pelo contar, marcar, trabalhar com o número, estabelecendo uma correspondência com o cotidiano humano. Relação que ajuda e propicia a ordenação de um mundo sobre o qual se pretende um controle, uma previsão, através do tempo.

A autora coloca o almanaque, em seus primórdios, como uma extensão do calendário, “que já não comportava mais tudo o que queria dizer” (p. 41). Viu-se, em certo momento, a necessidade de inserir, junto aos dias, semanas e meses, previsões sobre o clima, comentários sobre acontecimentos políticos e militares e catástrofes naturais, entre outros, de utilidade geral, o que resultou na criação desse novo escrito. Levando isso em consideração, Correia e Guerreiro (1986, p. 45) esboçam uma descrição do almanaque enquanto gênero textual: os autores o definem como “[...] uma publicação de periodicidade (quase sempre) anual com variável número de páginas”, que pode ir das dezesseis, habituais nos folhetos de cordel, às centenas. Além disso, eles estabelecem três aspectos principais ao caracterizar o gênero: primeiramente, seu objetivo, que seria servir como uma obra de consulta geral, prática e de fácil compreensão; em seguida, sua estrutura, que, mesmo também podendo em muito variar, segue a organização cronológica, com base no calendário anual, sobre o qual se realizam anotações diversas, como festas e santos religiosos, indicação de datas de eventos importantes para a comunidade e o registro de fases da lua; e, por fim, seu conteúdo e a natureza dos conhecimentos veiculados, abrangendo

[...] desde os dados astronômicos e meteorológicos, efemérides, ou ainda curiosidades, conselhos práticos, mezinhas, pequenas notas sobre acontecimentos, fenômenos ou personagens, até a notas astrológicas (sobretudo o “juízo do ano”, horóscopos), anedotas, adivinhas, provérbios, quadras e mesmo algumas poesias. (CORREIA; GUERREIRO, 1986, p. 46).

Os aspectos assinalados pelos autores são considerados essenciais, constituindo um fundo mais ou menos estável dos almanaques, independentemente das fases que atravessaram durante o processo de evolução pelo qual passaram ao longo dos séculos. Suas páginas eram preenchidas, principalmente, por informações úteis acerca dos dias do ano, conhecimentos enciclopédicos, passatempos e textos literários, caracterizando o gênero como uma espécie de manual para o cotidiano⁴⁴. Daí sua significância coletiva, na medida em que perseguia um ideal de civilização, estabelecendo fundamentos para facilitar a vida na sociedade moderna. O

tempos de André de Avelar e a *Chronografia o Reportorio de los tiempos* de Jerónimo de Chaves, ambos de 1576). Durante sua fase de maior difusão, entretanto, os almanaques já eram editados anualmente.

⁴⁴ Por exemplo, como cita Park (1999), era comum que os almanaques para públicos citadinos contivessem informações como horários de trens, tarifas de correio e tabelas de preços diversas.

almanaque pode ser encarado como um dos precursores de gêneros atuais, como o jornal, a revista, o livro, o diário e até mesmo a agenda, agregando todas essas funções. Por esse motivo, Roger Chartier (1999) o considera um gênero, ao mesmo tempo que literário, editorial, servindo como veículo de divulgação de textos extremamente diferentes em sua natureza em um único impresso.

Aliás, é válido salientar que o almanaque não começou impresso, mas manuscrito, tendo suas primeiras versões no Ocidente surgido durante a Idade Média. As primeiras edições impressas são contemporâneas à criação dos tipos móveis, na Alemanha, em 1455 (CORREIA; GUERREIRO, 1986). Em português, o exemplar impresso mais antigo que se conhece é intitulado *Almanaque Perpétuo* (*Almanach perpetuum*), de Abraão Zacuto, editado na cidade portuguesa de Leiria, em 1496, por Abraão d'Ortas. Na época, os custos para impressores e livreiros eram ainda bastante elevados, e, por isso, estes investiam em espécies tipográficas mais baratas, muitas vezes de qualidade ínfima, e intelectualmente mais rasas, a fim de conquistar um mercado satisfatório, compensando as esmorecidas vendas de livros. Dessa forma, o que mais se publicava eram “[...] os calendários, as estampas com imagens de santos, as orações, os panfletos, os folhetos de cordel, as letras de cantigas da moda, os conselhos impressos para bem casar, para andar à moda, etc.”. (ANASTÁCIO, 2012, p. 57).

Anastácio (2012) chama a atenção para o fato de que, quando da publicação dos primeiros exemplares do gênero, apenas uma pequena parcela da população europeia era alfabetizada; dessa forma, o público-alvo do almanaque constituía-se principalmente por médicos, cientistas e navegantes. Com o passar do tempo, esse público ampliou-se consideravelmente, tornando a publicação um objeto popular, acessível a praticamente todas as camadas sociais, inclusive aos analfabetos e aos pouco afeitos à leitura (PARK, 1999). Da metade do século XVIII ao fim do século XIX, o almanaque já se encontra extremamente difundido na Europa, e é nesse período que vive seu apogeu:

[...] ao reunir num objecto único as funções utilitária, informativa e recreativa, e procurando chegar a todos os públicos, no século XIX o almanaque tornara-se um instrumento persuasivo de grande impacto, utilizável como canal de disseminação de ideias junto de um grande número de leitores. (ANASTÁCIO, 2012, p. 66).

Nessa época, devido à acolhida positiva pela população, o gênero se desenvolve significativamente, passando a atuar, inclusive, como porta-voz de ideologias políticas ou

religiosas – visto a amplitude do seu alcance de distribuição⁴⁵ –, e oferecendo cada vez mais abertura para produções literárias. Começam a ser concebidos, então, títulos direcionados exclusivamente à poesia, como o *Almanach des Muses*, criado na França por Sautereau de Marsy, que circulou entre 1756 e 1833, recebendo contribuições de Voltaire e de outros renomados escritores. O modelo vigorou e, em Portugal, vemos surgir o *Almanak das Musas* (1793-1794), publicação de mesmo teor, na qual também publicaram célebres poetas, como Bocage. (ANASTÁCIO, 2012).

Alves (2014, p. 130) comenta que os almanaques refletiam “[...] a relevância que a leitura exercia na vida das pessoas, para as quais os mecanismos de entretenimento eram bastante escassos, de modo que ler passava a ser uma das ações fundamentais na ocupação do tempo livre”. Sendo assim, a leitura de almanaques configurou-se como uma prática cultural significativa em sociedades que iniciavam seu processo de urbanização, seguindo um ideário de civilização.

Principalmente no século XIX, com as transformações sociais do momento, incluindo a ascensão da burguesia e o fortalecimento da esfera privada, a escolarização já alcançava marcas bem maiores, e muitas mulheres podiam, então, ser alfabetizadas. Sendo assim, o público leitor feminino ganhou força, o que ocasionou o surgimento de muitos almanaques direcionados a mulheres: em Portugal, registram-se títulos como *Almanaque das cozinhas*, *Almanaque dos bons pitéus*, *Almanaque familiar* e *Almanaque doméstico*, geralmente pensados para donas de casa pertencentes a classes elevadas, sugerindo a associação – que se consolidou durante o período – entre o sexo feminino e o espaço doméstico. Entretanto, também aquelas pertencentes aos estratos mais baixos tinham publicações a elas dirigidas, como as lavadeiras (*Almanaque das lavadeiras*), as sopeiras (*Reportorio das sopeiras*) e as criadas (*Almanaque de Santa Zita*, *Almanaque das criadas*). (ANASTÁCIO, 2012).

Além de leitoras, a popularização do almanaque fomentou a produção de mulheres escritoras, na medida em que estabeleceu um novo tipo de autor: o colaborador anônimo. Segundo Anastácio (2012, p. 67),

[...] os editores de almanaques do século XVIII haviam criado as condições para a emergência de um novo tipo de autor: aquele que não frequenta necessariamente o meio literário ou erudito, que não conhece os meandros do acesso aos editores e à publicação, que não tem necessariamente uma obra extensa passível de ser reunida em volume, e que para fazer circular as suas produções não precisa necessariamente

⁴⁵ Anastácio (2012) pontua que a coleção da Biblioteca Nacional de Portugal inclui títulos publicados em 56 localidades diferentes: além do Portugal Continental, do Minho ao Algarve, os Açores, a Madeira, Angola, Moçambique e a Índia portuguesa. Se considerarmos, além dos lugares de impressão, os de circulação, no qual frequentemente se encontra o Brasil, o mapa em questão se torna muito mais amplo.

de declarar o seu nome nem de provar a sua identidade... Para publicar num almanaque bastava enviar um texto pelo correio, de preferência pouco extenso, e esperar que ele agradasse ao coordenador do volume.

Considerando a conjuntura do momento, as oportunidades oferecidas pelos redatores desses impressos podem ter facilitado a participação de mulheres, que, financeiramente dependentes e com atuação reduzida nos ambientes sociais favoráveis à publicação de livros, obtinham nas páginas dos almanaques possibilidade de divulgar seus textos.

As condições de produção, impressão e distribuição dos almanaques, que, em sua maioria, envolviam baixos custos, linguagem acessível, temas do cotidiano, divulgação de escritores anônimos, modelos tipográficos simples e altas tiragens de exemplares, favoreceram a atribuição de um status de popularidade a esse tipo de publicação, muitas vezes visto de forma pejorativa. A esse respeito, Park (1999, p. 31) questiona: “Como objetos de ler e constituindo leituras e leitores, se inserem no assim chamado mundo da cultura popular. Seria, então, o almanaque um produto popular? Seria a sua leitura menor por ser popular?”.

De fato, pode-se afirmar que o almanaque representou, na sociedade oitocentista, um rompimento com a leitura elitizada, congregando elementos que conquistavam o gosto de públicos de diferentes estratos sociais e intelectuais. Cuche (2002), em *A noção de cultura nas ciências sociais*, assinala que é fato a existência de uma relação de hierarquia entre a cultura popular e a erudita, resultante da hierarquia social, mesmo que, para o pesquisador das ciências sociais, ambas mereçam a mesma atenção. Dessa forma, os almanaques, como instrumentos de um ideal pedagógico e civilizador, se encontram, em certa medida, subjugados à cultura “dominante”, o que se confirma, inclusive, ao se observar a posição social de seus editores, geralmente homens letrados e pertencentes a círculos de prestígio na sociedade. A condição de “dominada”, entretanto, não torna a cultura popular

[...] necessariamente uma cultura alienada, totalmente dependente. É uma cultura que, em sua evolução, não pode desconsiderar a cultura dominante (a recíproca também é verdadeira, ainda que em um grau menor), mas que pode resistir em maior ou menor escala à imposição cultural dominante. [...]. Uma cultura dominante não pode se impor totalmente a uma cultura dominada como um grupo pode fazê-lo em relação a um outro grupo mais fraco. A dominação cultural nunca é total e definitivamente garantida e, por esta razão, ela deve sempre ser acompanhada de um trabalho para inculcar esta dominação cujos efeitos não são jamais unívocos; eles são às vezes “efeitos perversos”, contrários às expectativas dos dominantes, pois sofrer a dominação não significa necessariamente aceitá-la. (CUCHE, 2002, p. 146).

Assim sendo, o almanaque também possui sua autonomia, constituindo uma “[...] reunião de elementos originais e de elementos importados, de invenções próprias e de

empréstimos” (CUCHE, 2002, p. 149). Pensamentos antigos, provérbios e conselhos provenientes da sabedoria popular convivem, nas páginas da publicação, com apontamentos sobre as novas tecnologias. Da mesma forma, encontra-se a literatura clássica dividindo espaço com contribuições anônimas, o que torna o gênero verdadeiramente democrático no seio da sociedade moderna.

3.2 O ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO NO RIO GRANDE DO SUL OITOCENTISTA

No Brasil, a prática de leituras de almanaques foi introduzida pela cultura portuguesa, sendo que muitos títulos por aqui disseminados vinham diretamente do país europeu, como é o caso do *Almanaque Bertrand* (1899-1969), publicado aqui pela Editora Brasil América Ltda., sediada no Rio de Janeiro (PARK, 1999). O gênero começa a ser propagado em terras brasileiras a partir do século XIX, assim como na Europa, e torna-se protagonista cultural em diferentes regiões do País.

Além de importar almanaques de Portugal, o Brasil produziu grande variedade de títulos próprios. Ainda durante os oitocentos, podemos citar publicações como o *Almanaque Geral do Império do Brasil*, editado pela Tip. Comercial Fluminense, no Rio de Janeiro; o *Anuário Político, Histórico e Estatístico do Brasil*, impresso pela Firmin Didot Irmãos, também na Capital; o *Almanaque Popular Brasileiro*, publicado pela Livraria Universal, de Pelotas e Porto Alegre; os almanaques próprios de cidades e estados, como o *Almanaque de Campinas* (Tip. Da Gazeta de Campinas); o *Almanaque da Província de São Paulo* (Tipografia Americana); o *Almanaque Literário de S. Paulo* (Tipografia da Província de São Paulo); o *Almanaque do Diário de Notícias*, na Bahia; o *Almanaque Enciclopédico Rio-Grandense*, dirigido por Augusto Porto Alegre; e aqueles voltados para o público feminino, como é o caso do *Almanaque das Senhoras*, de Alagoas. Percebe-se, a partir das denominações recebidas, que os almanaques brasileiros são diversificados, direcionando-se a nichos específicos, como a literatura ou a política. Mesmo assim, não deixam de carregar a característica de concentração de conteúdos variados.

No início do século XX, o gênero ganha ainda mais popularidade, e é quando surge o prestigiado *Almanaque Brasileiro Garnier* (1903-1914), da Livraria Garnier, localizada no Rio de Janeiro, que pertencia ao francês Baptiste Louis Garnier e era associada à livraria Garnier Frères, de Paris. O periódico foi desenvolvido sob a orientação intelectual do historiador João Ribeiro e veiculou textos de autores como Machado de Assis, José

Veríssimo, Artur Azevedo, Rocha Pombo e Pedro do Couto (PESSOA, 2016). Entre os mais recentes, tem-se o *Almanaque Abril*, produzido pela Editora Abril entre 1974 e 2015, contendo informações enciclopédicas, atualidades e curiosidades. No Rio Grande do Sul, podem-se citar o *Almanaque do Correio do Povo*, que circulou entre 1916 e 1984, e o *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul* (1889-1917), organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues e publicado pela Livraria América, de Rio Grande e Pelotas. Atualmente, poucos são os títulos publicados, como o *Almanaque do Pensamento*, da Editora Pensamento-Cultrix, que surgiu em 1913 e existe até hoje, veiculando informações astrológicas, literatura, ciência e filosofia. Também é possível encontrar reminiscências do gênero em alguns jornais, que, geralmente aos fins de semana, publicam uma seção de variedades, denominada “almanaque”, com passatempos, receitas e programações culturais da cidade.

A esses tipos de almanaques, normalmente alentados, Meyer (2001, p. 12) designa *almanaques gerais*, porquanto veiculam um “acúmulo de informações”, com diferentes funções e utilidades para um amplo público leitor. Contudo, no Brasil, foi um outro modelo de almanaque que verdadeiramente se popularizou: os denominados *de farmácia*, que, no século XX, se fizeram fortemente presentes no País, alcançando um público ainda maior e auxiliando na difusão dos valores urbanos aos habitantes do sertão, sobretudo aos públicos de estratos sociais mais baixos.

Os almanaques de farmácia surgiram no período em que o Brasil começa a passar pelo processo de industrialização e urbanização. Nas primeiras décadas do século passado, a população rural ainda representava cerca de dois terços da totalidade (PESSOA, 2016), e havia o propósito de difusão dos valores citadinos aos habitantes do sertão. Em um momento em que a imprensa e os periódicos se consolidavam cada vez mais como agentes de constituição de hábitos e valores e como formadores da opinião pública, os almanaques serviram como um importante instrumento pedagógico, voltado para a educação moral e higiênica do povo, adquirindo um caráter “civilizador”, como aponta Ferreira (2001, p. 20):

No caso do Brasil, pode-se mesmo falar no aspecto civilizador dos almanaques, do que representaram chegando aos mais distantes sertões, aos povoados mais afastados, e mesmo nas cidades, numa integração de domínios rurais e urbanos, transitando entre classes sociais, exercendo a aproximação efetiva de repertórios. [...] Contando com uma intensa atividade no Brasil do passado, o gênero se faz presente no Brasil de hoje, designa uma operação de participação ativa, um ícone de nossa cultura.

A conjuntura nacional anterior ao século XX foi assolada por “precárias condições sanitárias, de verminoses, anemias, subnutrição” (PESSOA, 2016, p. 741), somadas à ignorância sobre questões de saúde, principalmente por parte dos trabalhadores rurais, tanto que, em 1917, o Governo do Estado de São Paulo cria o Código Sanitário Rural. Daí o valor dos almanaques farmacêuticos, que buscavam divulgar, por meio de linguagem acessível, instruções de higiene, além de informações sobre doenças e medicamentos. Seus exemplares não costumavam ultrapassar as 35 páginas⁴⁶. Muitos eram distribuídos gratuitamente, a fim de facilitar a propagação dos conhecimentos medicinais e, principalmente, promover os laboratórios, anunciando seus produtos à venda.

Nessa categoria, o Brasil teve títulos como o *Almanaque Iza*, editado em Porto Alegre e produzido pelo Laboratório Kraemer; o *Farol da Medicina*, patrocinado pela Drogaria Granado do Rio de Janeiro; *Almanaque Renascim Sadol, de Joinville*; e o *Capivarol*, também impresso no Rio de Janeiro. O mais expressivo, contudo, foi provavelmente o *Almanaque do Biotônico* (1920-1982), produzido pelo Laboratório de Cândido Fontoura, que divulgava produtos como seu Elixir Biotônico Fontoura, fortificante licenciado pelo Serviço Sanitário de São Paulo (PARK, 1999). A notoriedade da publicação muito se deve ao empreendimento publicitário estabelecido em parceria com Monteiro Lobato, que transpôs a personagem Jeca Tatu, de sua obra *Urupês* (1918), para as páginas do anuário. Jeca Tatu representava o trabalhador rural paulista, abandonado às circunstâncias da miséria e das diversas enfermidades, em uma tentativa de inculcar o ideal higienista⁴⁷ em vigor no período.

⁴⁶ Segundo Pessoa (2016), o almanaque *Capivarol* de 1943, por exemplo, teve 36 páginas, enquanto o *Garnier* de 1908 contava 466 páginas, e o de 1912, 644 páginas.

⁴⁷ O higienismo foi um movimento de orientação positivista, entre os séculos XIX e XX: “Foi formado por médicos que buscavam impor-se aos centros de decisão do Estado para obter investimentos e intervir não só na regulamentação daquilo que estaria relacionado especificamente à área de saúde, mas também no ordenamento de muitas outras esferas da vida social. Diante dos altos índices de mortalidade infantil e das precárias condições de saúde dos adultos, e tendo em vista a disseminação de novos conhecimentos e técnicas provenientes do avanço da ciência, o higienismo conseguiu influenciar decisivamente a emergência de novas concepções e novos hábitos.” (MERISSE et al., 1987, p. 33-34).

Figura 1 – Jeca Tatu no *Almanaque Fontoura* (1935)



Fonte: Meyer (2001).

É possível identificar, na figura acima, o contraste entre as figuras de Monteiro Lobato e de Jeca Tatu. O primeiro é representado como homem esclarecido, de imagem asseada, apresentando ao segundo, de aspecto humilde, abatido pelo “amarellão”, a solução que lhe proporcionaria novas e melhores condições de vida. A esse respeito, Meyer (2001, p. 133) coloca que

Mostrar a tristeza, a pobreza, a doença são artifícios do discurso médico para que o ideal seja a Felicidade, a Riqueza e a Saúde. É objetivo da classe dominante construir uma identidade cultural, através de valores inculcados pela ideologia que representa o camponês como “alicerce da nação”, pois precisa de seu braço de sua produção. Após tomar a poção mágica – o Biotônico Fontoura ou a Ankilostomina Fontoura – o camponês humilde transforma-se em um imigrante europeu, modelo de Força, Beleza e Saúde, empunhando galhardamente a enxada. Os anos de trinta a cinquenta se caracterizam pela industrialização e consequente urbanização.

Sendo assim, o *Almanaque Fontoura* assume um forte papel de uniformização dos ideais e valores nacionais, contribuindo com o enquadramento do País nos parâmetros de modernização e progresso, além de instituir-se como novo hábito de leitura entre as famílias brasileiras. Sua última edição, em 1982, teve tiragem superior a 100 milhões de exemplares, número elevadíssimo se comparado aos 50 mil da primeira edição, em 1920. (PARK, 1999).

Retornando aos “almanaques gerais” do século XIX, o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* foi um dos títulos que vieram de Portugal para o Império do Brasil. O anuário foi publicado em 86 edições, ao longo de 81 anos – de 1851 a 1932 –, com algumas

complementares, e, ao longo de sua história, recebeu três diferentes denominações: *Almanaque de Lembranças* (1851-1854), *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1855-1871) e *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1872-1932)⁴⁸. Editado em Lisboa e fundado por Alexandre Magno de Castilho – matemático, escritor e professor –, irmão do escritor romântico António Feliciano de Castilho, passou a ser dirigido, em 1861, por um sobrinho homônimo, com colaboração de Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro (engenheiro hidrográfico, professor da Escola Naval e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro). Este assume a direção em 1872, devido ao falecimento de Castilho. Em 1897, morre Antonio Xavier, e então se sucedem António Xavier de Sousa Cordeiro, Adriano Xavier Cordeiro e O. Xavier Cordeiro, até 1931, o que mantém o *Almanaque* sob a administração da mesma família durante 59 anos. Só o último número, de 1932, passou para as mãos de Armando Lima Pereira. Romariz (2011, p. 16), pesquisadora portuguesa, destaca que os responsáveis pela publicação foram sempre “homens de cultura elevada e de sólida reputação”, eruditos que possivelmente contribuíram para o prestígio do *Almanaque*, principalmente entre a elite intelectual.

Produzido em formato de livro de bolso, impresso em papel bíblia, o anuário teve suas três primeiras edições impressas em Paris – a de 1851, na rua Chaussée d’Antin, e as duas subsequentes na tipografia M. Cerf. A partir de 1854, passou a ser publicado em Lisboa até seu último exemplar, transitando entre seis diferentes editoras: Imprensa de Lucas Evangelista; Tipografia Universal; Imprensa Nacional; Tipografia Franco-Portuguesa; Tipografia Lisboa, em parceria com a Lalléman Frères, de Paris; e, por último, a Tipografia e Estereotipia Moderna, em coautoria com Antônio Maria Pereira (DUTRA, 2005). Era acessível, inclusive em território brasileiro, onde, de acordo com Eliana de Freitas Dutra (2005), seu preço era estimado, durante a década de 1880, entre 300 e 400 réis, equivalendo ao de meio quilo de café ou ao de um quilo de açúcar glacê. A autora considera que os modelos tipográficos, materiais de impressão e custo modestos podem ter contribuído substancialmente para o forte consumo da publicação, que granjeou amplas regiões de circulação – resultando em um expressivo número de leitores em Portugal e suas colônias e tiragens que, em certos momentos, ultrapassavam os 20 mil exemplares.

O projeto do *Almanaque de Lembranças* é revelado por seu editor no primeiro número, em 1851:

⁴⁸ Para fins de padronização, referimo-nos ao periódico, nesta dissertação, apenas pelo título *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, sob o qual ele mais se popularizou.

Quanto à variedade difícil fora encerrar em tão diminuto quadro, mais vasta coleção de apontamentos em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Apontamentos, é a palavra própria. O que só pretendi foi publicar um livrinho ameno, próprio para todos os paladares, e de inegável utilidade, ao mesmo tempo para todas as classes. As pessoas instruídas folgarão de recordar-se; as outras acharão bastante que aprender. (CASTILHO, 1853, p. 17).⁴⁹

Percebe-se, nessa apresentação, que o anuário promete ser um almanaque em seu estilo mais clássico, divulgando “apontamentos” variados, oriundos de diversas áreas do conhecimento, com finalidade sobretudo utilitária, e acessível a todas as classes sociais, agradável a todos os gostos, comunicativo com leitores de diferentes níveis de instrução: aqueles menos eruditos teriam, em seus artigos, a chance de aprender, e os mais letrados poderiam recordar os conhecimentos já familiares.

É válido mencionar que a figura do editor, aqui, faz parte do processo de divulgação e de evidencição do valor da obra. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, enquanto produto cultural, precisa estar acompanhado da crença coletiva de sua relevância dentro da sociedade. Bourdieu (2009, p. 240) defende essa ideia, afirmando que

[...] entre as condições que devem ser preenchidas para que um produto intelectual seja produzido, está a produção da crença no valor do produto. Se, querendo produzir um objeto cultural, qualquer que seja, eu não produzo simultaneamente o universo de crença que faz com que seja reconhecido como um objeto cultural, [...] não produzi nada, apenas uma coisa. Dito de outra maneira, o que caracteriza o bem cultural é que ele é um produto como os outros, mas com uma crença, que ela própria deve ser produzida.

Com efeito, os editores do periódico português reconhecem a necessidade de produzir essa crença, a fim de angariar compradores e leitores que constituam um público sólido. Por isso, vemos, principalmente nos primeiros números do anuário, uma preocupação em evidenciar sua utilidade, praticidade e eficácia enquanto almanaque, gênero extremamente difundido na Europa no momento, contando com incontáveis títulos, para diferentes tipos de receptores.

Os conteúdos do *Almanaque* consistiam principalmente em calendários, dados sobre o signo astrológico de cada mês, informações religiosas e sociais, além de assuntos práticos, como eclipses, marés, incêndios, pesos e medidas, selos, taxas alfandegárias, entre outros; também havia considerável espaço para passatempos, poema e prosa literária, perfis e biografias de pessoas ilustres e anúncios. Ademais, completava a obra uma lista de colaboradores da edição, correspondências com o editor e ilustrações, que acompanhavam

⁴⁹ Obteve-se acesso apenas à segunda edição do *Almanaque de Lembranças para o ano de 1851*, datada de 1853.

alguns textos. Nas duas primeiras edições, havia um espaço reservado para anotações diárias, funcionando como uma espécie de agenda, que, a partir de 1853, foi suprimido em decorrência do pouco uso que dele faziam seus leitores⁵⁰. Esses conteúdos não seguiam uma organização padronizada ou dividida em blocos de textos da mesma categoria⁵¹, e o índice listava os textos em ordem alfabética, não aderindo à ordem crescente de páginas. Não havia critérios permanentes quanto à apresentação tipográfica do periódico, tampouco uma ortografia uniforme, o que se deve à interferência de diferentes editores, colaboradores e casas tipográficas ao longo de sua existência e à instabilidade da ortografia portuguesa até o início do século XX⁵², de modo que em cada edição surgiam textos em diferentes formatos, fontes e posições. A seção literária e de passatempos foi se expandindo ao longo dos anos⁵³, até passar a constituir um segmento independente, intitulado “Variedades”, que recebeu uma numeração de páginas à parte. (ROMARIZ, 2011).

Logo nos primeiros números do *Almanaque de Lembranças*, seu editor manifesta interesse pela contribuição de leitores na elaboração dos exemplares seguintes. Na edição para o ano de 1852, Castilho insere uma nota solicitando o envio de textos, bem como de observações e correções acerca de matérias de edições anteriores, indicando o endereço para correspondência, em Portugal:

O autor aceita quaisquer artigos que, por sua natureza e limitadas dimensões, possam entrar no seu *Almanaque* para 1853, quer se lhe remetam assinados, quer anônimos; assim como desde já agradece as críticas judiciosas, advertências, e observações, que sobre este e o precedente se lhe possam fazer. Toda a correspondência deve ser-lhe dirigida por via do Ilmo. Sr. Pedro Diniz, Praça da Alegria, nº 56, em Lisboa. (CASTILHO, 1851, p. 2).

Os editores solicitavam, para os que se motivassem a lhe remeter escritos, que estes fossem de extensão moderada, o que faz jus ao projeto de um almanaque que visa divulgar

⁵⁰ Castilho (1852, p. 15) expõe essa situação no *Almanaque* para 1853: “Conheci que não passava de teoria o meu pensamento de deixar um espaço branco no fim de cada artigo, para que o leitor aí pudesse escrever as lembranças do dia próprio. Todas quantas pessoas consultei sobre o emprego que faziam de tais espaços, sincera e francamente me responderam que nada neles escreviam, e lamentavam que tanto se opusessem a que eu desse maior desenvolvimento a grande número de artigos, ou a que maior número deles publicasse. Achei-lhes razão. Suprimi os espaços, e neste volume achará o leitor muita matéria mais do que nos precedentes”.

⁵¹ Essa desordem podia ocorrer por conta de o editor ir encaixando os textos selecionados nos espaços disponíveis, conforme os recebia, visto que se encontram textos divididos em colunas, outros posicionados em diagonal, no alto da página, ou na vertical, junto às margens laterais, preenchendo completamente o espaço da página em que figuravam.

⁵² A primeira Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa ocorreu em 1911 e aplicou-se em Portugal, que até então não possuía uma norma ortográfica sistemática em seu idioma. Tal reforma não foi aplicada no Brasil, que só foi incluído no Acordo Ortográfico de 1931 entre os dois países. (ZANOTTO, 2013).

⁵³ As matérias do *Almanaque*, de forma geral, aumentaram muito com o passar do tempo, ampliando o número de páginas da publicação – de 100, no primeiro número, para cerca de 500 em outros volumes. (CHAVES, 2014).

grande variedade de matérias de fácil compreensão. Além disso, pedia-se que os colaboradores evitassem tocar em questões políticas, como se pode observar no número para 1918:

Mais uma vez pedimos aos nossos estimados colaboradores, nos não enviem artigos demasiado longos, pois temos de passar pelo dissabor de lhes não pudermos dar publicidade. Pedimos também para não escolherem nunca para os seus trabalhos, assuntos de caráter político. (CORDEIRO, 1917, p. 28).

De fato, o *Almanaque* opta por se calar em relação aos acontecimentos da política de seu tempo, preferindo manter o ideal de propagação cultural e artística, principalmente no que diz respeito à literatura, entre Brasil e Portugal. No prólogo, redigido pelo editor, para 1855, temos uma confirmação de cumprimento do propósito educativo e moralizador da publicação, servindo como uma alternativa positiva a hábitos vis:

[...] o *Almanaque de Lembranças* instrui os meninos de muitas escolas, desfada muitos serões provincianos, entretém os domingos de muitas donzelas, encurta horas a muito ancião solitário, e já em alguns quartéis de tropa dá aos soldados, instruídos pela escola regimental, com que substituir vantajosamente as conversações ociosas, grosseiras, e dissolutas, da tarimba. (CASTILHO, 1854, p. 29).

Nesse mesmo ano, tem-se a primeira edição do periódico com o título de *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Castilho afirma que já havia, naquele momento, contribuições subscritas por brasileiros, o que o inspirou a formalizar a dupla nacionalidade do anuário. O acréscimo do gentílico ao título representa a intenção de que ele contribuísse para estreitar relações entre as duas nações, já unidas pela língua, costumes, religião e recordações comuns. Leia-se, ainda no prólogo do mesmo número:

O brasileiro no pequeno e antigo Portugal, e o português no moderno e imenso Brasil, respiram igualmente ares de pátria e sentem-se em família. Mutuamo-nos sem invejas as nossas literaturas; aplaudimos fraternalmente, de um para outro hemisfério, a aparição e o brilho de relevantes engenhos. [...]. Por tudo isto, o *Almanaque de Lembranças*, desde o princípio do seu segundo lustro, será impresso em duas edições ao mesmo tempo – a de Portugal e a do Brasil. Comuns no fundo estas duas edições, só diferirão nas cláusulas propriamente de calendário, para servirem com igualdade aos interesses de ambos os países. (CASTILHO, 1854, p. 30).

Alexandre Magno de Castilho busca divulgar intensamente seu anuário no Brasil, mantendo as mesmas matérias e alterando apenas o calendário, tentando conservar vivos os laços com o Império já independente do governo europeu. Por meio desse intercâmbio, ainda,

era possível manter um discurso colonial de influência sobre a jovem nação, ainda em processo de consolidação, mantendo o status de Portugal como criador e detentor da nacionalidade brasileira.

O editor evidencia seu desejo pela participação de colaboradores do Brasil, visto que fornece um endereço no Rio de Janeiro para facilitar o envio de correspondências, como pode-se verificar, na edição para o ano de 1860: “Os artigos que de qualquer ponto do Brasil nos hajão de ser mandados, poderão sobrescriptar-se ao Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, no Rio de Janeiro, por quem, pronta e obsequiosamente, nos serão remetidos” (CASTILHO, 1859, p. 4).

Conforme resgate realizado por Romariz (2011), esse pedido teve recepção positiva e foi deveras atendido, a ponto de desagradar o organizador, que, na mesma edição, recebendo excesso de solicitações para publicar poemas que considerava de baixa qualidade, alega insatisfação por parte do público do periódico em relação aos versos divulgados:

Por Cristo e por quantos santos há na corte do céu, não me matem com versos! Nisso já pouco se admite hoje a mediocridade, e a maior parte das poesias que se me remetem está cem graus abaixo do mau. O mais curioso é serem seus autores os primeiros a reconhecê-lo, segundo afirmam, e a massarem-me de contínuo, apelando para a minha indulgência. Oh! senhores! Eu sou indulgente; poucos o serão até mais do que eu; mas o público é que o não é nada comigo, e me pede contas, e com razão, pela publicação de poesias ensossas, desenxabidas, e que por nada se recomendam. (CASTILHO, 1859, p. 5).

De fato, as facilidades oferecidas por essa modalidade de publicação viabilizaram a inserção de autores não necessariamente qualificados no meio da imprensa, abrindo espaço para os mais variados escritos, de origens também muito diversificadas. Há, além de Portugal e Brasil, contribuições oriundas de outras colônias e espaços lusófonos, como Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Guiné-Bissau.

Apesar de muitos de seus nomes permanecerem desconhecidos pela historiografia literária, é grande o número de pessoas do Rio Grande do Sul que frequentaram o *Almanaque*, com contribuições que se iniciaram em 1857⁵⁴ e permaneceram até aproximadamente 1923⁵⁵, quando cessam completamente – com exceção de uma única participação em 1932, no último

⁵⁴ Essas primeiras contribuições, no entanto, não foram de escritor gaúcho: assinados pelo imigrante português Antônio Maria do Amaral Ribeiro, residente em Porto Alegre, o *Almanaque* publica uma composição em verso e três em prosa – uma delas, inclusive, intitulada “Zurriho” (p. 182), versa sobre o mamífero habitante das terras do Sul.

⁵⁵ Chaves (2014), no artigo “O *Almanaque de Lembranças* e o Rio Grande do Sul”, afirma ter sido 1919 o último ano de publicação do Rio Grande do Sul no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (com uma única exceção em 1932). No entanto, a mesma autora, em *As senhoras do Almanaque: catálogo da produção de autoria feminina* (2015), aponta a publicação da “Charada”, de Anita Neto, em 1923.

número. O levantamento realizado por Vania Pinheiro Chaves, presente na obra *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (2014) lista 25 cidades de onde surgiram colaborações: Bagé, Caçapava, Cachoeira, Canguçu, Encruzilhada, Estrela, Itaqui, Jaguarão, Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Povo Novo, Rio Grande, Rio Pardo, Rosário do Sul (antiga Vila do Rosário), Santana do Livramento, Santa Cruz, São Gabriel, São João do Montenegro, São Leopoldo, Soledade, Taquari, Triunfo e Uruguaiana. Ao longo da existência do periódico, são centenas de escritos, divididos em três principais categorias: prosa, poesia e passatempos. Alguns dos de produção mais abundante são Damasceno Vieira, António Maria do Amaral Ribeiro⁵⁶ e Anália Vieira do Nascimento. (CHAVES, 2014).

Gomes (2014) considera António Maria do Amaral Ribeiro o grande divulgador da cultura sul-rio-grandense no *Almanaque*. Fornecedor de impressos vindos de Portugal como representante autorizado, desde 1845, o autor português foi responsável por apresentar lendas, provérbios, chistes, aspectos da flora e da fauna, da culinária, e modos de ser e viver típicos do estado meridional. Na edição de 1858, por exemplo, no texto “Província do Rio Grande”, Ribeiro tece uma encomiástica homenagem à terra em que vive há mais de duas décadas, exaltando a fertilidade do solo, as riquezas naturais, o clima e o povo nativo, de caráter “franco, leal e hospitaleiro” (RIBEIRO, 1857, p. 358). Em 1860, em “Como se monta a cavalo no Rio Grande do Sul” (p. 146), elenca e descreve apetrechos de montaria, como o pelego e a boleadeira, comuns entre os gaúchos do campo. Outro escrito notável sobre o tipo sul-rio-grandense se encontra no exemplar para 1862: “Camponeses Riograndenses” versa sobre o traje e os objetos dos camponeses pobres, além de costumes e aspectos físicos desses indivíduos, com destaque para o hábito de tomar chimarrão: “Para qualquer viagem, que empreendem conduzem consigo uma chaleira para aquecer água, cuia e bomba para tomarem mate, quase sempre *chimarrão*. Usam de barbas e cabelos tão grandes que estes lhes caem sobre os ombros” (RIBEIRO, 1861, p. 302). Percebe-se, nos textos do colaborador português, uma ótica tipicamente estrangeira, semelhante à presente em relatos de viajantes do exterior, que se baseiam em categorias de avaliação urbanas e europeias para julgar excêntricos ou exóticos os aspectos da cultura regional, destacando o estranho e o inusitado dos costumes nativos.

⁵⁶ Foi vice-cônsul de Portugal em Porto Alegre, em 1853, e participou da fundação da Sociedade Beneficente e Hospitalar da colônia portuguesa de Porto Alegre. Publicou no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* entre 1857 e 1881. (GOMES, 2014).

Nas palavras de Gomes (2014, p. 108), o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, quando tomado como fonte histórica, constitui um importante “produto e veículo de disseminação de informações sobre a Província e seus escritores”. Por meio dos artigos publicados, podemos observar alguns acontecimentos locais e sua repercussão entre a população letrada sul-rio-grandense. Embora o periódico valorizasse muito mais os escritos indiferentes a questões políticas – e, portanto, menos polêmicos –, em certos momentos torna-se inevitável que esses tópicos sejam trazidos à tona, principalmente durante o período efervescente de transformações no governo, devido à mudança de regime, que compreendeu as décadas de 1880 e 1890. Pedro Antônio de Miranda, por exemplo, que, durante os anos de 1870 publicou exclusivamente passatempos, em 1884 assina no anuário um poema em homenagem a Giuseppe Garibaldi, guerrilheiro italiano que se uniu aos republicanos durante a Guerra dos Farrapos (1835-1845), destacando-se em combates contra as forças imperiais. Transcrevemos um trecho abaixo:

Montevideú, que o viu durante sítio;
 Porto-Alegre, onde, ao mando de um lanchão
 Servindo esteve a causa da República;
 [...]
 O Barão de Jacuí teve uma prova
 de quem era o herói que contra ele
 em São José do Norte pelejava
 no forte imperial, a quem inda hoje
 a colônia italiana ali consagra
 perdurável notícia em branca lousa! (MIRANDA apud GOMES, 2014, p. 111).

Outro exemplo é o poema “Glória! À província do Rio Grande do Sul (versos recitados por ocasião de serem declarados livres os escravos da cidade de Porto Alegre)”, de autoria de João Damasceno Vieira Fernandes, publicado no *Almanaque* para 1886, que apresenta elogios aos combatentes da Revolução Farroupilha e os ideais republicanos:

Ela, a grande província belicosa,
 Acalentada como outrora fora
 Esparta senhoril,
 Sempre na luta a se ostentar garbosa,
 Hasteia a forte lança vencedora
 Em honra do Brasil!
 Defendendo os direitos com afincos
 E desprezando o servilismo abjeto,
 Em data festival
 Viu erguer-se os heróis de trinta e cinco
 - Bento Gonçalves, Canabarro e Netto –
 Trindade triunfal! (FERNANDES apud GOMES, 2014, p. 112).

Além disso, temos, em 1895, a notória publicação do “Hino Revolucionário Rio-Grandense (música do hino da revolução de 1835)”, acompanhado da contextualização de sua apresentação em Porto Alegre⁵⁷. Para Gomes (2014, p. 112), dentre as publicações sobre a história do Rio Grande do Sul, essa foi a grande responsável por

[...] marcar, definitivamente, a inversão do significado da guerra civil a partir daquele período, isto é, a publicação da letra (com andamento do hino de 1835) e a adoção da definição de Revolução demonstram que a interdição, em torno do tema e de seus principais líderes, principalmente, Bento Gonçalves, fora superada.

Temas considerados inapropriados para o contexto do *Almanaque*, como as guerras civis, os governantes e princípios políticos, permeiam diversos textos publicados no periódico, que, constituindo-se como uma instituição sociocultural, exerce função política e social nos locais onde circula.

Ademais, os temas históricos da localidade gaúcha aparecem no *Almanaque* principalmente sob a forma de biografias e poemas em homenagem a personalidades, como o Barão de Santo Ângelo, Manuel de Araújo Porto Alegre (1884), Duque de Caxias (1885), Hilário Ribeiro (1887), Damasceno Vieira (1897) e Múcio Teixeira (1899). Há, também, poesias dedicadas ao General Osório (1884 e 1889), à abolição da escravidão (1886 e 1889), além, é claro, do Hino Rio-Grandense (1895).

O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* não só conquistou um amplo grupo espectador, mas também serviu como parâmetro para que se repetisse seu modelo em várias cidades brasileiras. No estado gaúcho, é digno de nota o empreendimento realizado na cidade de Rio Grande: o *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul*⁵⁸ (1889-1917), que teve 29 volumes e sobreviveu mesmo durante a Revolução Federalista, período altamente turbulento da história do Rio Grande do Sul. O periódico foi levado em frente pelo esforço de Alfredo Ferreira Rodrigues, também escritor do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, que aproveitou o público profícuo da cidade portuária, que já possuía o hábito de leitura de jornais diários, para projetar sua publicação anual. A proposta é bem recebida, e Rodrigues revela que a rede de leitores de seu *Almanaque* já se espalhava para outros estados do País (e até para regiões do exterior, como o Uruguai). O editor

⁵⁷ “Cantado pelo corpo cênico da sociedade dramática particular Luso-Brasileira em espetáculo de grande gala, em regozijo à queda da Ditadura, oferecido aos generais Domingos Alves Barreto Leite e Manuel Luís da Rocha Osório, aos Drs. Assis Brasil e Barros Cassal e comandantes dos batalhões patrióticos, tenente-coronel Antônio Galdino Travassos Alves, tenente Anibal Cardoso e Ernesto dos Santos Paiva” (*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* apud GOMES, 2014, p. 112).

⁵⁸ A partir de 1891, passou a se chamar *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, devido à queda da monarquia e à ascensão republicana, que transformou as províncias em estados.

instituiu, então, um concurso charadístico, estratégia de sucesso para demarcar o alcance do almanaque na medida em que se publicava uma lista com os decifradores e seu local de residência. (ALVES, 2014).

3.3 AS “SENHORAS” DO *ALMANAQUE*: ORIGENS, GÊNEROS TEXTUAIS E TEMAS ABORDADOS

A participação feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* inicia em 1854⁵⁹, e a partir de então segue ininterruptamente, em número cada vez mais expressivo – embora não superior ao de homens –, o que incentiva a criação, em 1856, de uma lista separada contendo os nomes das mulheres autoras presentes em cada edição. A elas o editor se referia como “senhoras”.

Ora, as senhoras são encontradas em grande quantidade no anuário. Chaves, Lousada e Abreu, em *As senhoras do Almanaque: catálogo da produção de autoria feminina*⁶⁰ (2014), elencam 3976 textos de autoria feminina no anuário, assinados por cerca de 1273⁶¹ escritoras, que remeteram seus escritos de 11⁶² diferentes países: África do Sul, Angola, Brasil, Cabo Verde, Espanha, Índia⁶³, Guiné, Inglaterra, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Conhecer os diferentes pontos de onde surgiram composições de mulheres nos ajuda a ter uma dimensão da amplitude de difusão do periódico. Alexandre Magno de Castilho, seu fundador, de “espírito aberto e liberal em relação à mulher” (CHAVES; LOUSADA; ABREU, 2014, p. 14), estimava suas leitoras e colaboradoras, às quais não economiza elogios

⁵⁹ Nesse ano, são publicados cinco textos subscritos por mulheres: “Um cipreste”, de Antónia Gertrudes Pusich (sem identificação de local); “Canto ao amanhecer”, de Maria Rita Colaço Chiappe (Lisboa); “Dia de defuntos”, de Elisa Morin (sem identificação de local), redigido em francês; “À chegada a Lisboa do cadáver de S. A. I. a Princesa D. Maria Amélia”, de Maria José da Silva Canuto; e “Usos e prejuízos no Minho”, de Maria Peregrina de Sousa (Porto), sob o pseudônimo de Obscura Portuense. Os quatro primeiros se tratam de poesias; o último, de composição em prosa.

⁶⁰ Obra editada em parceria pelo Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) e pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), fruto do projeto “As Senhoras do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*”, realizado em parceria por investigadores integrados do Grupo de Investigação (GI) 6 do CLEPUL e do Grupo de Pesquisa Letras de Minas, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

⁶¹ É necessário sublinhar que essa contagem foi realizada por meio da transcrição dos verbetes do catálogo em um programa de tabulação de dados (*Microsoft Office Excel*). Não há como garantir a exatidão dos números obtidos, visto que a lista conta com diversos pseudônimos e casos de autoria coletiva – estes, quando figuram em uma única entrada, são considerados um único elemento (dessa forma, “Duas Irmãs”, por exemplo, é contabilizado como uma (1) mulher, bem como “Mãe e Filhos” e “Alfa e Antonieta”). Chaves, Lousada e Abreu (2014) informam que o critério para inserção dos nomes na lista em questão foi sua aparição no índice de “Senhoras” de cada edição do *Almanaque*, salvas algumas situações em que se identificaram equívocos nesses índices.

⁶² Ressalta-se que, dentre as 1273 mulheres, 176 não possuíam identificação de país, correspondendo a 13,8% do número total.

⁶³ Do estado de Goa, no período em que ainda era colônia portuguesa (sua incorporação à Índia ocorreu em 1961).

e agradece por tornarem sua obra mais “simpática”. Apesar de conferir-lhes tratamento um tanto sexista, o editor lamenta que a participação feminina nas atividades intelectuais seja ainda tão limitada, como pode-se verificar no excerto transcrito abaixo:

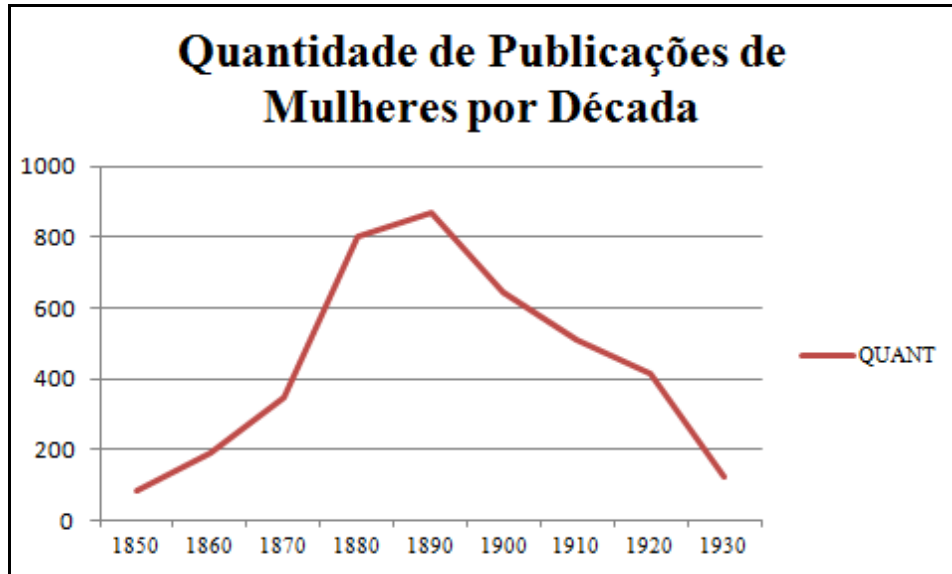
De quantas *lembranças* felizes podemos ter nestes oito anos, se alguma tivemos, a mais feliz foi a de convidarmos as damas para esta assembleia geral dos talentos. A despeito dos melindres, mui naturais a estas sensitivas, e apesar das preocupações, que ainda de todo entre nós não se acabaram, de uma não sei que obscura e maometana destinação, ou condenação, das mulheres à clausura doméstica e à silenciosa abstenção de todas as palestras da inteligência, o número das que se estreiam, ensaiam, excitam, ou colhem palmas, nas lides literárias, tem vindo a crescer nestes nossos torneios dos bons engenhos até este ano, em que foi o mais avultado. (CASTILHO, 1857, p. 19).

Chaves, Lousada e Abreu (2014) destacam que as “damas ilustres” que contribuíam com o anuário, em sua maioria, pertenciam a uma classe social e culturalmente favorecida, se considerarmos as altas taxas de analfabetismo entre a comunidade lusitana⁶⁴. Essas escritoras, portanto, se inserem em um grupo seletivo, pertencentes a famílias abastadas e de forte tradição letrada, como é o caso da portuguesa Maria da Luz Teles Grilo (1882-1967), cuja família, segundo a pesquisadora, era constituída por ricos comerciantes do norte de Portugal; além disso, era casada com Augusto Raposo de Sena, comandante da Marinha Mercante e de origem aristocrática.

O *Catálogo* em questão atesta um aumento significativo do número de textos de autoria feminina no Almanaque durante as décadas de 80 e 90 do século XIX, decrescendo no século seguinte, o que se verifica em estatísticas referentes aos anos de 1854 (de estreia), 1889 (de maior incidência) e 1932 (quando é publicada a última edição) – os cinco escritos de mulheres no ano de sua estreia no periódico são sucedidos, em 1889, por um total de 152 composições, ao passo que em 1932 encontram-se apenas 41 textos. O gráfico abaixo ilustra o ápice das contribuições femininas nas décadas de 1880 e 1890.

⁶⁴ Francisco Ribeiro da Silva (1993) aponta que, em 1890, por exemplo, 76% da população portuguesa com mais de sete anos de idade não sabia ler nem escrever.

Figura 2 – Produção geral de autoria feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* por década (gráfico)⁶⁵

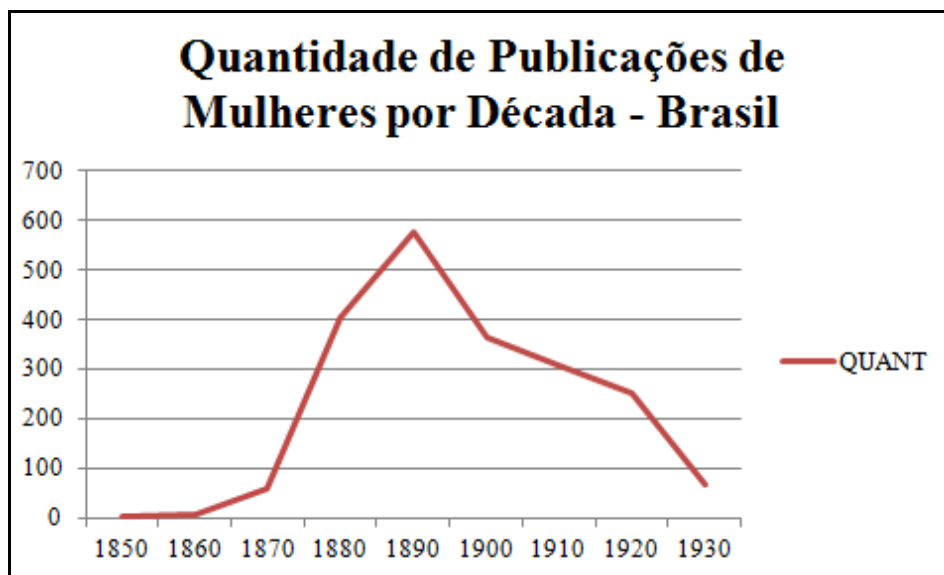


Fonte: elaborado pela autora (2019).

A década de 1880 reúne um total de 800 publicações de autoria feminina, enquanto a de 1890 possui 868 (ver Anexo B). Como não temos acesso a um catálogo de textos de autores homens no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, tampouco a todos os exemplares do periódico, fica difícil afirmar se esse movimento se repete com os pares masculinos, bem como os motivos para tal ocorrência. Entretanto, é interessante notar que ele ocorre de forma ainda mais expressiva entre as escritoras do Brasil, como elucida o gráfico abaixo:

⁶⁵ A tabela utilizada para gerar o gráfico encontra-se no Anexo B.

Figura 3 – Produção brasileira de autoria feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* por década (gráfico)⁶⁶



Fonte: elaborado pela autora (2019).

Na década de 1850 – mais especificamente, entre 1858 e 1859, anos em que se inicia a contribuição feminina brasileira –, encontram-se apenas dois textos oriundos do Brasil de autoria de mulheres, enquanto que em 1890 o apogeu é evidente, com 578 publicações, e entre 1930 e 1932 – ano de encerramento do periódico – o número declina consideravelmente, passando a 65 composições⁶⁷ (ver Anexo B).

Novamente, não há como identificar de forma clara a causa dessa dinâmica; mesmo assim, tendo em vista o contexto social e político do Brasil na época, pode-se considerar que uma das possíveis razões para tal incidência entre as décadas de 1880 e 1890 esteja relacionada, primeiramente, à crescente modernização e urbanização nacional, como comenta Sodré (1999, p. 206): “O desenvolvimento do país, marcado, exteriormente, pelo avanço da vida urbana, o crescimento da classe média e o esboço de burguesia que começava a se fazer sentir, permite a ampliação das atividades culturais ligadas à imprensa: o livro e o jornal”. Mais do que isso, o período em questão foi de intensa agitação devido à implantação do governo republicano, o que também efervesceu a imprensa periódica no País (SODRÉ, 1999). Entretanto, seria exigido um novo estudo para que se pudesse fazer tal afirmação de maneira mais categórica.

É notável o fato de que a maioria das mulheres do *Almanaque* tenha contribuído com não mais que três escritos, tendo muito poucas publicado mais de uma dezena. Anália Vieira

⁶⁶ A tabela utilizada para gerar o gráfico encontra-se no Anexo B.

⁶⁷ Nessa contagem, foram consideradas três mulheres que, como apontam Chaves, Lousada e Abreu (2014), indicam dois países: Brasil e Portugal. São elas Branca de Gonta Colaço, Ibrantina Cardona e Leonor Guimarães.

do Nascimento, portanto, é considerada uma dessas exceções, visto que subscreveu mais de 30 composições ao anuário, colocando-se como a quarta colaboradora brasileira mais assídua – fica atrás apenas de Carmelitana de Arantes, de Minas Gerais, que publicou 50 textos; Catarina Máxima de Figueiredo Feio, portuguesa que assinou 47 produções; e Henriqueta Freire, Pernambucana que enviou 42 colaborações dos estados de Pernambuco e Amazonas.

Quanto aos gêneros textuais cultivados, assim como ocorre com os autores homens, verifica-se uma preferência pela poesia sobre a prosa – no total, são 1119 poemas e 515 escritos em prosa –, o que talvez possa se explicar pelas dimensões reduzidas em comparação a contos e fragmentos de romances. A excessiva remessa de versos é, em certos momentos, condenada pelos editores, como demonstra a seguinte queixa:

De pouco serviu o que no almanaque passado dissemos a respeito de sonetos, pois continuaram a afluir em grande numero a esta redação. Pois nós continuamos também a envia-los á cesta, com a maior semcerimonia deste mundo. (CORDEIRO apud CHAVES; LOUSADA; ABREU, 2014, p. 18).

Pode-se dizer, no entanto, que os passatempos tiveram um interesse ainda mais especial por parte das autoras, representando 58,9% do número total: de 3976 textos, 2342 são charadas, enigmas ou logogrifos (ver Anexo C). Muitas escritoras se dedicavam exclusivamente a esse gênero, como Doutora Maria Augusta Meira de Vasconcelos Freire, de Recife, que publicou um total de 32 produções do tipo, entre 1893 e 1927. Os passatempos elaborados pelas mulheres colhiam muitos louvores por parte de seus pares masculinos.

A colaboração feminina oriunda do Brasil se inicia em 1858, com o poema “O carvalho e o vime”, de autoria de Rosa Albertina Figueiredo, portuense que residia no Rio de Janeiro⁶⁸. No total, são 2036 escritos, de 702⁶⁹ mulheres residentes no Brasil, naturais ou não do país sul-americano, o que corresponde a 55,15% do número total. O número de brasileiras excede, portanto, o de portuguesas, que, totalizando 350, têm representatividade de 27,49% (ver Anexo D).

São 21 os estados brasileiros que figuraram no *Almanaque*: Acre (uma escritora, um texto); Alagoas (13 escritoras, 30 textos); Amazonas (três escritoras, oito textos); Bahia (168 escritoras, 401 textos); Ceará (27 escritoras, 90 textos); Goiás (uma escritora, um texto); Maranhão (sete escritoras, 16 textos); Minas Gerais (40 escritoras, 114 textos); Pará (39 escritoras, 99 textos); Paraíba (seis escritoras, 22 textos); Pernambuco (85 escritoras, 263

⁶⁸ Conforme nota do editor: “Reside ali, mas é do Porto esta senhora.” (p. 134).

⁶⁹ Nessa contagem, consideraram-se as 699 autoras que constavam no catálogo com a localidade Brasil e as três que tinham, como identificação de país, “Brasil e Portugal”.

textos); Piauí (quatro escritoras, cinco textos); Paraná (seis escritoras, oito textos); Rio de Janeiro (116 escritoras, 318 textos); Rio Grande do Norte (três escritoras, 26 textos); Rondônia (uma escritora, um texto); Roraima (uma escritora, um texto); Rio Grande do Sul (51 escritoras, 159 textos); Santa Catarina (sete escritoras, 17 textos); Sergipe (28 escritoras, 82 textos) e São Paulo (43 escritoras, 93 textos). Também há diversos casos, no *Catálogo*, de escritoras que indicam duas ou três localidades diferentes em suas remessas: Alagoas e Pernambuco (uma escritora, um texto); Amazonas e Ceará (uma escritora, 15 textos); Bahia e Paraíba (uma escritora, 11 textos); Bahia e Pernambuco (uma escritora, 32 textos); Bahia, Paraná e Rio de Janeiro (uma escritora, 6 textos); Ceará, Pernambuco e Santa Catarina (uma escritora, três textos); Minas Gerais e Rio de Janeiro (uma escritora, três textos); Minas Gerais e São Paulo (uma escritora, 50 textos); Pará e Piauí (uma escritora, 25 textos); Pará e Rio de Janeiro (uma escritora, quatro textos); Paraíba e Pernambuco (uma escritora, três textos) e Pernambuco e Rio de Janeiro (uma escritora, dois textos). Além disso, 39 delas (5,56% do total de mulheres), com 69 textos (3,39% dos escritos), não possuem identificação de estado.

O estado com maior representatividade no periódico é, portanto, a Bahia, seguida de Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul (ver Anexo E). Além disso, o gênero mais cultivado entre mulheres, no Brasil, também foi o passatempo, que corresponde a 1617 ou 79,42% dos 2036 textos de origem nacional; em seguida, temos a poesia, com 284 escritos ou 13,95% do total, e a prosa, totalizando 135 composições ou 6,63% do número de textos.

Quanto ao Rio Grande do Sul, o *Catálogo* (2014) aponta, além das 11 “senhoras” de que trata o projeto CAMAFEU⁷⁰, outras 40 colaboradoras, totalizando 51⁷¹ mulheres gaúchas ou residentes no Estado, que contribuíram com 159 textos no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Estas são oriundas de 11 diferentes cidades⁷²: Bagé, Cachoeira do Sul, Estrela, Itaqui, Jaguarão, Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, Santana do Livramento, São

⁷⁰ Chaves, Lousada e Abreu (2014) identificam os textos da autora Ibrantina Cardona como provenientes de duas localidades: Campinas, em São Paulo, e Lisboa, em Portugal. Todavia, sabe-se ter ela vivido em Porto Alegre (as informações sobre seu local de nascimento são divergentes), e o projeto CAMAFEU a considera no rol das 11 mulheres a serem biografadas. O mesmo ocorre com Maria Clara da Cunha Santos, registrada como do Rio de Janeiro, mas apontada pelo CAMAFEU como pelotense, e contabilizada entre as “senhoras” gaúchas. Sendo assim, também consideraremos, aqui, nos dados sobre o Rio Grande do Sul, as duas autoras, mesmo que sua produção tenha ocorrido em outros estados.

⁷¹ Novamente, ressalta-se que o número não é exato, visto que foram consideradas apenas as escritoras que tinham identificação de estado (com exceção de Andradina de Oliveira, que, mesmo com seu nome acompanhado somente da indicação “Brasil”, sabe-se tratar-se da escritora sul-rio-grandense, no período em que ainda residia em Porto Alegre).

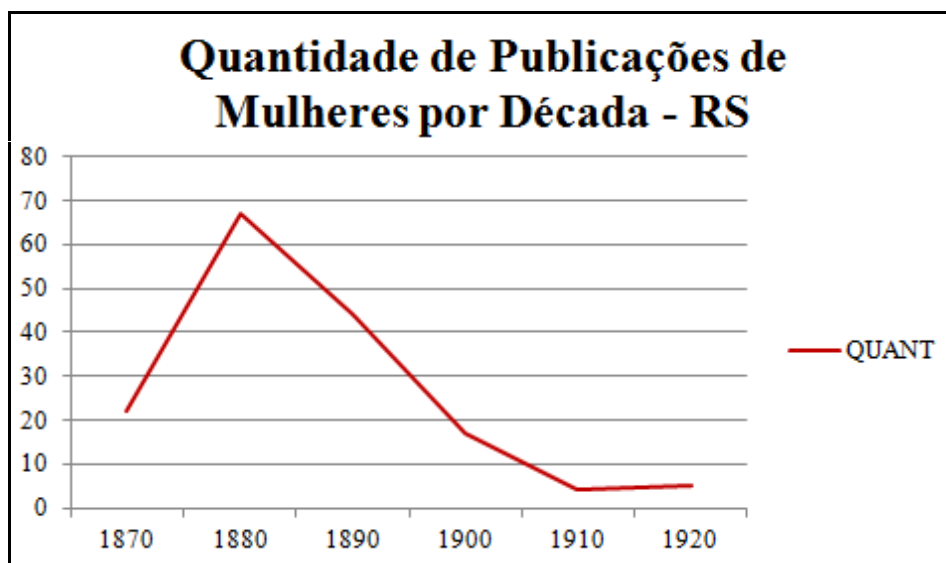
⁷² Desconsiderando-se, aqui, aquelas cuja localidade não foi informada.

Sepé⁷³ e Uruguaiana. A cidade de maior representatividade é Pelotas – o que se justifica tendo em vista seu estágio literário mais desenvolvido –, com 16 mulheres ou 31,37% do total de escritoras gaúchas do periódico, seguida de Porto Alegre, com 13 colaboradoras (25,49%), e Rio Grande, de onde vêm seis escritoras (11,76%). Bagé é cidade de duas colaboradoras (3,92%). Cachoeira do Sul, Estrela, Itaqui, Jaguarão, São Sepé, Santana do Livramento e Uruguaiana são registradas como localidades de uma única escritora (o que significa um valor de 1,96%) cada, totalizando 13,72%. Oito delas não possuem informação de localidade, representando 15,69% do número total. Vem de Porto Alegre a maior produção: são 78 textos, ou 49,06% do total, publicados na Capital. Em seguida, Pelotas apresenta um total de 49 composições, ou 30,82%, e Rio Grande, 11 contribuições, representando 6,92% do número total. As regiões do Rio Grande do Sul com participação no anuário são, então: Central, Metropolitana, Sudeste e Campanha. A região Nordeste do Estado, mais especificamente a Serra Gaúcha, no momento se encontrava em estágio mais atrasado no que diz respeito à urbanização, visto que as primeiras vilas só são fundadas a partir da colonização italiana, que iniciaram apenas nas últimas décadas do século XIX; até então, o local ainda era território de povos ameríndios.

Mais uma vez, é na década de 1880 que as mulheres do Rio Grande do Sul aparecem com maior quantidade de composições; em seguida, registra-se um acentuado declínio da presença feminina no periódico até a década de 1920, quando ocorrem as últimas contribuições. Vejamos o gráfico abaixo:

⁷³ Esta não é incluída no rol apresentado por Chaves (2014) no artigo “O *Almanaque de Lembranças* e o Rio Grande do Sul”, citado anteriormente. Considerando-a junto às demais, obtemos um total de 26 cidades do Rio Grande do Sul que figuraram no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

Figura 4 – Produção gaúcha de autoria feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* por década (gráfico)⁷⁴



Fonte: elaborado pela autora (2019).

Na década de 1870, as sul-rio-grandenses começam a aparecer, com 22 textos entre 1870 e 1879 no *Almanaque*, dentre os quais 21 são de autoria de Anália Vieira do Nascimento; durante os anos 80, ocorre a maior produtividade, e o número salta para 67 (42,14% do total); em 1890, cai para 44; e nas três décadas seguintes, são 17, quatro e cinco escritos, respectivamente. A primeira a publicar foi Anália Vieira do Nascimento, em 1871, com “Logogrifo XI”; a última, Anita Neto, com uma “Charada” em 1923.

Percebe-se, no Rio Grande do Sul, uma continuação da tendência, atestada no restante do Brasil e nos demais países, a produzir mais passatempos do que poesia e prosa: dentre os 159 escritos, são 97 (61,01%) do primeiro grupo, 49 (30,82%) do segundo e apenas 13 (8,18%) do terceiro.

As escritoras gaúchas mais assíduas no *Almanaque* são Anália Vieira do Nascimento, com 38 textos; Ibrantina Cardona, de Porto Alegre, com 11 poemas; Júlia César Cavalcanti, de Pelotas, com nove composições em prosa; Ana Amélia Benny⁷⁵, também pelotense, com oito passatempos; e Anita Neto, de Porto Alegre, com sete passatempos. A produção de Anália representa 23,9% da contribuição de origem gaúcha no periódico; Ibrantina possui 6,92%; Júlia César, 5,66%; Ana Amélia, 5,03%; e Anita, 4,4%.

Dentre essas mulheres, sabe-se que seis tiveram obras editadas: Andradina de Oliveira, que assinou os títulos *O perdão* (1910) e *Divórcio?* (1912); Cândida Fortes Brandão, autora

⁷⁴ A tabela utilizada para gerar o gráfico encontra-se no Anexo 6.

⁷⁵ Não mencionada no projeto CAMAFEU. Provavelmente possuía parentesco com Sofia Amélia Benny, contemplada pelo Projeto, também residente em Pelotas.

de *Fantasia* (1897), *Cartas à Lúcia* (sem data), *Aniversário da Pátria* (1912) e *Cachoeira do Sul* (sem data); Ibrantina Cardona, com *Plectros* (1900). Julieta de Melo Monteiro teve dez títulos – *Prelúdios* (1881), *Oscilantes* (1891), *Coração de mãe* (em coautoria com a irmã Revocata, 1893), *Alma e coração* (1898), *Noivado no céu* (1899), *Tabernáculo* (1911), *O segredo de Marcial* (sem data), *Berilos* (1911), *Mário* (em coautoria com Revocata, sem data) e *Terra sáfara* (1928). Luísa Cavalcanti Guimarães publicou *Alvoradas* (1896); e Maria Clara da Cunha Santos, *Pirilampos* (1890).

Em consonância com Moreira (2014), muitas também tiveram participação em órgãos da imprensa regional e de outras áreas do Brasil: Cândida Fortes Brandão, além de dedicar a vida ao magistério, escreveu para o *Correio do Povo*, *Jornal do Comércio*, *O Escrínio*, *A Pátria* e *A Tribuna*, periódicos de Porto Alegre; produziu também crítica literária em *O Comércio* (Cachoeira do Sul), *Corimbo* (Rio Grande), *A Grinalda* (Livramento), *Almanaque Literário e Estatístico* (Pelotas) e *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (Rio Grande e Pelotas). Seu nome também figurou em veículos além do Rio Grande do Sul: publicou em revistas como *A Violeta* (Mato Grosso) e *Lótus* (São Paulo). Recentemente, seu nome foi localizado na lista de colaboradores da revista *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*, de São Paulo, dirigida por Presciliana Duarte de Almeida.

Luísa Cavalcanti Guimarães, apesar da morte prematura, aos 21 anos de idade, colaborou com o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, em 1890; com o *Corimbo* e com a *Tribuna Feminina do Rio Grande do Sul*, órgão vinculado ao Partido Republicano Feminino (MOREIRA, 2014). O *Corimbo*, aliás, como já mencionado no capítulo anterior, constituiu um empreendimento das irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro – esta, publicante do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Mesmo com um único poema veiculado no anuário, Julieta teve intenso engajamento cultural na sociedade, sobretudo no que diz respeito às Letras. Participou da criação e direção do jornal *A violeta* (Rio Grande), contribuiu no *Jornal das Moças* (Rio de Janeiro) e também em *A Mensageira*. Internacionalmente, escreveu para o *Almanaque das Senhoras*, de Lisboa; para o *Kosmos*, de Montevideu; e ainda para o *La Fronde*, de Paris. (MOREIRA, 2014).

De acordo com Moreira (2014), Ibrantina Cardona e Maria Clara da Cunha Santos foram, dentre as escritoras do *Almanaque*, as que mais tiveram projeção nacional e internacional. A primeira, colaboradora assídua de Jornais em Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, teve sua obra, *Plectros*, apreciada pela *Révue du Brésil*, na França; pela *Voz Pública*, do Porto, sob assinatura de Bruno (José Pereira Sampaio), um dos primeiros críticos literários de Portugal, e pela *América Ilustrada*, revista de São Paulo. A segunda, por

sua vez, fundou, ao lado de Presciliana Duarte de Almeida⁷⁶, o jornal *O Colibri*, em Minas Gerais, e subscreveu textos em periódicos do Rio de Janeiro.

Ainda que, como pudemos observar, muitas das escritoras do anuário português tenham diversos registros de produção cultural, muitas delas não possuem vestígios de qualquer outra atividade além da desenvolvida no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Uma delas é Arminda, de Itaquí, que não apresenta identificação além do primeiro nome e cidade de origem, caracterizando-se como uma das escritoras que mais permanecem na obscuridade. Não foram localizados, até o momento, registros sobre ela em quaisquer fontes, e a ausência de informações veiculadas no próprio *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* dificulta as pesquisas a respeito. É dela a autoria de dois poemas no anuário: “Poesia composta a pedido para ser recitada, por uma menina, na missa dedicada como sufrágio d’alma pela morte do ínclito General Osório⁷⁷” (1889), em que explora o acento parnasiano, e um “Acróstico” (1892).

Moreira (2014) comenta o primeiro poema de Arminda, evidenciando sua orientação parnasiana ao apontar a referência a um elemento da antiguidade clássica-romana: Capitólio, que pode significar o Monte Capitolino, uma das colinas sobre as quais se fundou a cidade de Roma, ou o Templo de Júpiter Capitolino, o mais importante da Roma Antiga, fundado sobre o alto do Monte:

Então acode; vem postar-te em guarda;
No Capitólio vem bradar o alerta;
Tens no passado prisioneira a vida,
Tens no futuro uma vitória certa. (ARMINDA, 1888 apud MOREIRA, 2014, p. 215).

Maria Clara da Cunha Santos, na edição de 1903, também viria a apresentar inclinação parnasiana em sua pena, ao publicar “A estátua” no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, cujo próprio título é bastante sugestivo. O soneto, que reúne traços oriundos de escolas literárias distintas, manifesta aspectos da estética em questão, principalmente em sua primeira estrofe:

⁷⁶ Nascida em 1867, em Minas Gerais, foi uma escritora envolvida com os ideais feministas. Fundou diversos periódicos – entre eles *A Mensageira*: Revista literária dedicada à mulher brasileira (1897-1900) – e publicou livros de poemas. Morreu em 1944, em Santos (SP), aos 77 anos de idade.

⁷⁷ Manuel Luís Osório, o Marquês do Herval, nasceu em 1808, em Nossa Senhora da Conceição do Arroio, atual Osório, e faleceu em 1879, no Rio de Janeiro. Foi Marechal do Exército Brasileiro, político e monarquista. Foi um dos heróis da Guerra do Paraguai (1864-1870), além de participar de outros conflitos, como a Revolução Farroupilha (1835-1845).

Aquela estátua esplêndida e formosa,
Magistral, imponente e deslumbrante,
De uma heroína antiga e triunfante
Tem a forma divina e graciosa! (SANTOS, 1902 apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 304).

Nas estrofes seguintes, o poema apresenta uma regressão da tendência parnasiana, aproximando-se, gradativamente, do estilo romântico, na medida em que se acrescentam elementos líricos, acerca do tema amoroso:

Mas essa estátua bela e fascinante,
Que arrebatava e se ostenta majestosa,
Foi talhada na fase venturosa,
Em que o artista, a sorrir, se fez amante.

Por isso é que essa estátua enregelada,
Que não tem alma e que não tem calor,
Sendo incapaz de amar ou ser amada,

Nos parece sentir com louco ardor,
Pois cuida vê-la e ouvi-la, apaixonada,
Arfante o seio, suspirar de amor! (SANTOS, 1902 apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 304).

De fato, a veia romântica exerceu forte influência sobre as colaboradoras do *Almanaque*. Entre suas composições, encontram-se títulos como “Flor caída”, “Os dois anjos” e “Teus olhos”. Vejamos este último, de autoria de Ibrantina Cardona:

Teus olhos negros, negros e irrequietos,
que me iluminam com seu brilho agora,
ao fitá-los, minh’alma a rir se enflora,
exulta e canta, sôfrega de afetos.

São olhos tentadores, indiscretos,
que num olhar, que o peito meu devora,
ergueram-me ao clarão de uma outra aurora,
onde afago de amor os meus projetos.

Sinto meu coração mais preso à vida;
de sonhos, de ilusões e de ternura,
eu vejo a minha crença revestida.

E foi de teu olhar a chama pura
que a ti, minh’alma inteira e comovida
encarcerou no idílio da ventura. (CARDONA, 1898 apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 274).

Elaborado em forma de soneto, o poema apresenta manifestações sentimentais, valendo-se de metáforas e de um léxico próprio da estética romântica, com vocábulos como

alma, olhar, coração e ilusões. Essas características também são identificadas em abundância na produção de Anália Vieira do Nascimento.

4 ANÁLIA VIEIRA DO NASCIMENTO NO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO

Neste capítulo, serão apresentados 11 textos. Na primeira seção, selecionaram-se, de autoria de Anália Vieira do Nascimento, os poemas “No mar”, “Epístola” e “Avante!”, e sua única composição em prosa, “Victor Hugo (Carta)”. O primeiro julga-se um dos mais representativos dos temas abordados pela autora no periódico: a melancolia, a saudade e outros motivos próprios do Romantismo; o segundo é importante destacar por seu conteúdo denunciador e reivindicatório em relação ao acesso à educação, além de evidenciar a visão de Anália sobre si própria e sua poesia e demonstrar os conhecimentos da autora sobre literatura e ciência; o terceiro julgou-se necessário trazer a este trabalho por se tratar da única composição da autora em que ela apoia abertamente a causa das mulheres e se dirige a uma conterrânea, elogiando o trabalho de Andradina de Oliveira; o quarto, por fim, foi escolhido devido à singularidade entre o que se costumava produzir no Rio Grande do Sul: em uma época em que a crítica literária ainda se apresentava muito incipiente, Anália investe no gênero, sendo uma das primeiras – se não a primeira – mulher a produzir algo do tipo no Estado.

Na segunda seção, abordam-se diversos passatempos da autora, além de textos de autoria de terceiros, a fim de exemplificar as relações estabelecidas entre ela e seu público no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. São apresentadas algumas promessas feitas por Anália aos seus leitores, a forma como ela os convoca e propõe diversas interações. Também são expostos alguns textos em sua forma original no periódico, assumindo-se a ideia de que estudar o trabalho tipográfico das composições auxilia a compreender o fenômeno da recepção.

4.1 PRODUÇÃO

A contribuição de Anália Vieira do Nascimento no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* compreende 38⁷⁸ textos, publicados entre 1871 e 1893, com hiatos em 1884, 1890 e 1892. A produção da poetisa indica uma preferência pelo poema, gênero que corresponde a

⁷⁸ São 37 textos, sendo que um deles, “Goivos”, foi publicado duas vezes: em 1887, no Suplemento, e em 1888, com a seguinte observação do editor: “Goivos – Os versos que, com este título se seguem já foram publicados a páginas 211 do Suplemento de 1887. São publicados de novo porque a sua autora quando mos enviou, por um elevado sentimento de delicadeza, a fim do testemunho que me dava ter maior publicidade, destinava-os ao *Almanaque*. Agora que o sabemos, são publicados no *Almanaque*. Que não faremos nós por tão gentil e justamente elogiada colaboradora?” (WEIGERT, 2014, p. 119).

21 (ou 55,26%) das composições, e pelos passatempos, que totalizam 16 (42,12%). Um único escrito (representando 2,63%) de Anália é em formato de prosa. O quadro a seguir mostra, em ordem crescente de ano, os títulos de todas as publicações da autora no periódico, acompanhados por ano e gênero textual – poema (PO), prosa (PR) ou passatempo (PA) – ao qual pertencem. As informações foram localizadas em três diferentes fontes: a) exemplares do *Almanaque* digitalizados na plataforma *HathiTrust*⁷⁹, que reúne conteúdos de diversas bibliotecas especializadas; b) o Catálogo da produção de autoria feminina no *Almanaque*⁸⁰ (2014), organizado por Vania Chaves, Isabel Lousada e Carlos Abreu; e c) o estudo sobre Anália desenvolvido por Beatriz Weigert e publicado pela Biblioteca Nacional de Portugal⁸¹ (2017).

Quadro 1 – Publicações de Anália Vieira do Nascimento no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*⁸²

(continua)

Ano	Título	Gênero
1871	<i>Logogrifo XI</i>	PA
1872	<i>Logogrifo (acróstico)</i>	PA
1873	<i>Logogrifo XVIII</i>	PA
	<i>Lucília</i>	PO
1874	<i>Logogrifo (acróstico)</i>	PA
	<i>Num álbum</i>	PO
	<i>Charada XLVII</i>	PA
1875	<i>Logogrifo VI</i>	PA
	<i>No mar</i>	PO
1876	<i>Quadras aos ilustrados cavalheiros de que trata o Almanaque de 1875 a página 17</i>	PO
	<i>Ao Sr. António de Sá Soares Leite</i>	PO
	<i>Ao Sr. José Joaquim de Matos</i>	PO
	<i>Soneto ao distinto logografista Sr. André do Quental</i>	PO
	<i>Logogrifo XII</i>	PA
1877	<i>Lembrança no álbum da minha íntima amiga Rafaela Barreto de Azambuja</i>	PO
	<i>O canto do sabiá</i>	PO
	<i>Enigma IX</i>	PA
	<i>Logogrifo XV (acróstico, por letras)</i>	PA
1878	<i>Logogrifo VIII</i>	PA
	<i>Soin!</i>	PO
1879	<i>Logogrifo XII (por letras)</i>	PA

⁷⁹ Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>.

⁸⁰ CHAVES, Vania Pinheiro; LOUSADA, Isabel; ABREU, Carlos. *As senhoras do Almanaque*: catálogo da produção de autoria feminina. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2014.

⁸¹ WEIGERT, Beatriz. *Anália Vieira do Nascimento: 1854-1911*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2017.

⁸² Todo o material pode ser encontrado na obra de Weigert (2017).

(conclusão)		
Ano	Título	Gênero
1880	<i>Acróstico</i>	PO
	<i>Epístola ao Sr. António Xavier Rodrigues Cordeiro</i>	PO
1881	<i>Charada XLIX (em quadro)</i>	PA
	<i>Logogrifo XLIII</i>	PA
1882	<i>Victor Hugo (Carta)</i>	PR
1883	<i>Logogrifo XVIII (por letras)</i>	PA
	<i>A uma infeliz</i>	PO
1885	<i>Logogrifo XII</i>	PA
1885	<i>A volta</i>	PO
1886	<i>Após a doença</i>	PO
	<i>Resposta ao poeta baiano João Bastos</i>	PO
1887	<i>Enigma XXIX</i>	PA
	<i>Goivos</i>	PO
1888	<i>Goivos</i>	PO
1889	<i>Retrato</i>	PO
1891	<i>Flor caída</i>	PO
1893	<i>Avante!</i>	PO

Fonte: elaborado pela autora (2019).

O apogeu da participação de Anália no *Almanaque* ocorreu durante a década de 1870, período em que publicou 21 escritos, ou 55,26% de sua produção total. Esse número cai para 15 – ou 39,47% – na década de 80, sendo que, durante os anos 90, ela remete apenas dois textos ao anuário⁸³, o que representa 5,26% do total. O ano de maior recorrência foi 1876, quando a senhora assina 5 composições.

Assim como seus conterrâneos, ela envereda, na maior parte das vezes, pelo Romantismo, inclinada aos aspectos referentes à segunda fase da escola. Temas como o amor, a saudade, a tristeza, a valorização das emoções, da subjetividade e a exaltação da natureza perpassam seus escritos no periódico português. No poema “No mar”, por exemplo, temos um eu-lírico apreciador da paisagem natural, como podemos perceber imediatamente nos primeiros versos:

A natureza era toda um sorriso!
 O mar – todo bonança... O frágil lenho
 sulcava o dorso do oceano... As ondas
 dormiam no silêncio interrompido
 pelo grito ligeiro das gaivotas,
 [...]
 O mar era um espelho de esmeralda
 refletindo as celestes maravilhas... (NASCIMENTO apud CHAVES; WEIGERT,
 2014, p. 19)

⁸³ Neste caso, trata-se de textos remetidos e publicados, visto que há a possibilidade de que a autora tenha enviado outros, sem aprovação.

Em versos brancos e estrofes assimétricas, a esse quadro logo em seguida se contrapõe a circunstância pessoal do sujeito-lírico, que, em uma antítese com a paisagem pintada, revela-se pesaroso, deprimido. A partir de então, segue-se uma série de colocações que sugerem inquietação e angústia:

Só eu me recostava na amurada
sem desfrutar os olhos do horizonte,
em que vira sumirem-se as montanhas
de meu pátrio torrão... Nesse momento,
sentia deslizar-se pelas faces
o pranto da saudade e da tristeza...
Chorava a perda de meus lares santos,
tão cheios de celestes atrativos!
Chorava a morte d'ilusões bem caras
que eu julgava talvez imorredouras...
Sim! chorava!... Eram lágrimas profundas,
vertidas em silêncio... gota a gota
perdendo-se no seio do oceano...
As auras que passavam não ouviram
um só protesto contra a sina ingrata
que me arrastava para um longo exílio.
Um queixume sequer não desprende-se
dos seios de minh'alma angustiada.
Nem um gemido se exalou do peito,
nem um suspiro revelou meu luto!
.....
E eu chorava fitando os horizontes,
em que vira sumirem-se as montanhas
de meu pátrio torrão... Só eu chorava!

Era assim que eu saudava os esplendores,
de que se revestira a natureza
nesse dia infeliz em que eu contava
dezoito primaveras de existência!

O sujeito poético, na segunda parte do poema, destoando dos componentes desse cenário, alega sofrer por uma série de desventuras que lhe teriam sobrevivido. Perdas, saudades e desilusões fazem-no chorar em silêncio, escondido, pela “sina ingrata” a que foi submetido.

Percebe-se, nesses versos, uma possível relação entre as vivências expressas pelo eu-lírico e a experiência de vida da própria escritora, o que se depreende de duas informações: o poema pode ter sido concebido no dia de seu aniversário, como ela aponta na observação “No dia de meus anos, 2 de setembro de 1873” (NASCIMENTO apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 19); e, na última estrofe, tem-se a afirmação de que o momento descrito foi

vivenciado no dia em que completava dezoito anos, idade próxima à de Anália na época⁸⁴. Era comum, aos colaboradores do periódico, a publicação de versos como uma forma de comunicação direta com seus leitores. Anália, por exemplo, oferece diversos poemas como “respostas” a textos direcionados a ela ou não.

Mesmo orientando-se pela tendência romântica, com textos menos engajados social e politicamente, a autora se revela consciente acerca de sua situação enquanto mulher escritora no contexto literário de seu tempo e sua região. Em “Espístola”, poema publicado em 1880 e dedicado ao próprio editor do *Almanaque*, Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro, ela discute os caminhos que poderia trilhar, demonstrando possuir diversos conhecimentos sobre teoria literária, filosofia e acontecimentos da ciência. Nas primeiras estrofes, comenta-se o desejo de abandonar as charadas e optar por produzir o que seria a verdadeira literatura, alçando, então, voos maiores na carreira como poetisa. Para tanto, ela deveria posicionar-se na vertente romântica ou realista, ambas em voga no momento:

Ao vosso grito de *Avante!*
para *honra do Brasil!*
eu senti no mesmo instante
grande inquietação febril!

Abandonei as charadas,
os logogrifos escuros!
Quis ver outras alvoradas
com horizontes mais puros!

Porém a qual das escolas
me devo ir alistar?
À musa das barcarolas
e dos cantos ao luar

Ou à nova musa austera
que canta somente heróis,
em cujo olhar reverbera
a fulgente luz dos sóis?

Uma é toda sentimento,
a outra toda razão;
aquela canta ao relento,
esta prega à multidão.

Dum lado ternos lirismos
bem medidos, a cordel;
porém doutro realismos
cada qual o mais cruel! (NASCIMENTO apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 57).

⁸⁴ Na verdade, de acordo com os documentos de Anália (ver Anexo A), na data mencionada ela estaria completando 19 anos de idade. O equívoco referente à sua idade, nesse poema, pode ter sido proposital, ou, hipótese que não se deve descartar, Anália podia acreditar ter nascido em 1855. Em um tempo em que os registros documentais eram pouco precisos, esse não era um fato incomum.

Os versos contrapõem as duas escolas, comentando seus pontos opostos: lirismo *versus* sobriedade; sentimento *versus* razão; públicos distintos. Em seguida, indica-se a preferência pela poesia mais intimista e amorosa, esclarecendo as razões de tal preferência:

Se à primeira me filio
cheia de funda emoção,
e a versejar principio
neste grave diapasão:

Curvada sobre o marco do caminho,
exposta às iras da tormenta insana,
sinto em roda de mim o torvelinho,
que envolve no deserto a caravana!

O que val aspirar à fútil glória,
procurar a ventura desejada,
se tudo, nesta vida transitória,
reduz-se a cinzas – expressão do nada?

«Isto é muito pungitivo!
(Dirão da moda os leões)
antes um recitativo
para ser lido em salões!»

Satisfaço este pedido
sem custar-me quase nada:
vai o verso bem medido
com a rima bem dobrada:⁸⁵

O mar inquieto que o luar prateia,
a branca areia que circunda o mar,
a luz, as flores, o cadente arpejo,
eu tudo vejo que nos diz: amar!

O canoeiro que esquecendo as mágoas
vem sobre as águas resvalando à flor,
lembrando a calma dos queridos lares,
desprende aos ares a canção de amor! (NASCIMENTO apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 57-58).

Nas estrofes seguintes, entretanto, a autora analisa as possíveis consequências negativas de sua opção, como não ser bem vista entre seus pares, visto que muitos já consideravam, àquela época, suplantado o Romantismo no Brasil:

Se compondo versos ternos
penso em ter a glória assim,
os trovadores modernos

⁸⁵ Aqui, é possível identificar uma preocupação quanto à estética do poema, traço característico do Parnasianismo, na medida em que a autora expressa o conhecimento das técnicas de métrica e rima. De fato, a maior parte de sua produção, apesar de explorar os motivos do Romantismo, apresenta a formalidade estética comum entre os Parnasianistas.

dão logo cabo de mim.

Dirão todos. “Criancices!
o romantismo morreu!
quem fala mais nas pieguices
do falecido Romeu?”

Alguns deles, por despeito,
abrasado o estro em chamas,
se julgarão com direito
de dirigir-me epigramas... (NASCIMENTO apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 58).

Um pouco mais adiante, o eu-poético revela, em meio a suas reflexões, um vasto repertório de conhecimentos sobre diversos assuntos de seu tempo, como o avanço da ciência, que permitiu as grandes invenções da modernidade – por exemplo, a máquina a vapor, o telégrafo, e a fotografia, que revolucionaram a vida da sociedade ocidental. Ela pondera sobre a possibilidade de produzir uma literatura “ilustrada”, dedicada a esses temas:

Seria melhor pensado
usar doutros elementos
e deste séc’lo ilustrado
cantar os grandes inventos:

O vapor, telegrafia,
telescópios e barômetros,
drenagem, fotografia,
para-raios e termômetros!

Descer ao centro da terra,
tendo a ciência por guia,
dizer os metais que encerra
e que há anos rodopia!

Revolver da natureza
os grandes laboratórios,
e discutir com clareza
a vida dos infusórios! (NASCIMENTO apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 59).

A autora se mostra consciente, ainda, de acontecimentos e avanços em diferentes áreas do conhecimento, como é o caso da Filosofia e da Sociologia, com o advento do Positivismo⁸⁶ a partir do francês Auguste Comte (1798-1857). Cita nomes de personalidades célebres, grandes inventores e cientistas europeus, como exemplos a serem seguidos por ela:

⁸⁶ Movimento intelectual altamente expressivo no século XIX, proposto por Auguste Comte. Configurou-se como sistema filosófico e metodológico, pautando o pensamento típico do momento: “Como método, embasado na certeza rigorosa dos fatos de experiência como fundamento da construção teórica; como doutrina, apresentando-se como revelação da própria ciência, ou seja, não apenas regra por meio da qual a ciência chega a descobrir e prever (isto é, saber para prever e agir), mas conteúdo natural de ordem geral que ela mostra junto com os fatos particulares, como caráter universal da realidade, como significado geral da mecânica e da dinâmica do universo” (RIBEIRO, 1994, p. 14).

Pôr peias à fantasia,
ler Littré⁸⁷, Comte, Renan⁸⁸,
seguindo a filosofia
racionalista – alemã!

Descrever os vastos mares
com segura exatidão,
e depois subir aos ares,
pendente dalgum balão!

Citar nomes de doutores
e de esforçados artistas,
a cujos muitos labores
deve a ciência conquistas!

Mencionar os vultos grandes:
Morse⁸⁹, Watt⁹⁰ e Benjamin⁹¹,
os Daguerres⁹², os Lalandes⁹³,
não esquecendo Darwin⁹⁴!

Resolver graves problemas
das ciências naturais,
mostrando em todos os temas
recursos não triviais! (NASCIMENTO apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 59-60).

Entretanto, no momento seguinte, a poetisa se julga incapaz de repetir tais feitos. Aqui, verificamos um teor crítico, na medida em que Anália comenta ser sua inaptidão para esse tipo de trabalho devida à privação que sofreu no acesso à educação, o que a impede de atingir “as grandes alturas”:

Trabalho tão aturado
para mim bem fácil fora,
se eu tivesse conquistado
pergaminhos de doutora!

Como seguir a poesia
dos modernos Briareus⁹⁵,
se não tive academia
e nem frequentei liceus?!

⁸⁷ Émile Maximilien Paul Littré (1801-1881), lexicógrafo e filósofo francês, autor do *Dictionnaire de la langue française*.

⁸⁸ Joseph Ernest Renan (1823-1892), escritor, filósofo, filólogo e historiador francês.

⁸⁹ Samuel Finley Breese Morse (1791-1872), físico norte-americano, inventou o código morse e o telégrafo com fios.

⁹⁰ James Watt, que deu nome à unidade de potência Watt do Sistema Internacional de Unidades, contribuiu para o desenvolvimento do motor a vapor.

⁹¹ Benjamin Franklin (1706-1790), cientista norte-americano. Inventou o para-raios e as lentes bifocais.

⁹² Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851), pintor e físico, inventor do daguerreótipo, em 1835.

⁹³ Joseph Jérôme Lefrançois de Lalande (1732-1807), astrônomo francês.

⁹⁴ Charles Robert Darwin (1809-1882), naturalista inglês, autor da teoria da evolução das espécies e da seleção natural.

⁹⁵ Gigante da mitologia grega com cem braços e cinquenta cabeças, filho de Gaia e Urano, que foi aprisionado no Tártaro pelo próprio pai e ajudou Zeus a derrotar os Titãs.

Como rever as estantes,
 Ir desvendar a ciência,
 Sem ter estudos bastantes,
 nem dotes de inteligência?!

Poderei acaso um dia,
 no caminho triunfal,
 ter a luz que se irradia
 de Junqueiro⁹⁶ e de Quental⁹⁷?!

Jamais! As grandes alturas
 vedadas me são, bem sei;
 caminharei nas planuras
 e disso não passarei! (NASCIMENTO apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 60).

Dessa forma, em tom de ironia, ela acaba por se conformar com aquilo que lhe cabe, sendo mulher e destituída de títulos acadêmicos: continuar a produzir charadas, textos considerados de menor valor, que, então, seriam adequados a sua condição:

Não basta ter sentimento,
 elevada inspiração:
 é mister muito talento
 com profunda erudição!

Não posso ao lirismo dar-me
 nem posso ser realista:
 é minha sina ocupar-me
 sempre em ser logografista! (NASCIMENTO apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 61).

A partir dessa leitura, podemos identificar uma consciência intelectual e social por parte de Anália. É interessante destacar a presença, mais uma vez, da incerteza quanto ao espaço da mulher na literatura. Ao mesmo tempo em que se estabelecem novos rumos para os autores do período, com o advento da escola realista, que começa a superar a veia romântica, Anália acredita ser mais apropriado a ela permanecer em uma poesia sentimental e até mesmo antiquada, sem aderir às novas tendências, que representam o progresso. Há, dessa forma, uma contradição quanto a sua posição nesse sistema: afiliando-se aos lirismos, os escritores considerados modernos “dão cabo logo” de si, impedindo-a de se afirmar nesse meio, mas, considerando-se inapta a desenvolver uma literatura “ilustrada”, também não considera explorar esse caminho.

Ela aponta o fato de não ter tido oportunidades para se graduar doutora, como os diversos homens ilustres que cita em seus versos. De fato, na conjuntura do século XIX o

⁹⁶ Guerra Junqueiro (1850-1923), político, jornalista e escritor, foi o poeta muito popular durante sua época em Portugal. A sua poesia ajudou a criar o ambiente revolucionário que conduziu à implantação da República.

⁹⁷ Antero de Quental (1842-1891), escritor e poeta português.

acesso à educação era bastante limitado, especialmente para as mulheres. Segundo Hahner (2003), que apresenta dados oficiais sobre a alfabetização da população brasileira, no ano de 1872, apenas cerca de 11,5% das mulheres eram alfabetizadas, contra 19,8% dos homens. Em 1890, esse índice cai para 10,4% da população feminina e 19,1% da população masculina. Anália, dessa forma, se encontrava em posição privilegiada, considerando que frequentou o ensino básico e qualificou-se professora; mesmo assim, ela denuncia a ausência de oportunidades de realizar um curso superior e seguir carreira acadêmica, como os grandes homens mencionados em seu poema, altamente eruditos. Dessa forma, seria mais conveniente dedicar-se aos “ingênuos” passatempos, considerados um gênero menor, por constituírem uma simples atividade de entretenimento, sem propor reflexões ou questionamentos, e com um trabalho estético menos desenvolvido em relação à linguagem. É válido comentar que a preferência da poetisa pelos assuntos do Romantismo, e pelos passatempos, estava alinhada ao interesse de uma sociedade ainda profundamente patriarcal, que buscava restringir o discurso da mulher, encaixando-o na ideia de uma sensibilidade natural feminina:

A poesia feminina estava direcionada no sentido de abordar certos temas, considerados próprios à fala da mulher. O olhar crítico da sociedade pré-determinava a conveniência ou não de certos assuntos, tendo, por isso, uma importância relevante no que concerne à produção literária da mulher. O fator social importa, na medida em que prepara a esfera de atuação da crítica literária, na época totalmente edificada sob um olhar preconceituoso e condescendente em relação à literatura feminina, influenciando no imaginário da escritora, cerceando, policiando. (PAIXÃO, 1990, p. 50).

Dessa forma, justifica-se que a autora tenha optado por exercer uma escrita menos comprometedora. Sua inclinação feminista, entretanto, não se manifesta apenas no poema dirigido a Cordeiro, mas também é reforçada em “Avante!”, última composição de sua autoria publicada no *Almanaque*, dedicada à escritora Andradina de Oliveira. Os versos louvam seus esforços em prol dos direitos das mulheres:

Denodada morena de olhos pretos
E compleição gentil,
Perdoa se em meus versos indiscretos
Desenho-te o perfil!

Qual fêrvida amazona combatente,
Sem vacilar sequer,
Inscreveste no gládio refulgente
Defesa da mulher!

[...]

Defensora gentil de nosso sexo,

Que marchas a sorrir,
De minh'alma recebe um terno amplexo
E arroja-te ao porvir! (NASCIMENTO apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 225).

No ano de 1882, Anália Vieira do Nascimento remete ao *Almanaque* um texto que pode ser considerado discrepante dos moldes seguidos por ela na grande maioria de suas composições. O escrito em questão pertence a uma modalidade também pouco praticada por seus contemporâneos: em “Victor Hugo (Carta)”, sua única composição em prosa, a escritora desenvolve um comentário crítico sobre a obra *Os trabalhadores do mar* (1866), do autor francês, feito que a caracteriza como uma das pioneiras da crítica literária sul-rio-grandense⁹⁸ e, provavelmente, a primeira mulher a produzir trabalho do tipo em solo gaúcho.

Na década de 1880, a crítica gaúcha vivia seus primeiros momentos, com esparsas manifestações em veículos periódicos, como as revistas e jornais. Baumgarten (1997) indica “Divagações”, publicado por F. C. Bulhões Ribeiro, em 1867, na *Arcádia*, como o primeiro texto crítico de que se tem conhecimento no Rio Grande do Sul, que versa sobre o ideário romântico, ainda em fase inicial na região. Sobre essa publicação, Baumgarten (1997, p. 67-68) afirma:

Embora incipiente, o artigo de Bulhões Ribeiro coloca em discussão temas intensamente debatidos pela crítica literária sul-rio-grandense da segunda metade do século passado, como é o caso da questão envolvendo a nacionalidade da literatura brasileira e sua relação com a literatura portuguesa. Realiza, além disso, uma breve apreciação do período neoclássico, citando os trabalhos de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Frei Francisco de São Carlos, para chegar ao século XIX, identificado como o da emancipação literária brasileira, sobretudo a partir de Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto Alegre. Nesse sentido, cabe ao ensaio de Bulhões Ribeiro a primazia de inaugurar a crítica literária no Rio Grande do Sul, instaurando o debate em torno do ideário romântico que iniciava seu percurso na Província.

O autor define, como momento introdutório da crítica sul-rio-grandense, o período entre 1867, ano de publicação do ensaio pioneiro de Bulhões Ribeiro, e 1883, quando surgem os *Esboços literários* de Damasceno Vieira, e esse tipo de trabalho finalmente atinge o livro. Nesse intervalo, não se teria produzido mais do que uma dezena de escritos, veiculados exclusivamente pela imprensa periódica.

Ainda em 1867, temos o empreendimento de Antônio Joaquim Dias, na *Arcádia*, de organizar um esboço literário sobre poetas brasileiros. Esse trabalho não teve continuidade nos números seguintes, restringindo-se a um escrito sobre a vida e obra de Cláudio Manuel da

⁹⁸ Para Baumgarten (1997, p. 13), constitui a crítica literária sul-rio-grandense “[...] todo e qualquer discurso de caráter crítico escrito por autor nascido no Rio Grande do Sul”.

Costa. Na sequência, em 1869, o mesmo periódico publica “Poetas e Poesia”, de Glodomiro Paredes, que busca traçar um panorama da produção poética brasileira e sulina, discutindo temas como “[...] o problema da imitação na poesia brasileira; a questão da emancipação literária nacional; a importância da pesquisa das fontes poéticas populares; o conceito de poesia” (BAUMGARTEN, 1997, p. 68).

Antônio Maria Pinto veicula, também na *Arcádia*, em 1869, o ensaio “A literatura no Rio Grande”, em que discute a relação entre literatura e sociedade para analisar o estágio em que se encontrava o processo literário no Estado. Ele elogia Félix da Cunha, fundador do semanário *O Guaíba*, considerado um dos principais veículos literários do Rio Grande do Sul no período. Bernardo Taveira Júnior também publica dois ensaios na revista: “Reflexões sobre a literatura rio-grandense”, em 1869, e “Mulher e mãe”, em 1870 (BAUMGARTEN, 1997).

Outros dois periódicos têm participação nas primeiras manifestações do ensaio crítico gaúcho: a *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* e o *Murmúrios do Guaíba*. Este veicula, em 1870, o “Parecer” de Apolinário Porto Alegre sobre o romance regional sul-rio-grandense *A douda* (1870), de José Bernardino dos Santos. Também Apolinário Porto Alegre publica, na *Revista Mensal*, o texto “José de Alencar – Estudo biográfico”, saído em diversos números entre 1873 e 1874. Consoante Baumgarten (1997), esses são os primeiros textos no Rio Grande do Sul a se debruçarem sobre uma obra determinada, enquanto os anteriores realizavam uma espécie de apanhado geral da produção literária no Estado. O autor também comenta a biografia de José de Alencar como “[...] o artigo crítico de maior envergadura produzido pelos românticos sul-rio-grandenses” (p. 73), devido a sua extensão e à amplitude dos assuntos discutidos, reunindo diversos tópicos levantados por seus contemporâneos em um único texto. E finalmente, em 1882, Baumgarten (1997) indica a publicação de Francisco de Paula Pires, na folha semanal *Tribuna Literária*, de Pelotas, do texto “A literatura nacional”, que segue na esteira do debate sobre a nacionalidade e autonomia da literatura brasileira em relação à portuguesa.

Afora essas produções, o autor menciona somente notas e comentários críticos breves e esparsos em alguns jornais da Capital e do interior, como *A Reforma* (1869-1912), o *Jornal do Comércio* (1865-) e *O Mosquito* (fev./out. 1874), não reconhecendo produções de autoria feminina, nem mesmo a de Anália. Efetivamente, até meados do século XX, a crítica literária no Brasil foi um reduto quase exclusivamente masculino, cuja única grande exceção foi Lúcia Miguel-Pereira (1901-1959), que alcançou o reconhecimento acadêmico como historiadora e crítica. (DUARTE, 1990).

Nesse período, a atividade crítica no Estado articula-se a partir de três principais perspectivas: a questão da nacionalidade da literatura brasileira; tópicos teóricos e históricos, dentre os quais se destacam a periodização literária, o estilo e a teoria dos gêneros; e o que podemos chamar de metacrítica, com discussões sobre a natureza e função do ensaio literário. (BAUMGARTEN, 1997).

O trabalho de Anália é notavelmente distinto de outros realizados durante o período no Rio Grande do Sul. Enquanto os demais se debruçavam sobre a questão da literatura nacional e sulina, a autora opta por dissertar sobre a obra de um escritor europeu, orientando-se por um Romantismo mais universal e menos regionalista ou nacionalista, que buscava compreender e afirmar a autenticidade da literatura regional/nacional. Seu texto é breve e limita-se a um relato de impressões sobre o romance. Apresentando um cunho bastante laudatório à obra de Victor Hugo, o texto de Anália é rudimentar no que diz respeito a uma orientação ou reflexões teóricas e pode ser considerado incipiente para um trabalho de crítica literária sob os parâmetros da atualidade. Vejamos um excerto da introdução do texto: “Curvo-me submissa ante o fulgor olímpico desta majestade literária. Acentuaram-se de tal forma no meu espírito os grandes e profundos traços do autor das *Orientais* que não posso ler-lhe uma página, sem que experimente uma forte impressão de deslumbramento” (NASCIMENTO, 1881 apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 86).

Todavia, é válido considerar que essa foi uma das únicas contribuições femininas à fase inicial da crítica literária do Rio Grande do Sul, e que “[...] tudo o que se possa dizer como restrição à qualidade do trabalho que com essa intenção realizavam, isto é, que ao lado de hiperbólicos e desvairados elogios empregavam como medida de estima os princípios da retórica clássica portuguesa, não nos deve impedir de reconhecer que era um trabalho de crítica” (MARTINS, 1983 apud BAUMGARTEN, 1997, p. 13). Esse tipo de apreciação, inclusive, era muito praticado, principalmente por aqueles mais adeptos ao pensamento romântico. Souza (2003, p. 145) comenta esse momento da crítica literária, afirmando que

até o século XVIII, enquanto persistiu o prestígio da retórica e da poética, pode-se dizer que a crítica consistia em apreciar a conformidade de um texto às regras do gênero específico; no entanto, depois de abandonada a preceptística clássica construída por aquelas disciplinas antigas, como decorrência da revolução romântica, a crítica se torna pessoal e arbitrária, quando muito fixando como critério de qualidade noções vagas como autenticidade emocional ou verismo figurativo, cuja presença nos textos literários lhes garantiria o valor.

A autora expressa, no ensaio, assim como já havia afirmado em “Epístola”, sua preferência pelos tópicos abordados pela literatura do Romantismo, como é o caso de *Os trabalhadores do mar*, a despeito das novas tendências que ganhavam espaço no momento:

Para os espíritos educados na moderna escola será tudo piegas, sedição, risível. Eu, porém, como não estou ainda de todo compenetrada do realismo que presentemente anda em moda nas regiões literárias, simpatizo imensamente com aquele mimoso e suave idílio. (NASCIMENTO apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 86).

Mais uma vez, a autora evoca referências externas, relacionando dois dos personagens centrais do romance, Gilliat e Lethierry, a poetas contemporâneos: um tendente ao lirismo e às ilusões; e o outro às ideias realistas, ao materialismo e ao positivismo:

Se ambos pudessem vibrar liras e exprimir em determinado metro as suas impressões, o primeiro seria Casimiro de Abreu, sonhador de utopias, procurando em toda a parte a visão que aformoseara na sua imaginação enfebreçada, ao passo que o outro seria Guerra Junqueiro, menos arrojado talvez nas suas apreciações, mas igualmente sincero. (NASCIMENTO apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 86).

Anália demonstra que, realmente, adota uma visão de mundo mais poética e utópica. Primeiramente, ela considera a plenitude do amor como algo mais fácil de ser alcançado pelas mulheres; segundo ela, “O amor como nós, as mulheres, o compreendemos, isola-se assim, em uma reconcentração toda sagrada” (NASCIMENTO, 1881 apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 86); e, ao concluir sua apreciação sobre *Os trabalhadores do mar*, ainda realiza uma espécie de crítica social, denunciando a desvirtuação e a barbaridade do ser humano. Gilliat, no desfecho da narrativa, escolhe morrer por amor a Déruchette, o que Anália comenta da seguinte forma:

Por tudo isto, entristece-me reconhecer que a corrupção que lava por toda a parte, corroendo os alicerces da sociedade, demonstra praticamente que Gilliat é uma individualidade que, se existe, tende a desaparecer completamente em breve prazo! Quem sabe se em época não muito remota não será ele objeto de profundo estudo por parte de sábios antropologistas alemães, que irão consultar-lhe o arcabouço em algum museu?! (NASCIMENTO, 1881 apud CHAVES; WEIGERT, 2014, p. 86).

Pode-se dizer que para Anália, portanto, o principal fator de julgamento da qualidade da obra de Victor Hugo seria o alinhamento com suas convicções morais. De qualquer forma, esta constitui uma importante contribuição à crítica literária sul-rio-grandense e merece ser mencionada, bem como as reflexões desenvolvidas acerca de sua posição enquanto mulher e escritora. Por meio dos textos abordados acima, foi possível conhecer os pontos mais

significativos da produção de Anália Vieira do Nascimento. Outro aspecto que merece ser explorado são os diálogos desenvolvidos entre a poetisa e diferentes leitores do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, que serão explorados na seção adiante.

4.2 INTERLOCUÇÕES

Uma das marcas mais acentuadas da participação de Anália Vieira do Nascimento no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* consiste nos diálogos estabelecidos com leitores e outros escritores do periódico. Era atividade comum, entre os colaboradores, a troca de correspondências; entretanto, dentre as mulheres gaúchas, Anália foi uma das únicas a desenvolver esse tipo de comunicação, e a que o fez em maior abundância. Sua introdução no anuário ocorre por meio de um passatempo oferecido a outro escritor já frequentador do anuário, residente na Europa (em Vila de Nova Gaia, Portugal). Isso sugere sua intenção de desenvolver diálogos de amplo alcance geográfico, o que de fato se cumpre ao longo dos anos: de acordo com o levantamento de Weigert (2014), a escritora dedicou um total de 28 textos, o que representa 73,68% de toda a sua participação no anuário português, a diferentes receptores, 12 mulheres e 24 homens⁹⁹, embora apenas um deles – a saber, Andradina de Oliveira – vivesse no Rio Grande do Sul. São onze passatempos e 17 poemas, consoante a preferência já atestada da autora por tais gêneros.

O quadro abaixo apresenta cada um dos textos de Anália acompanhados por dedicatória, além de seu gênero, ano de publicação e nome da pessoa homenageada – a maioria também com escritos veiculados no *Almanaque*:

Quadro 2 – Textos de Anália Vieira do Nascimento dedicados a personalidades no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*¹⁰⁰

(continua)

Ano	Título	Gênero	Homenageado
1871	<i>Logogrifo XI</i>	PA	Manuel Maria Lúcio
1872	<i>Logogrifo acróstico</i>	PA	“Logogrifistas de nome”
1873	<i>Logogrifo XVIII</i>	PA	Manuel Maria Lúcio
1874	<i>Num álbum</i>	PO	Leopoldina
1875	<i>Logogrifo VI</i>	PA	Castorina Angélica do Nascimento

⁹⁹ Considerando que um único poema, “Quadras”, foi oferecido a nove diferentes indivíduos, e o “Logogrifo acróstico”, de 1872, não possui um destinatário específico.

¹⁰⁰ Todo o material encontra-se disponível na obra de Weigert (2017).

(conclusão)

Ano	Título	Gênero	Homenageado
1876	<i>Quadras</i>	PO	"Ilustrados cavalheiros de que trata o Almanaque de 1875, a página 17 ¹⁰¹ "
	<i>Ao Sr. António de Sá Soares Leite</i>		António de Sá Soares Leite
	<i>Ao Sr. José Joaquim de Matos</i>		José Joaquim de Matos
	<i>Soneto</i>		André do Quental
1877	<i>Lembrança</i>	PO	Rafaela Barreto de Azambuja
	<i>O canto do sabiá</i>		José Felgueiras de Guimarães
1878	<i>Soin!</i>	PO	Heloísa de la Tour Dufresne
	<i>Logogrifo VIII</i>	PA	Adélia Josefina de Castro Fonseca
1879	<i>Logogrifo XII (por letras)</i>	PA	José Carrilho Aires Garcia
1880	<i>Acróstico</i>	PO	Raphaela
	<i>Epístola</i>		António Xavier Rodrigues Cordeiro
1881	<i>Charada XLIX</i>	PA	Júlio Edgard
	<i>Logogrifo XLIII</i>		Georgina de Maupin
1883	<i>Logogrifo XVIII (por letras)</i>	PA	Luiza Amélia e Georgina de Maupin
1885	<i>A volta</i>	PO	António Xavier Rodrigues Cordeiro
	<i>Logogrifo XII</i>	PA	Castor Phamur de Minas
1886	<i>Após a doença</i>	PO	Ana Ribeiro de Bittencourt
	<i>Resposta</i>		João Bastos
1887	<i>Goivos</i>	PO	Maria da Piedade Moreira
	<i>Enigma XXIX</i>	PA	Cecília Maria C. de A. O. (da Bahia)
1888	<i>Goivos</i>	PO	Maria da Piedade Moreira
1889	<i>Retrato</i>	PO	Carlos de Moraes (de Cameté)
1893	<i>Avante!</i>	PO	Andradina de Oliveira

Fonte: elaborado pela autora (2019).

O texto de estreia, “Logogrifo XI”, em 1871, possui como destinatário uma pessoa específica e se desenvolve de forma intertextual com outras duas publicações do *Almanaque*. O contemplado foi Manuel Maria Lúcio, consoante a nota publicada abaixo do título: “Ao Sr. Manuel Maria Lúcio. Veja-se o A. de 67, pág. 329, e o A. de 69, pág. 222” (NASCIMENTO, 1870, p. 220).

Antes de ler o logogrifo, portanto, dirigimo-nos às indicações da autora: a primeira (*Almanaque* de 1867, p. 329) nos leva até Catarina Máxima de Figueiredo, de Portugal. Esta conclui o “Logogrifo XII” da seguinte maneira:

Se nos homens dominasse

¹⁰¹ Antonio Machado, Julio Caldeira, Luiz Carlos d’Araujo Pereira Palma, Antonio M. C. Almeida Ferraz, Anonymo Batalhense, Pe. Luiz Antonio da Fonseca Moreira, José Joaquim de Matos, André do Quental e Antonio de Sá Soares Leite.

Muito mal se evitaria!
Eis aqui o logogrifo
Já tão claro como o dia! (FIGUEIREDO, 1866, p. 329).

Manuel Maria, no número de 1869, referencia o texto de Catarina. Ele também publica um logogrifo, no qual indica: “Veja-se o Almanaque de Lembranças de 1867, pág. 329”. A intertextualidade se encontra na última estrofe, em que o autor conclui:

Se nas damas dominasse
Muito mal se evitaria!...
(Dizem certos maldizentes
Que a minha escola não cria)
Eis aqui o logogrifo
Já tão claro como o dia!... (LÚCIO, 1868, p. 222).

Anália, então, estreia sua participação respondendo-lhe:

Se nos homens dominasse
Muito mal se evitaria!...
(Dizem todas as sensatas
Que a minha escola só cria)
Eis aqui o logogrifo
Já tão claro como o dia,
Que ofereço humildemente
Ao Sr. Manuel Maria!... (NASCIMENTO, 1870, p. 221).

O diálogo ainda se estende até o ano seguinte, quando o escritor busca encerrar a polêmica:

Se nas damas dominasse
muito mal se evitaria!...
(dizem certos maldizentes
que a minha escola não cria)

Eis aqui o logogrifo
já tão claro como o dia!...
que à Senhora Dona Anália
oferece Manuel Maria! (LÚCIO, 1871, p. 133).

Anália, por fim, lhe responde uma última vez. Ela inicia o “Logogrifo XVIII”, dedicado “Ao sr. Manuel Maria Lúcio”, da seguinte forma:

Se eu fizesse o logogrifo
Co’as consoantes em ia,
que portentosa maçada!
Tremenda sabedoria!

Por isso hoje não posso
 Responder, como devia,
 Ao mimoso logogrifo
 Do sr. Manuel Maria. (NASCIMENTO, 1872, p. 346).

E finaliza advertindo-o, em tom desafiador, que não tente decifrar o passatempo, pois seria trabalho “em vão”:

Sr. Manuel Maria... Ia a escrever Barbosa!
 Lúcio, quero dizer, perdoe a distração!
 Não glose o logogrifo – é semelhança, creia,
 Nem tente decifrá-lo – é trabalhar em vão. (NASCIMENTO, 1872, p. 347).

Ao longo dos anos, Anália consolida esse tipo de comunicação com seus leitores, convocando-os, desafiando-os, prometendo recompensas a quem lhe decifrar os passatempos, aceitando respostas e evidenciando a recepção positiva de seus textos. A própria natureza de muitos dos escritos que ela remetia ao *Almanaque*, portanto, já motiva uma prática de leitura pautada na interação, em uma atividade diferenciada do leitor, que se torna peça fundamental da atuação de Anália no anuário. Ora, se a própria já declarou, em outros momentos, forte insegurança em relação a sua capacidade e seu talento, a aceitação por parte do público é ainda mais significativa e decisiva no que diz respeito à continuação ou não de sua atuação como escritora. A autocrítica que ela se impunha não era incomum entre mulheres que buscavam introduzir-se em atividades como a escrita, que se desviavam das expectativas sociais para uma “mulher de família”, esposa e mãe: “É preciso sempre partir do fato histórico de que as mulheres eram consideradas inferiores e que na maioria das vezes isto estava tão introjetado, que elas mesmas se viam como tais.” (DUARTE, 1990, p. 21-22).

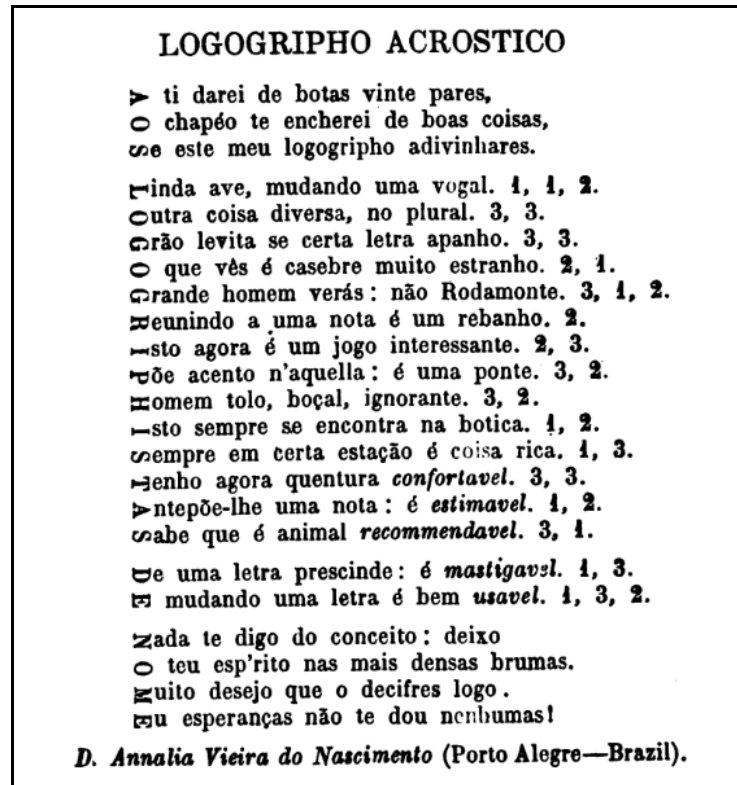
Candido (2006) coloca o escritor como não apenas um *indivíduo* que exprime sua originalidade, mas como um *papel social*, inserido, portanto, em um sistema de interrelações com a obra e o público. Portanto, está sujeito, em certa medida, às reações e manifestações dos leitores ao seu trabalho:

Se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é mostrada através da reação de terceiros. Isto quer dizer que o público é condição para o autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é a sua revelação. Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta, que é definição dele próprio. (CANDIDO, 2006, p. 85-86).

Por isso, “todo escritor depende do público” (CANDIDO, 2006, p. 86), e este pode “decidir a orientação de uma obra e o destino de um artista”. Escarpit (1969, p. 52) também enfatiza a importância do reconhecimento social de um escritor, que “[...] apenas se define como escritor após o momento em que um observador colocado ao nível do público seja capaz de o sentir como tal. Só se é escritor em relação a alguém e aos olhos de alguém”. Esse público, por sua vez, não necessariamente deve estabelecer um contato tangível com os escritores ou se ordenar em grupos definidos. Como afirma o próprio Candido (2006, p. 86), “[...] o público nunca é um grupo social, sendo sempre uma coleção inorgânica de indivíduos, cujo denominador comum é o interesse por um fato” – neste caso, o fato literário.

De fato, é possível verificar, nesses escritos da “senhora” gaúcha, manifestações daquilo que Bourdieu (2009) chama de “intenção de manipular a recepção”, ou seja, aqueles elementos pelos quais opta um autor e que indicam o público visado e a ideia que ele tem sobre ele mesmo, como por exemplo, a oposição entre parágrafos curtos e parágrafos longos: enquanto estes, geralmente, endereçam-se a um público mais selecionado, aqueles têm, na fragmentação das ideias, a possibilidade de atingir um grupo maior, menos escolarizado ou menos habituado a leituras densas. Além disso, o sociólogo menciona toda a simbologia do grafismo, que se destina a destacar a importância do que se diz, como o *itálico*, o emprego das maiúsculas, os títulos e subtítulos. Os textos de Anália apresentam, muitas vezes, elementos desse tipo. O *itálico* é particularmente muito empregado, bem como mudanças na posição das letras e dos parágrafos. Vejamos, por exemplo, este logogrifo, publicado na edição de 1872:

Figura 5 – “Logogrifo acróstico”, de Anália Vieira do Nascimento (1872)



Fonte: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1872* (1871).

Nessa composição, a dedicatória – “Aos logogrifistas de nome” – é realizada em forma de acróstico, cujas letras são giradas 90° à direita, a fim de chamar a atenção à frase formada. O itálico também aparece em algumas palavras, facilitando a resolução do passatempo. Outro momento em que a autora fornece pistas adicionais aos leitores é no *Almanaque* de 1876, no “Logogrifo XII”, em que ela acrescenta em nota, abaixo do título: “Prometo uma poesia ao primeiro que decifrar. Este logogrifo composto só com 12 das letras do alfabeto, tem mais de uma cedilha e um til” (NASCIMENTO, 1875, p. 237).

É dessa maneira que se configura o grupo de espectadores de Anália: em sua maioria distantes geográfica e culturalmente, são associados unicamente pela presença no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, que define a natureza de sua comunicação com a escritora: geralmente por meio de correspondências, sempre com a mediação do editor, e materializada na forma de poemas e, sobretudo, passatempos, que se encontravam em fase de grande popularidade no momento¹⁰². Não podemos mensurar de maneira precisa quantos tiveram contato com suas composições, visto que o único indicador concreto de sua recepção vem

¹⁰² Em 1875, Cordeiro até comenta a numerosa remessa de charadas ao anuário: “Nunca o *Almanaque de Lembranças* publicou tantas charadas como em 1874, porque saiu à luz no meio da febre charadista. Com os logogrifos e enigmas subiram a 100” (CORDEIRO, 1874, p. 18).

daqueles que lhe escreveram, de uma forma ou de outra, no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Apesar de não fornecer um panorama completo, no entanto, esses escritos auxiliam, pelo menos em parte, na compreensão do fenômeno e no estabelecimento de aspectos comuns de seu público. É dessas manifestações contidas no anuário, portanto, que trataremos aqui.

Os escritos direcionados a Anália Vieira do Nascimento no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* são 18, divididos entre duas composições em prosa, sete passatempos e nove poemas, de 17 remetentes diferentes. No total, são 13 homens e quatro mulheres que se dirigem à irmã de Damasceno Vieira no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. As publicações estão compreendidas no período entre 1872 e 1898 – quando a escritora já não publicava há cinco anos. Abaixo, encontra-se a relação de todas elas, organizadas por ordem crescente de ano. A maior ocorrência ocorreu em 1885, com três escritos.

Quadro 3 – Escritos dedicados a Anália Vieira do Nascimento no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*¹⁰³

(continua)

Ano	Título	Gênero	Autor	Local
1872	<i>Logogrifo III</i>	PA	Manoel Maria Lúcio	Portugal
1875	Não consta	PO	Luís Carlos de Araújo Pereira Palma	PE – Brasil
	<i>À Ex.^{ma} Sr.^a D. Anália Vieira do Nascimento</i>	PO	Antônio de Sá Soares Leite	RJ – Brasil
1876	<i>À Il.^{ma} Sr.^a D. Anália Vieira do Nascimento</i>	PO	André do Quental	Portugal
1879	<i>Salve!</i>	PO	Joaquim Elias de Albuquerque Barros	PE – Brasil
1881	<i>Avante!</i>	PO	Ana Ribeiro de Bittencourt	BA – Brasil
1882	<i>Logogrifo VI (por letras)</i>	PA	Georgina de Maupin	BA – Brasil
	<i>Logogrifo XXI</i>	PA	Luísa Amélia	Paraíba do Piauí
1883	<i>Logogrifo X (Portuense)</i>	PA	Antônio Rigaud Nogueira	Portugal
1884	<i>Ailanna madrugadora devota</i>	PR	Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro - Editor	Portugal
	<i>Logogrifo VIII</i>	PA	M. T. Freire Júnior	PE – Brasil

(conclusão)

Ano	Título	Gênero	Autor	Local
1885	<i>Voltou.</i>	PR	Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro – Editor	Portugal
	<i>Avante! Avante!</i>	PO	João Bastos	BA – Brasil

¹⁰³ Todo o material encontra-se disponível na obra de Weigert (2017).

	<i>Saudação</i>	PO	Moisés Bensaúde	Portugal
1886	<i>Agradecimento à mimosa poetisa rio-grandense D. Anália Vieira do Nascimento</i>	PO	Castor Phamur	RJ – Brasil
1887	<i>Homenagem</i>	PO	Benjamin Carvalho	SC – Brasil
1894	<i>Charada LX</i>	PA	Silva Freire	BA – Brasil
1898	<i>Logogrifo IV</i>	PA	Violeta	AL – Brasil

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Observar as localidades de onde vêm esses textos é importante ao escopo desta pesquisa, na medida em que contribui para a especificação do alcance geográfico e da recepção de Anália Vieira do Nascimento no *Almanaque*. Dentre os 17 diferentes autores, seis remetem de Portugal e 11 do Brasil, sendo oito destes (cerca de 72,73%) da região do Nordeste, dois do Rio de Janeiro, um de Santa Catarina e nenhum residente no Rio Grande do Sul.

Dentre os indivíduos que escreveram para Anália no *Almanaque*, encontra-se o próprio editor, Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro. Na edição para 1884, constatamos que ele percebe a ausência de composições da senhora no ano anterior, em que não teve atividade no periódico. Ele publica a seguinte nota:

Ailanna¹⁰⁴ madrugada devota (Brasil)

– Que é feito da madrugada? Que é feito da devota? Perguntamos por costumados que estamos a vê-la, e ninguém nos responde...!

Não haverá um eco que em 1885 – nos diga: – *Voltou! Aqui está!* (CORDEIRO, 1883, p. LXIV).

Como resposta, a escritora publica, em 1885, retomando o fluxo de publicações no *Almanaque*, o poema “A volta”, em que explica o motivo de seu afastamento do periódico no ano decorrido:

Do leito me erguendo, fugindo à moléstia
que em prantos aflitos minh’alma prostrou,
eis rasgo de novo meu véu de modéstia;
respondo sorrindo: “Voltei! Aqui estou!” (NASCIMENTO, 1884, p. 367).

Esse poema é acompanhado de mais um comentário do editor:

Voltou.

¹⁰⁴ Anagrama de *Annalia*.

– O ano passado, ao encerrar este anuário, vendo que nele faltava o nome de uma das suas mais queridas e talentosas colaboradoras, porque não nos visitara, escrevemos na Correspondência. [...] Fomos ouvidos. – Voltou. E dá-nos o motivo da sua ausência, que muito sentimos. Nos seguintes versos, que do coração lhe agradecemos: (CORDEIRO, 1884, p. 367).

Como podemos constatar, Cordeiro dispensa grande admiração a Anália Vieira do Nascimento, o que pode ter facilitado a consolidação de seu público e o prestígio alcançado. A figura do editor, com efeito, desempenha um papel essencial no que diz respeito à produção e recepção de uma obra, na medida em que o texto ao qual o leitor tem acesso não é o mesmo que saiu da “mão do escritor” (CHARTIER, 2014). Chartier (2001, p. 50) afirma que é ele “[...] quem se encarrega de reunir o conjunto das seleções que devem ser feitas para publicar um livro: escolha do texto, escolha do formato, escolha de um certo sentido de mercado por meio da publicidade e da difusão”, e sua prática atravessa “todas as dimensões da história da cultura impressa” (CHARTIER, 2001, p. 45). Segundo o historiador, esse tipo de atividade se firma como uma profissão autônoma, dissociada da do livreiro e do impressor, durante a década de 1830, na França, caracterizando-se pela relação estabelecida com autores, escolha de textos, das formas da publicação e, finalmente, de seu público-alvo. Portanto, “[...] a edição é o momento em que um texto se torna um objeto e encontra leitores” (2001, p. 44-45), sendo decisiva para a colocação da obra na sociedade. Dessa forma, a atuação do editor constitui peça fundamental no estudo da recepção da obra de arte.

Como podemos perceber em suas correspondências dentro do próprio *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, Cordeiro buscava ser muito ativo e manter uma comunicação estreita com os autores que submetiam textos ao periódico, inserindo até mesmo notas de óbito de colaboradores. Muitas vezes, inclusive, tinha o cuidado de incluir erratas referentes aos anos anteriores e justificava publicamente a recusa de diversas composições que lhe eram remetidas, afirmando sua autoridade na elaboração das edições. Em muitos momentos, ele demonstra ser muito criterioso na seleção de poemas para o *Almanaque*.

O expresso apreço por Anália Vieira do Nascimento, portanto, pode sugerir que ela seja uma poetisa qualificada, com produções de grande valor. Mesmo assim, é necessário destacar que, em uma sociedade que inferiorizava a atuação feminina na esfera pública, muitos eram os que não tomavam a sério a atividade literária desenvolvida por mulheres, compondo elogios muitas vezes vazios a suas composições:

Nessa época, como se sabe, a mulher era tolerada, não realmente respeitada como escritora. A crítica, quando se debruçava sobre os livros de mulheres o fazia "com luvas de pelica", "com a cortesia devida a uma senhora", não estudando o livro como literatura mas vendo atrás dele o fantasma de uma mulher. (MUZART, 1990, p. 65).

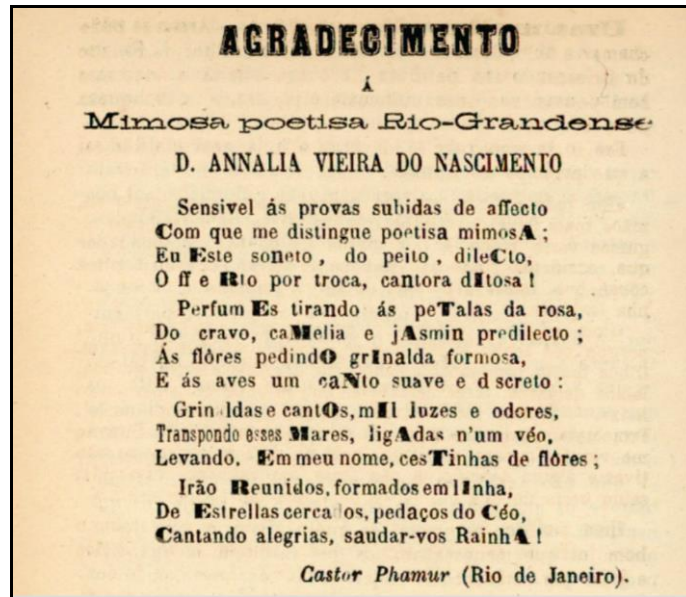
Duarte também afirma que esse tipo de situação não era incomum, inclusive na sociedade brasileira:

E como estes críticos - os donos da verdade literária - viam um texto de mulher? Não deixa de ser interessante uma pesquisa neste sentido para observar a recorrência de algumas posições. Atribuíam à mulher que escrevia, com raras exceções, um estatuto inferior frente a um escritor; revelam também frequentemente seu constrangimento em fazer crítica de textos femininos, tal o ineditismo da situação. José Veríssimo chega a lamentar que a língua portuguesa não seja como a francesa que não possui feminino para as palavras **autor** e **escritor**. Os críticos franceses, na sua opinião, seriam portadores de "inapreciável vantagem" porque estariam "desobrigados das cortesias" que as convenções sociais impunham no tratamento a uma mulher. (DUARTE, 1990, p. 19).

Os próprios índices do Almanaque evidenciam, em certa medida, essa diferença de tratamento entre escritores homens e mulheres, principalmente na primeira fase do periódico. Enquanto estes são referidos como “Autores cujo texto se divulga” ou “Cavalheiros cujos nomes honram as páginas deste *Almanaque*”, elas são as “Senhoras cujos nomes embelezam e honram as páginas deste Almanaque” ou “Senhoras que honram e aformoseiam as páginas deste Almanaque”. (WEIGERT, 2017).

Espreitando alguns dos escritos masculinos sobre as publicações de Anália, nota-se, realmente, um teor de cortejo, de galanteio, por se tratar de uma “dama”. Vejamos, por exemplo, a composição abaixo:

Figura 6 – Poema dedicado a Anália Vieira do Nascimento (1886)¹⁰⁵



Fonte: Weigert (2017).

Castor Phamur, autor da homenagem, refere-se a Anália por meio de termos como “mimosa poetisa” e “rainha”, termos comuns utilizados por críticos homens para referir-se a escritoras mulheres¹⁰⁶. É necessário ressaltar, entretanto, que, entre seus apreciadores, nem sempre a poetisa era referida simplesmente como “mimosa”. Benjamin Carvalho, por exemplo, em 1887, presta uma “Homenagem” à senhora porto-alegrense. Ele a convoca como “festejada poetisa rio-grandense” e reconhece, ao longo do poema, a recepção positiva da autora por parte dos “melhores leitores” do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Observem-se algumas estrofes, transcritas abaixo:

Senhora, às ovações devidas ao talento
que ao vosso resplendente os outros vão rendendo,
eu quisera também juntar um pensamento,
com flores do Helicon, que vos se vão tecendo.

[...]

O vosso nome luz, – sois gênio d’esplendores,
e a vossa lira d’ouro encanta d’excelência!
que os digam do *Almanaque* os melhores leitores,
este livro que diga a vossa refulgência! (CARVALHO, 1886 apud WEIGERT, 2017, p. 198).

¹⁰⁵ Optou-se por inserir a imagem digitalizada para manter a disposição tipográfica do poema, que forma, em acróstico, a palavra *cerimoniática* nas diagonais.

¹⁰⁶ Vejam-se, por exemplo, os já comentados índices do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

É interessante o fato de que o poeta catarinense avalia a obra de Anália a partir das reações positivas de terceiros, e então decide se juntar ao grupo de pessoas a manter contato com ela. Dessa forma, atesta-se aquilo já verificado por Bourdieu, Chartier e Candido, ao relativizarem a questão da qualidade de uma obra. Esta, por sua vez, pode ser medida não apenas por fatores estéticos, em uma espécie de abstração textual, mas também se deve a fatores externos, como, por exemplo, a recepção – elemento mais frisado pelo escritor que homenageia a escritora.

Anália nunca correspondeu à aproximação de Carvalho. Essa não foi a única vez que a escritora deixa seus interlocutores sem resposta. Em 1874, 13 anos antes, ela publica o “Logogrifo acróstico”, em que promete dedicar um soneto àqueles que o decifrassem. Contudo, no ano seguinte, Cordeiro dedica o espaço de uma página e meia, imediatamente após o prefácio, para divulgar os pedidos dos decifradores, que até o momento não haviam recebido seus versos. O editor escreve:

O LOGOGRIFO DE PÁG. 194 DO ALMANAQUE DE 1874

A nossa distintíssima colaboradora brasileira, a exm.^a sr.^a D. Annalia Vieira do Nascimento, prometeu, se bem, ou mal, d’isso não curamos agora, um soneto a quem lhe decifrasse o logogrifo de pág. 194 do Almanaque do ano pretérito, e o resultado foi que dias depois de publicado ferviam as reclamações dos decifradores pedindo cada um o seu soneto.

O srs. Antonio Machado e Julio Caldeira, de Lisboa, num soneto que publicaram no *Diário Ilustrado* de 19 de outubro.

O sr. Luiz Carlos de Araújo Pereira Palma, da cidade de Nazaré, na província de Pernambuco, nuns versos em que conclui, dirigindo-se à autora:

Terei agora o soneto
ou os versos prometidos?
Não peço, minha senhora,
mas se acertei devo crer
que quando dizeis prometo
não deixareis iludidos
aos que disputam nesta hora
a honra de os merecer. [...]

Os srs. Antonio M. C. Almeida Ferraz, de Barcelos, em carta, acrescentando facetamente – que estimará que não lhe suceda com o *soneto* o mesmo que lhe sucedeu com os *pares de botas* (alusão a outra promessa feita em 1873)¹⁰⁷.

Os srs. Anônimo Batalhense. P.^o Luiz Antonio da Fonseca Moreira, de Aguiar da Beira, e José Joaquim de Matos, de Escalhão, também em cartas.

O sr. André do Quental, da ilha de S. Miguel, num logogrifo publicado adiante na pág. 342. E outro, e outro, e quantos?

Ultimamente o sr. Antonio de Sá Soares Leite, de Carmo de Cantagalo, num soneto acróstico que não resistimos ao desejo de transcrever, fechando com ele a lista dos requerentes. (CORDEIRO, 1874, p. 17).

¹⁰⁷ Em 1872, Anália publica, na página 311, um “Logogrifo acróstico”, introduzido pelos seguintes versos: “A ti darei de botas vinte pares, / O chapéu te encherei de boas coisas, / Se este meu logogrifo adivinhares” (NASCIMENTO, 1872 apud WEIGERT, 2017, p. 137). No ano seguinte, na seção de correspondências, Cordeiro comunica a cobrança do prometido por diversos “adivinhões”, de Portugal e do Brasil.

Este último relata toda a sua dedicação no processo de decifração do passatempo, inserindo o resultado na última estrofe e reclamando a ausência de resposta por parte de Anália:

O caipira dos bosques viu-se tonto
Para o dente meter no logogrifo...
Remontou-se ao Parnaso no hipogrifo
Onde quis decifrar o escuro ponto!...

Moeu a paciência, e quase um tipo
Encontrou na jornada. Semi-tonto
Tornou a vir à terra... e hoje aponto
Traços que ele escreveu em puro grifo.

Inda ao menos se o pobre do caipira
De um ditoso Romeu tivera a fama
O grande sacrifício não sentira...

Se – EROTOMANÍACO – alguém o chama
Ilude-se... o coitado teve em mira
Merecer o soneto de uma dama!
? (LEITE, 1874, p. 18).

Ainda acrescenta o editor, sugerindo que a poetisa não pagará sua promessa, utilizada apenas como estratégia para obter engajamento de leitores:

Aí ficam alguns dos requerentes, e estes por todos. A nossa talentosa colaboradora deferirá, ou não, como entender, mas será bom que os decifradores não creiam muito nas promessas, feitas por galanteria para aguçar vontades, ou chamar à liça os combatentes. (CORDEIRO, 1874, p. 18).

Em 1875, Anália, então, decide dar uma resposta a tantos requerentes, em relação ao envio de sonetos. Ela publica um poema em quadras, dirigindo-se àqueles que resolveram o passatempo de sua autoria. Os versos apresentam uma ironia acentuada, visto que a senhora não poderia tomar conhecimento daqueles que solucionaram seu logogrifo sem que estes lhe notificassem de alguma forma. Portanto, eles não deveriam cobrar-lhe tão cedo de sua promessa. Ela ainda afirma que irá cumprir com a sua palavra e ofertar um poema a cada um deles:

Eu sinto com mágoa extrema
não ser um ente exemplar,
que tenha o dote sublime
de poder adivinhar!

Só assim eu saberia
que tão distintos senhores,

foram do meu logogrifo
sagazes decifradores!

E mandar-lhes-ia logo
(pois não falto ao que prometo)
quatorze versos truncados
com pretensões a soneto!

Mas não sou a nova Cassandra,
nem consulto as nigromantes,
nem tenho as asas ligeiras
dos aéreos habitantes!

Além disso vejo pouco:
desta terra de Cabral
não distingo o que se passa
no reino de Portugal!

Quis a sorte que eu nascesse
criatura bem vulgar,
porque, além de muito míope,
nunca posso adivinhar!

Se quiserem ter o prêmio,
cada qual por mais ladino
me escreva pelo correio!
pelo fio submarino! (NASCIMENTO, 1875, p. 15).

Além disso, a autora insere uma nota de rodapé, expressando surpresa tanto pela recepção positiva quanto pelo largo alcance de seus escritos, elogiados por leitores de diversas partes do mundo:

Como fiz a todas pessoas que tiveram a delicadeza de escrever-me, as quais perfizeram a soma total de 125! Quase um batalhão! Da costa d'África, poucas; de Portugal, muitas; do Brasil então não falemos! Vinham às dezenas! Nunca me vi tão requestada! Alguns afirmavam que eu era ninfa, outros acreditavam que eu era estrela: a maior parte ficou indecisa: não sabia se eu era divindade ou simplesmente flor! Mas não me vi embaraçada em satisfazer o meu compromisso, porque tinha já de antemão mandado imprimir 200 exemplares de um soneto laudatório, que compus conforme Deus me ajudou, e que fui remetendo [...]. (NASCIMENTO, 1875, p. 15).

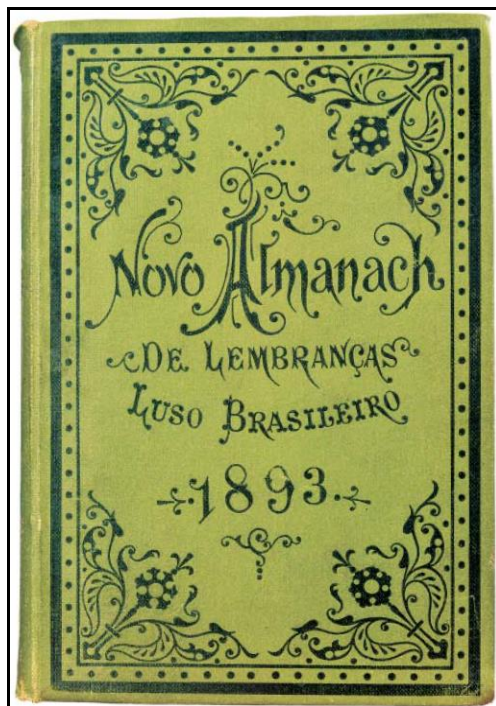
Pelo que indica a própria Anália, provavelmente seu público era muito maior do que aquele que aparece explicitamente nas páginas do Almanaque, sendo constituído por pessoas do continente africano, de Portugal e sobretudo do Brasil. As principais interações ocorriam com leitores oriundos desses dois últimos. Não temos conhecimento da situação social e da formação intelectual desses indivíduos, o que impede a identificação de uma possível homogeneidade e, conseqüentemente, uma caracterização mais precisa sobre o público de Anália Vieira do Nascimento.

Ainda conforme Chartier (2001), outro aspecto relevante, embora frequentemente negligenciado, quanto ao fenômeno da recepção, diz respeito à materialidade do texto, ao seu suporte e à forma de apresentação. É necessário, nesse sentido, atentar-se a elementos como a capa, a disposição tipográfica e as ilustrações de uma publicação, que, aliados aos aspectos da linguagem verbal, “também pertencem ao processo de produção de sentido” (CHARTIER, 2001, p. 35) de uma obra. Bourdieu (2009, p. 248) comenta essa questão, afirmando que, mesmo o processo da leitura sendo crucial na constituição do sentido de uma obra, esta também apresenta elementos que, de certa forma, condicionam a produção dessa leitura:

[...] um livro não chega jamais ao leitor sem marcas. Ele é marcado em relação a sistemas de classificação implícitos, e um dos papéis da sociologia da leitura é tentar descobrir o sistema de classificação implícita que os leitores põem em ação ao dizer: “o livro é para mim” ou “não é para mim”, “muito difícil” ou “fácil”, etc.

Essas “marcas” mencionadas por Bourdieu compreendem tanto questões históricas, como a classificação dentro de um gênero textual específico – que, ao atingir o leitor, aciona suas expectativas quanto às características que deve apresentar, por pertencer a esse gênero – quanto a apresentação física, que envolve o trabalho tipográfico: a organização dos conteúdos, a capa e os mecanismos de destaque, como negrito, itálico e emprego de maiúsculas. Veja-se, por exemplo, os mecanismos utilizados em uma das capas do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*: percebe-se uma elaboração de certa forma chamativa, apesar da simplicidade do material, empregando-se detalhes na fonte e nas bordas.

Figura 7 – Capa do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1893



Fonte: Dutra (2005).

Levando em consideração esses pontos, compreendemos que o processo de leitura e produção de sentido de um texto depende, de um lado, do próprio texto, que chega ao leitor com marcas específicas, inscritas pelo autor e editor, e, de outro, da ação desse leitor, que, a partir de seu conhecimento prévio, repertório de leitura e expectativas, julga a obra. O elemento social, externo, torna-se, portanto, interno, desempenhando um papel na estrutura textual. (CANDIDO, 2006).

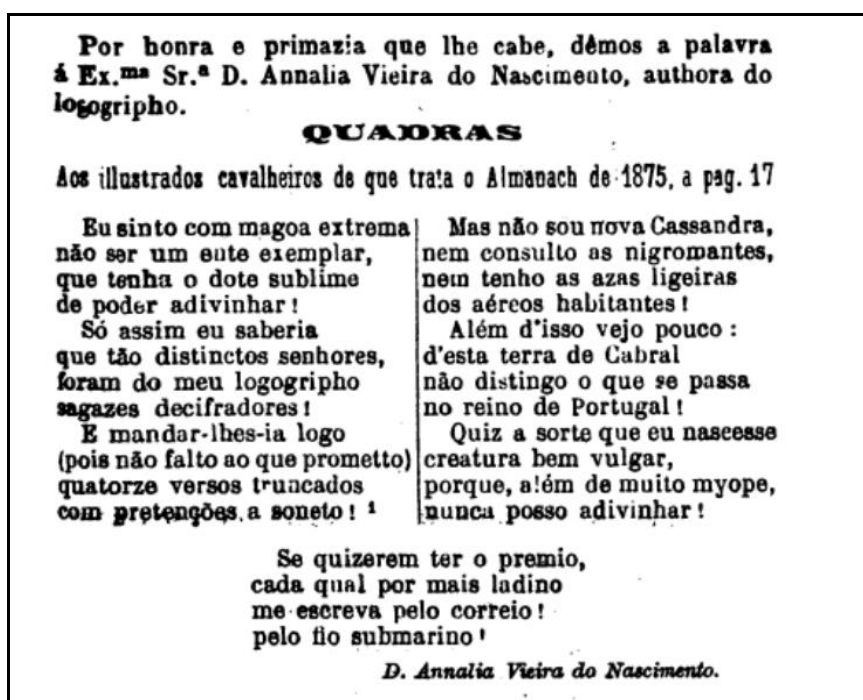
O trabalho tipográfico faz parte de um projeto que, idealizado pelo editor, é crucial no que diz respeito à definição da “identidade” do material publicado, bem como da caracterização de um público e possíveis recepções suscitadas nos leitores. No caso do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, como já explanado no capítulo anterior, seus editores, buscando difundir a publicação entre diferentes tipos de leitores, investiram em modelos simples e baratos, tornando-o o mais acessível possível. Na edição do anuário para 1872, por exemplo, em que ocorre a transição do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para o *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, Cordeiro alerta que o número de matérias foi ampliado, mas o número de folhas continuava o mesmo dos números anteriores, a fim de manter seu preço:

O nosso empenho foi dar muito, dar mais do que até aqui, e tornar este livrinho mais variado, sem lhe aumentar o preço. Os leitores dirão se o conseguimos; e também

lhes podemos afiançar que o mesmo princípio de moralidade e de escrúpulo que sempre presidiu à composição do *Almanaque de lembranças* continuará a presidir à do *Novo almanaque*. (CORDEIRO, 1871, p. 14).

O objetivo do *Almanaque*, de reunir uma vasta variedade de apontamentos, sobre os mais diferentes assuntos, a fim de servir a todos os públicos, explica a forma de organização dos conteúdos, bastante concentrados, a fim de dar espaço a uma grande quantidade de artigos. Com os textos de Anália, não é diferente: suas composições eram, na maior parte das vezes, impressas em fontes pequenas, muitas vezes divididas em colunas, como no exemplo abaixo:

Figura 8 – “Quadras”, de Anália Vieira do Nascimento (1876)



Fonte: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1876* (1876).

Diferentemente de outros autores, seus textos não recebiam ilustrações – não se sabe se estas eram enviadas pelos próprios colaboradores ou inseridas apenas no trabalho de edição. Apenas o “Enigma IX”, de sua autoria, foi elaborado com imagens e recebeu destaque, ocupando pouco mais de meia página:

Figura 9 – “Enigma IX”, de Anália Vieira do Nascimento (1877)



Fonte: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1877* (1876).

De fato, examinar a apresentação do *Almanaque* auxilia na compreensão das práticas de leitura a ele relacionadas. Chartier (2009), ao tratar dessas questões, dialoga com e corrige alguns pontos da Estética da Recepção, teoria formulada por Hans Robert Jauss na década de 1960. Para o francês, a teoria de Jauss falha ao atentar-se quase que somente ao trabalho com a linguagem verbal, desprezando os sinais gráficos de uma obra, ao analisar sua recepção:

Reconhecer como um trabalho tipográfico inscreve no impresso a leitura que o editor-livreiro supõe para seu público é, de fato, reencontrar a inspiração da estética da recepção, mas deslocando e aumentando seu objeto. Ao centrar sua atenção apenas na relação autor/leitor nas obras com estatuto literário, essa forma de crítica textual limita duplamente seu enfoque da leitura. De um lado, ignora os efeitos produzidos pelos dispositivos de produção de livros na recepção dos textos, portanto, na construção de sua significação através do ato de leitura (CHARTIER, 2009, p. 99).

Bourdieu também, na avaliação de uma obra literária, considera fatores que vão além do texto em si, unicamente. Para ele, atentar-se às “condições sociais da produção e da recepção da obra de arte, longe de a reduzir ou de a destruir, intensifica a experiência literária” (1996, p. 14). Sendo assim, não se mantém interessado apenas pela elaboração estética da linguagem, mas por todo o contexto histórico e social que compreende a obra, como a vida do autor, a configuração do público e as circunstâncias de produção e publicação.

Outro aspecto questionado por Chartier na abordagem de Jauss diz respeito ao chamado horizonte de expectativas. O alemão desenvolve seu pensamento sobre a recepção

partindo da ideia de um leitor idealizado, altamente qualificado, “profissional”, como, por exemplo, um crítico literário. Desse modo, teríamos um horizonte de expectativas unificado, ignorando as questões sociais, externas ao texto, que possibilitam inúmeras leituras diferentes de uma mesma obra.

No que diz respeito ao *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, esse é um tópico que precisa ainda mais ser levado em conta, na medida em que atingia um público amplo e heterogêneo. Seu formato, de livro de bolso, permitiu-lhe alcançar aqueles menos favorecidos economicamente e, muitas vezes, menos eruditos. Chartier (1999, p. 126), ao comentar esse ponto, afirma:

[...] com a transformação formal e material de sua apresentação, que modifica formato e paginação, corte do texto e ilustração, os textos podem ganhar novos públicos, mais amplos e menos eruditos, e receber novas significações, distantes das que foram desejadas por seu autor ou construídas por seus primeiros leitores.

O *Almanaque* se inscreve, portanto, em uma categoria de leitura que abrange tanto a elite cultural – haja vista a formação acadêmica de seus editores e os diversos textos e referências a autores clássicos evocados em suas cartas aos leitores, prefácios e notas – quanto um outro estrato intelectual da população, que poderia buscar no periódico tanto informações práticas para o cotidiano e entretenimento quanto uma inserção no mundo das Letras.

Ainda em relação ao barateamento dos exemplares do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, é importante mencionar a abordagem mercadológica da literatura desenvolvida por Escarpit (1969). Nessa perspectiva, os leitores são vistos como consumidores, e a obra, como mercadoria, na medida em que sua distribuição na sociedade ocorre por meio do processo de compra e venda, participando do mercado capitalista. Sendo assim, neste caso, o editor assume o papel de empresário, responsável pela colocação da publicação no mercado, para que, somente após a aquisição, ela se torne objeto de leitura.

Trazendo esses aspectos para o quadro da presente análise, reconhece-se que as condições de venda do anuário – seu barateamento e ampla distribuição do Brasil e em Portugal – ajustadas por seus editores, permitiu a formação de um público bastante heterogêneo dos textos de Anália Vieira do Nascimento. Os leitores do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* são oriundos de cenários plurais, de diferentes contextos socioculturais, provavelmente com diferentes níveis de escolarização, repertórios de leitura e expectativas quanto ao conteúdo do anuário.

Essa interlocução, em determinados momentos, se expandiu para além das páginas do anuário, como verificamos no apontamento que introduz o poema “Ao Sr. José Joaquim de Matos”, na edição para 1876:

O Sr, José Joaquim de Matos (de Escalhão) enviou-nos cópia do soneto que a ilustre poetisa brasileira lhe dirigiu, por ser um dos que decifrou o logogrifo-acróstico à palavra **erotomaniaco**. Como é peça que faz parte deste processo gostosamente o publicamos. (CORDEIRO, 1875, p. 16).

As relações articuladas entre a poetisa e seu público constituem um cenário singular, permitindo a comunicação entre escritores e públicos de diferentes contextos socioculturais. Além dos textos de sua autoria endereçados a outros, a quantidade de escritos dedicados a Anália Vieira do Nascimento ocupa um espaço significativo no periódico. Como já mencionado acima, suas eventuais ausências no anuário eram, inclusive, razão para preocupação de seus pares, como ocorreu em 1884.

Dessa forma, Anália Vieira do Nascimento, na sociedade patriarcal do século XIX, consegue se inserir, a seu modo, no meio literário, e, mais que isso, obter valorização ao longo dos 22 anos em que frequentou o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar a participação feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, enfocando a produção e recepção de Anália Vieira do Nascimento, representante do Rio Grande do Sul e uma das mais assíduas frequentadoras do periódico, em nível nacional e internacional. Para tanto, fez-se necessário, primeiramente, traçar um panorama das Letras no Brasil meridional do século XIX, evidenciando suas peculiaridades em relação à atividade cultural realizada em outras regiões do País, e discutindo sobre o espaço conquistado pelas escritoras nesse universo ao longo do tempo.

O primeiro capítulo, “A mulher na literatura sul-rio-grandense”, propôs-se a esse fim, à luz de fontes históricas e de aportes teóricos dos Estudos de Gênero. Entre os resultados alcançados, pode-se destacar a localização de informações inéditas sobre a vida de Anália Vieira do Nascimento, como sua carreira no magistério e suas publicações no *Almanaque Popular*, de Campinas: “Num álbum” e “Soin!”, em 1878. Também foram retificados dados equivocados veiculados por outros pesquisadores, por falta de fontes seguras. Não foi possível verificar a presença da poetisa em quaisquer outros periódicos além desses, entretanto foi significativa a contribuição ao projeto CAMAFEU, cujo objetivo consistiu em elaborar as biografias de onze escritoras do Rio Grande do Sul que tiveram a oportunidade de divulgar sua escrita nas páginas do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. É importante destacar a relevância desse tipo de pesquisa, na medida em que nos referimos à reiluminação dos nomes de escritoras relegadas ao esquecimento. Não basta conceder, a elas, o mesmo tratamento conferido a produtores de literatura já inseridos no cânone tradicional. Duarte (1990, p. 21) defende essa ideia, afirmando que

o trabalho de resgate das escritoras antigas que começa a ser feito, não deve pretender apenas se constituir num arrolamento das “esquecidas”, mas sim permitir o conhecimento das tradições literárias das mulheres, o percurso, as dificuldades e mesmo as estratégias utilizadas para romper o confinamento cultural em que se encontravam.

Dessa forma, a investigação biográfica ganha sentido e fundamento, na medida em que nos permite conhecer a trajetória das mulheres no espaço público. No caso de Anália Vieira do Nascimento, há ainda muito a ser investigado em estudos posteriores, mas foi possível, com esta pesquisa, constatar seu esforço em se inserir em setores ligados à educação e às Letras. A senhora gaúcha trilhou um caminho “conveniente” a sua condição de mulher:

casou-se e teve filho, mas, mesmo assim, decidiu por estudar e trabalhar, lecionando no ensino básico durante mais de 20 anos. Também se percebe, a partir de suas composições publicadas no *Almanaque*, seu interesse pela literatura, pelo pensamento intelectual e pela cultura europeia, além de conhecimento da língua francesa. Em “Epístola”, esse interesse é expresso mais claramente, evidenciando o sentimento de contrariedade perante as limitadas possibilidades disponíveis no que tange ao acesso à educação e à ciência.

A etapa seguinte do estudo, desenvolvida no capítulo “Os almanaques e o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*”, consistiu em caracterizar o gênero textual almanaque, no qual Anália Vieira do Nascimento publicou seus passatempos e suas composições em prosa e em verso, para, em seguida, inserir reflexões sobre o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro no contexto do século XIX*. Foi possível identificar, principalmente por meio dos próprios exemplares digitalizados do periódico, disponíveis na plataforma *HathiTrust*, informações sobre seu público-alvo, objetivos, editores, formas de remeter textos, publicação, circulação e tipografia. Além disso, realizou-se um exaustivo trabalho de pesquisa acerca da produção feminina no periódico, apurando dados acerca do número de mulheres publicantes, suas origens, preferências por gêneros e temas específicos, e destacando aquelas oriundas do Rio Grande do Sul. Listaram-se todos os nomes ou pseudônimos de mulheres gaúchas no anuário, textos publicados e anos de publicação, cidades de residência e gêneros praticados. Como sugestão para a continuidade desta pesquisa, ainda pode-se realizar um trabalho de investigação dos pseudônimos utilizados e do local de nascimento ou residência de muitas dessas mulheres, a fim de aprimorar o levantamento realizado. Mesmo com a inviabilidade de uma investigação mais afinada, no entanto, pode-se afirmar que a pesquisa empreendida resultou em um mapeamento da participação feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, sobretudo em relação às autoras brasileiras e sul-rio-grandenses.

A partir da investigação sobre a presença de mulheres do Rio Grande do Sul no *Almanaque*, os resultados alcançados apontam para uma frequência significativa da literatura de autoria feminina sul-rio-grandense no anuário português. Contrariando os dados históricos, que indicam, de maneira geral, uma parca atividade literária na Província durante o século XIX, observa-se, a partir do trabalho de resgate realizado, que o Rio Grande do Sul é o quinto estado brasileiro – dentre 21 – com mais representatividade feminina no periódico, com um total de 51 colaboradoras e 159 textos publicados.

Quanto à produção e recepção de Anália Vieira do Nascimento no anuário português, objeto deste estudo, no capítulo “Anália Vieira do Nascimento no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*” foram catalogadas todas as produções da autora, classificadas por gênero

textual e ano de publicação. Selecionaram-se, primeiramente, quatro textos assinados por ela, considerados possivelmente os mais representativos para caracterizar sua escrita. Foi possível identificar, a partir das composições analisadas, sua preferência pelo estilo e temas do Romantismo, bem como a visão que ela tinha sobre si mesma enquanto escritora, seu conhecimento literário e sua consciência acerca da luta das mulheres. Além disso, destaca-se sua investida no campo da crítica literária, no qual há notícia do trabalho de poucas mulheres. Anália Vieira do Nascimento pode ser considerada uma das pioneiras, entre diversos homens, do gênero no estado sulino.

Em seguida, sete composições, de autoria de Anália e de terceiros, foram exploradas, a fim de elucidar as relações estabelecidas entre ela e seus leitores. Na maioria das vezes, os diálogos ocorriam por meio de passatempos, que já pressupõem uma leitura interativa, embora também ocorresse por dedicatórias em poemas. Ressalta-se, aqui, que a autora, habituada a escrever para o público receptivo do *Almanaque*, restringiu sua atuação a esse círculo – que, embora bastante diversificado, limitava-se a alguns poucos apoiadores – não conquistando um público verdadeiramente vasto.

O tipo de comunicação praticado entre os colaboradores do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* eram características de um tempo em que a crítica e as noções de qualidade literária ainda eram em muito pautadas por parâmetros pessoais e arbitrários. De fato, a atividade da leitura, enquanto prática cultural, sofreu alterações ao longo dos tempos. Chartier (1999, p. 77) aponta que

os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão.

As formas de ler perceptíveis no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* sugerem uma intenção, muitas vezes, de entretenimento e estabelecimento de relações sociais, sendo assim, o periódico deixa de ser, somente, um propagador da literatura e um estimulador a novos autores, mas também assume a função de mediação de relacionamentos entre indivíduos das mais diversas condições socioculturais.

Na medida em que os textos de Anália consistiam em um meio de comunicar pensamentos, sentimentos e experiências da própria autora, podemos perceber que sua autoimagem, em relação aos escritos que produzia, não era positiva. Frequentemente ela

mencionava ter pouca capacidade ou talento para a literatura. Entretanto, manteve-se extremamente ativa – lembremos que seu nome ocupa a quarta posição entre as colaboradoras mais assíduas – no anuário durante mais de duas décadas. A recepção positiva, possivelmente, foi o fator de motivação para que ela persistisse publicando. Isso significa que os leitores de Anália tiveram grande responsabilidade quanto ao destino de sua carreira. Reforça-se, assim, mais uma vez, o papel central do público na constituição de uma obra:

[...] o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam. Torna-se texto somente na relação à exterioridade do leitor, por um jogo de implicações e de astúcias entre duas espécies de “expectativa” combinadas: a que organiza um espaço legível (uma literalidade) e a que organiza uma démarche necessária para a efetuação da obra (uma leitura). (CERTEAU, 1994, p. 266).

Os almanaques constituíram, durante os séculos XIX e XX, uma brecha para que muitas mulheres pudessem divulgar seu trabalho de escrita, e o anuário estudado nesta dissertação não foi diferente: mantendo-se aberto à participação feminina, em um período ainda extremamente patriarcal, concedeu palco e voz a mais de 1200 “senhoras”, oriundas da Europa, da África e do Brasil, que puderam ocupar um ambiente público e comunicar suas ideias ao mundo.

Acredita-se ter respondido, ao longo de todo o trajeto percorrido durante este trabalho, à questão de pesquisa proposta (**a partir dos escritos presentes no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, como ocorre a recepção dos textos de Anália Vieira do Nascimento por leitores e autores do referido periódico?**). É possível concluir que Anália Vieira do Nascimento granjeou uma posição de destaque dentro do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, um veículo internacional da imprensa do século XIX. Pode-se dizer, também, que esta dissertação representa uma contribuição aos estudos sobre a produção de literatura por mulheres ao longo dos tempos, que, com seus nomes e sua produção divulgada, podem integrar um novo cânone e uma nova História da Literatura, desvinculados dos parâmetros androcêntricos que perduraram nas artes e na ciência durante séculos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luciana de. *Preleções*. Prefácio, estudo e coletânea de Dante de Laytano. Porto Alegre: Museu Júlio de Castilhos, 1949.

A FEDERAÇÃO: Orgam do Partido Republicano. Porto Alegre, 27 mar. 1884. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 7 abr. 2018.

A FEDERAÇÃO: Orgam do Partido Republicano. Porto Alegre, 24 abr. 1884. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 7 abr. 2018.

A FEDERAÇÃO: Orgam do Partido Republicano. Porto Alegre, 18 jun. 1895. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 7 abr. 2018.

A FEDERAÇÃO: Orgam do Partido Republicano. Porto Alegre, 29 abr. 1907. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 7 abr. 2018.

A FEDERAÇÃO: Orgam do Partido Republicano. Porto Alegre, 20 nov. 1907. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 7 abr. 2018.

A FEDERAÇÃO: Orgam do Partido Republicano. Porto Alegre, 20 dez. 1907. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 7 abr. 2018.

ALVES, Francisco das Neves. Alfredo Ferreira Rodrigues: difusor do gosto pelos almanaques em terras sul-rio-grandenses. In: CHAVES, Vania Pinheiro (Org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014. p. 129-156.

ALVES, Lizir Arcanjo. *Mulheres escritoras na Bahia: as poetisas, 1822-1918*. Salvador: Étera, 1999.

ANASTÁCIO, Vanda. Almanagues: origem, gêneros, produção feminina. *Veredas*, Santiago de Compostela, v. 18, p. 53-74, dez. 2012. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34502/1/Veredas18_artigo3.pdf?ln=pt-pt>. Acesso em: 6 abr. 2018.

A OPINIÃO PÚBLICA: Imprensa a Vapor. Pelotas, 31 jan. 1911. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 7 abr. 2018.

BARRETO, Abeillard. *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul: 1827-1850*. Porto Alegre: CORAG, 1986.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 1 v.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. 1 v.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural (Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier). In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 231-253.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 11.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CASTILHO, Alexandre Magno (Ed.). *Almanaque de Lembranças para 1851*. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, 1853. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

_____. *Almanaque de Lembranças para 1852*. Paris: Rua da Chaussée D'Antin, 1851. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

_____. *Almanaque de Lembranças para 1853*. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, 1852. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

_____. *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1855*. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, 1854. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

_____. *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1858* Lisboa: Imprensa Nacional, 1857. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

_____. *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1860*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul: 1737-1902*. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1971. (Coleção Província).

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1999.

_____. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014.

_____. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____. Do livro à leitura. In: _____. *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 77-105.

_____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002.

CHAVES, Vania Pinheiro. O Almanaque de Lembranças e o Rio Grande do Sul. In: _____. (Org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014.

CHAVES; Vania Pinheiro; LOUSADA, Isabel; ABREU, Carlos. *As senhoras do Almanaque: Catálogo da produção de autoria feminina*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2014. E-book. ISBN 978-972-565-549-8.

CHAVES, Vania Pinheiro; WEIGERT, Beatriz. *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro: Rio Grande do Sul – Poesia (CD)*. In: CHAVES, Vania Pinheiro (Org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014. Recolha e digitação dos textos: Carla Maria Francisco, Filipa Barata, Laura Areias, Maria José Madruga, Maria José Meira e Rosa Cristina Gautério.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues. Ailanna madrugadora devota. In: _____. (Ed.). *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1884*. Lisboa: Lalllement Frères, 1883. p. LXIV. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

_____. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1872*. Lisboa: Lalllement Frères, 1871. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

_____. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1874*. Lisboa: Lalllement Frères, 1873. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

_____. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1875*. Lisboa: Lalllement Frères, 1874. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

_____. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1876*. Lisboa: Lalllement Frères, 1875. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

_____. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1877*. Lisboa: Lalllement Frères, 1876. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

_____. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1878*. Lisboa: Lalllement Frères, 1877. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

_____. (Ed.). *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1885*. Lisboa: Lalllement Frères, 1884. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

_____. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1893*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1892. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

_____. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1918*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1917. Disponível em: <<https://www.hathitrust.org/>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

CORREIA, João David Pinto; GUERREIRO, Manuel Viegas. Almanques ou a sabedoria e as tarefas do tempo. *Revista ICALP*, v. 6, ago./dez. 1986, p. 43-52.

CUCHE, Denys. Cultura e identidade. In: _____. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 175-202.

CULLER, Jonathan. Lendo como mulher. In: _____. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 52-77.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 223-240.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX: dicionário ilustrado*. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. Literatura feminina e crítica literária. *Travessia*, Florianópolis, n. 21, p. 15-23, 1990. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17198/15769>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

DUTRA, Eliana de Freitas. Laços Fraternos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, p. 116-127, 2005. Disponível em: <www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Lacos_Fraternos.PDF>. Acesso em: 03 mar. 2019.

ESCARPIT, Roger. *Sociologia da Literatura*. Lisboa: Arcádia, 1969.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYER, Marlyse (Org.). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 19-22.

FIGUEIREDO, Catarina Máxima. Logogrifo XII. In: CASTILHO, Alexandre Magno. *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1867*. Lisboa: Tipografia Franco-Portuguesa, 1866. p. 329

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. Lembranças sul-rio-grandenses no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. In: CHAVES, Vania Pinheiro (Org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014.

GONZAGA, Sergius. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergius (Org.). *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 113-132.

HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940)*. Florianópolis: Mulheres, 2003.

LEITE, Antonio de Sá Soares. À Ex.^{ma} Sr.^a D. Anália Vieira do Nascimento. In: CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues (Ed.). *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1875*. Lisboa: Lalléman Frères, 1874. p. 18.

LÚCIO, Manuel Maria. Logogrifo III. In: CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues (Ed.). *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1872*. Lisboa: Lalléman Frères, 1871. p. 131-133.

_____. Logogrifo VII. In: CASTILHO, Alexandre Magno (Ed.). *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1869*. Lisboa: Tipografia Franco-Portuguesa, 1868. p. 222.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. A poesia lírica no *Almanaque de Lembranças*. Um caso: Anália Vieira do Nascimento. In: CHAVES, Vania Pinheiro (Org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014. p. 55-73.

MERISSE, Antonio et al. *Lugares da infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato*. São Paulo: Artes & Ciências, 1987.

MEYER, Marlyse (Org.). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MOREIRA, Maria Eunice. As senhoras gaúchas no Almanaque de lembranças luso-brasileiro. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 29-39, jul./dez. 2014.

_____. Em poesia e prosa: a voz das Senhoras gaúchas do Almanaque de Lembranças. In: CHAVES, Vania Pinheiro (Org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014. p. 197-221.

_____. Os versos (quase) desconhecidos de Maria Clemência da Silveira Sampaio. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 27-40, dez. 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/652/475>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). *Mulheres e literatura: (Trans)formando identidades*. Porto Alegre: Palloti, 1997. p. 79-89.

_____. Artimanhas nas entrelinhas: leitura do paratexto de escritoras do século XIX. *Travessia*, Florianópolis, n. 21, p. 64-70, 1990. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17202/15776>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

_____. Pedantes e bas-bleus: história de uma pesquisa. In: _____. (Org.) *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. 2.ed. Florianópolis: Mulheres, 2000. 1 v. p. 17-29.

_____. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 225-233, jan./jun. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013/8720>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

NASCIMENTO, Anália Vieira. A volta. In: CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues (Ed.). *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1885*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1884. p. 367-368.

_____. Logogrifo XI. In: CASTILHO, Alexandre Magno; CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues (Ed.). *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1871*. Lisboa: Lalléman Frères, 1870. p. 220-221.

_____. Logogrifo XI. In: CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues (Ed.). *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1872*. Lisboa: Tipografia Franco-Portuguesa, 1872. p. 220.

_____. Logogrifo XII. In: CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues (Ed.). *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1876*. Lisboa: Lalléman Frères, 1875. p. 237-238.

_____. Logogrifo XVIII. In: CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues (Ed.). *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1873*. Lisboa: Tipografia Franco-Portuguesa, 1872. p. 346-347.

_____. Lucília. In: CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues (Ed.). *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1873*. Lisboa: Tipografia Franco-Portuguesa, 1872. p. 379.

_____. Quadras. In: CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues (Ed.). *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1876*. Lisboa: Lalléman Frères, 1875. p. 15.

_____. Retrato. In: CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues (Ed.). *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1889*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1888. p. 457-458.

_____. Soin! In: CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues (Ed.). *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1878*. Lisboa: Lalléman Frères, 1877. p. 348.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. O olhar condescendente: crítica literária e literatura feminina no século XIX e início do século XX. *Travessia*, Florianópolis, n. 21, p. 50-63, 1990. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17201/15775>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

PARAGUASSÚ, Justiniano Ferreira. Charada LXIX (em losango). In: RODRIGUES, Alfredo Ferreira (Org.). *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul para 1889*. 2.ed. Pelotas: Tipografia da Livraria Americana, 1889. p. 156. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

PARK, Margareth Brandini. Histórias e leituras de almanaques no Brasil. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bottman. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Org. Sergius Gonzaga. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PESSOA, Jadir de Moraes. A cultura popular no tempo dos almanaques. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 26, n. 4, p. 711-753, out./dez. 2016.

PIVA, Mairim Linck. A Sociedade Partenon Literário e sua Revista. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: IEL: Corag, 2000.

POZENATO, José Clemente. Apresentação. In: AZEVEDO, Olmiro. *Vinho velho*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1978.

RIBEIRO, António Maria do Amaral. Província do Rio Grande. In: CASTILHO, Alexandre Magno (Ed.). *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1855*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1857. p. 358.

_____. Como se monta a cavalo no Rio Grande do Sul. In: CASTILHO, Alexandre Magno (Ed.). *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1860*. Lisboa: Tipografia Franco-Portuguesa, 1859. p. 146.

_____. Camponeses Rio-Grandenses. In: CASTILHO, Alexandre Magno; CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues. *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1862*. Lisboa: Tipografia da Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1861.

RIBEIRO, João. *O que é positivismo*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROCHA, Lindolpho. Anvina. In: RODRIGUES, Alfredo Ferreira (Org.). *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul para 1889*. 2.ed. Pelotas: Tipografia da Livraria Americana, 1889. p. 127. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROMARIZ, Andrea Germano de Oliveira. *O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro: Um ensaio para um projecto maior?*. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Estudos Românicos, Departamento de Estudos Românicos, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5145/6/ulfl106395_tm.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2019.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Duas mulheres de letras: representações da condição feminina*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

SCHITZ, Viviane Salatti. *Presença de mulher: a produção feminina na Revista da Sociedade Partenon Literário*. 2003. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Letras, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Delfina Benigna da Cunha. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. 2.ed. Florianópolis: Mulheres, 2000a. 1 v. p. 119-144.

_____. Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar? In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (Org.). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000b. p. 102-110.

_____. Maria Clemência da Silveira Sampaio. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. 2.ed. Florianópolis: Mulheres, 2000c. 1 v. p. 110-118.

_____. Repensando a cultura, a literatura e o espaço de autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.

SILVA, Francisco Ribeiro. História da alfabetização em Portugal: fontes, métodos, resultados. In: *A história da educação em Portugal e Espanha: investigações e actividades*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e Autores, 1993.

SILVA, Hypolito (Ed.). *Almanaque Popular para o ano de 1878*. Campinas: Typ. Da Gazeta de Campinas, 1877.

SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1924.

SILVEIRA, Carmen Consuelo; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O Partenon Literário: imprensa e sociedade literária. In: ZILBERMAN, Regina; SILVEIRA, Carmen Consuelo; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *O Partenon Literário: poesia e prosa*. Porto Alegre: Instituto Cultural Português, 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Roberto Acízelo de. A idéia de história da literatura: constituição e crises. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 141-156.

VELLINHO, Moysés de Moraes. *Letras da província*. Porto Alegre: Globo, 1944.

VIEIRA, Damasceno. *A musa moderna*. Porto Alegre: Typ. Jornal do Commercio, 1885.

VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação, 1974.

_____. Síntese histórica e índice geral da Revista do Partenon Literário. In: HESSEL, Lothar Francisco et al. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: Flama, 1976. p. 87-109.

WEIGERT, Beatriz. *Anália Vieira do Nascimento: 1854-1911*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2017. E-Book. ISBN 978-972-565-616-7.

ZANOTTO, Normelio. *Gramática do português profissional*. 5.ed. Caxias do Sul: Ibral, 2013.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 189-199.

ZILBERMAN, Regina. A mulher: escritora e personagem. In: _____. *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 74-93.

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Poesia no Rio Grande do Sul: das origens ao Simbolismo. In: _____. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 11-41.

_____. Recepção e leitura no horizonte da literatura. *Alea: Estudos neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p.85-97, jan. 2008.

ANEXO A – DOCUMENTOS DE ANÁLIA VIEIRA DO NASCIMENTO

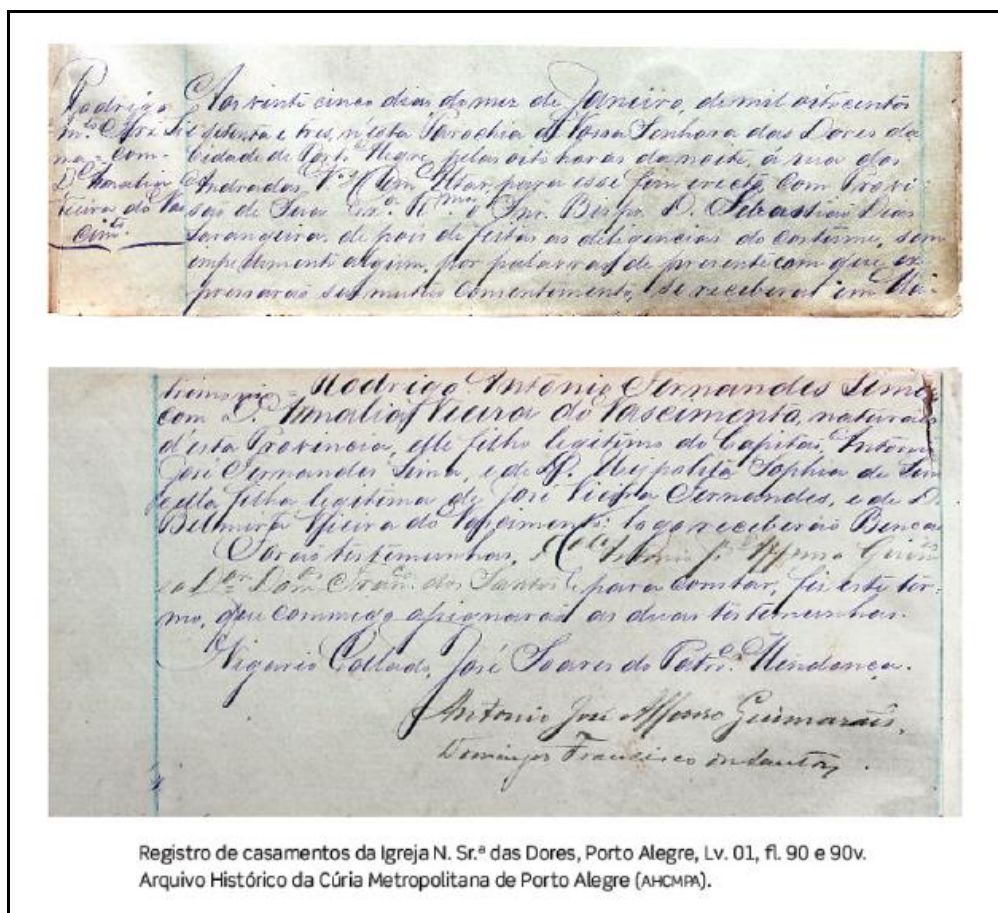
a) Registro de batismo



Fonte: Weigert (2017).

Notação: “Aos vinte e sete dias do mês de janeiro de mil oitocentos e cinquenta e cinco anos na Catedral deste bispado batizou solenemente o reverendo coadjutor Francisco de Paula Macedo, e pôs os Santos Óleos, a Anália, nascida a dois de setembro do ano próximo passado, filha legítima de José Vieira Fernandes, natural de Portugal, e de Belmira Rosa do Nascimento, natural desta cidade; neta paterna de Antonio Fernandes, e de Apolonia Vieira, naturais de Portugal; e materna de Manoel do Nascimento Coelho, natural de Portugal, e de Firmina Maria da Silva, natural desta cidade: foram padrinhos Joaquim José da Silva Valadares, e sua mulher Maria Dias de Souza. E para constar fiz este assento.
O vigário Thomé Luiz de Souza”

b) Registro de casamento



Fonte: Weigert (2017).

Notação: “Aos vinte e cinco dias do mês de Janeiro, de mil oitocentos e setenta e três, nesta Paróquia de Nossa Senhora das Dores da Cidade de Porto Alegre, pelas oito horas da noite, à Rua dos Andradas nº 2 em altar, para esse fim ereto com Provisão de Sua Ex.^a R.^{ma} o Sr. Bispo D. Sebastião Dias Laranjeira, depois de feitas as diligências do costume, sem impedimento algum, por palavras de presente com que expressaram seu mútuo consentimento, se receberam em Matrimônio Rodrigo Antônio Fernandes Lima com D. Annalia Vieira do Nascimento, naturais desta Província, ele filho legítimo do Capitão Antônio José Fernandes Lima e de D. Hypólita Sophia de Lima, e ela filha legítima de José Vieira Fernandes e de D. Belmira Vieira do Nascimento: logo receberam Bênção.

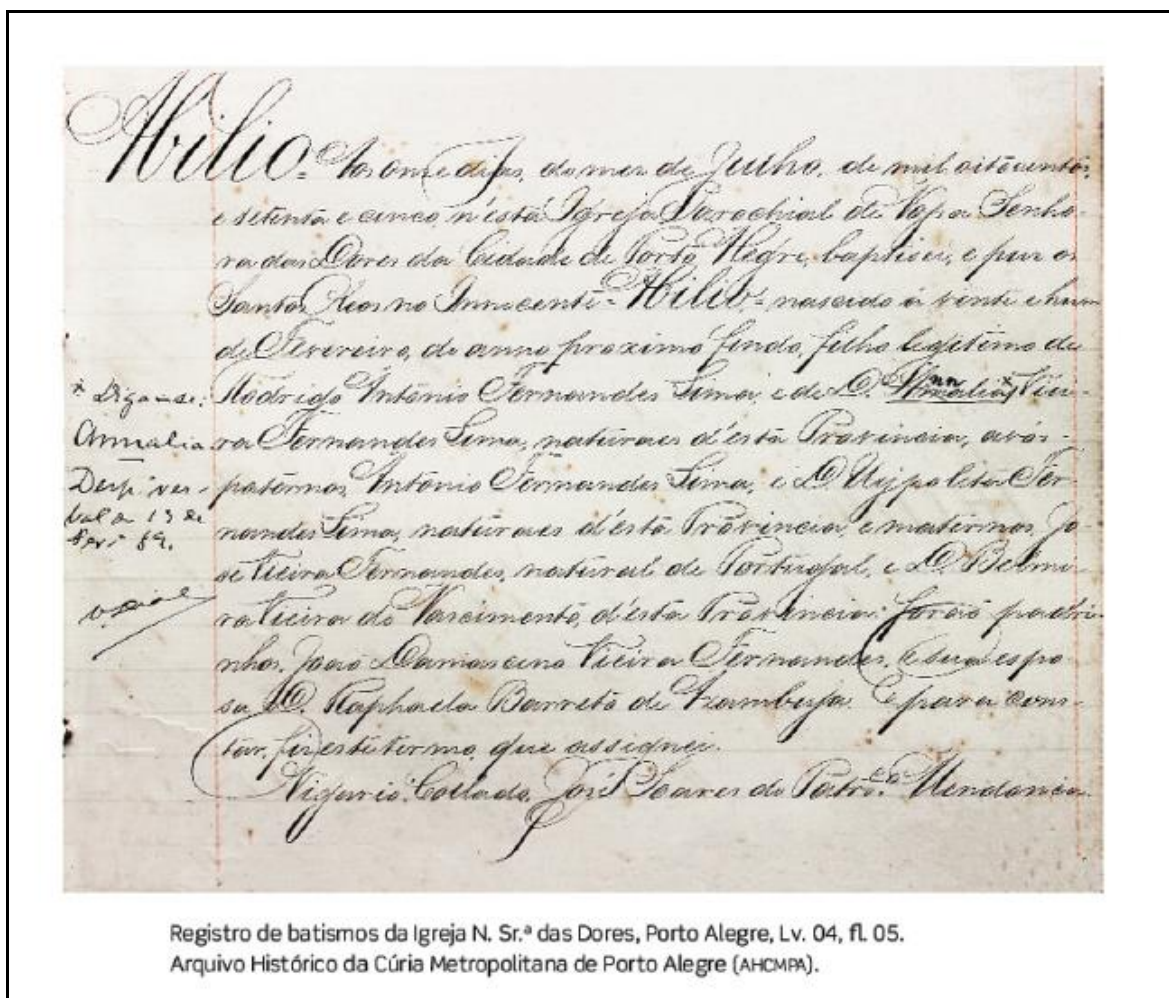
Foram testemunhas Dr. Antônio J^o Affonso Guimarães e o Dr. Doms Franco dos Santos e para constar, fiz este termo, que comigo assinarão as duas testemunhas.

Vigário Collado, José Soares do Patro[cínio] Mendonça

Antônio José Affonso Guimarães

Domingos Francisco dos Santos.”

c) Registro de batismo de Abílio



Fonte: Weigert (2017).

Notação: “Aos onze dias, do mês de julho, de mil oitocentos, e setenta e cinco, nesta Igreja Paroquial de Nossa Senhora das Dores da Cidade de Porto Alegre, batizei, e pus os Santos Óleos no inocente Abílio, nascido a vinte e um de fevereiro, do ano próximo findo, filho legítimo de Rodrigo Antonio Fernandes Lima, e da Anália Vieira Fernandes Lima, naturais desta Província, avós paternos, Antõnio Fernandes Lima, e D. Hypólita Fernandes Lima, naturais desta Província, e maternos, José Vieira Fernandes, natural de Portugal, e D. Belmira Vieira do Nascimento, desta Província: foram padrinhos, João Damasceno Vieira Fernandes, e sua esposa D. Raphaela Barreto de Azambuja. E para constar, fiz este termo, que assinei. Vigário Collado José Soares do Patro[cínio] Mendonça.”

d) Registro de óbito


 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE ÓBITO

NOME:
AMALIA VIEIRA FERNANDES

MATRÍCULA:
099804 01 55 1911 4 00059 141 0000234 02
 Livro: C-59 - Folha: 141v - Termo: 234

SEXO Feminino	COR X.X.X.X.X.	ESTADO CIVIL E IDADE Casada, com 54 anos de idade
NATURALIDADE X.X.X.X.X.X.X.X.	DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO X.X.X.X.X.X.X.X.	ELEITOR X.X.X.

FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA
Filha de José Vieira Fernandes e Belmira Vieira Fernandes.

DATA E HORA DE FALECIMENTO
Vinte e quatro de janeiro de um mil e novecentos e onze, às vinte e uma horas

DIA MÊS ANO
24 01 1911

LOCAL DE FALECIMENTO
Domicílio, Rua General João Manoel, nº 51, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

CAUSA DA MORTE
Infecção gastro intestinal

SEPULTAMENTO/CREMAÇÃO (MUNICÍPIO E CEMITÉRIO, SE CONHECIDO) DECLARANTE
Cemitério de Porto Alegre-RS Manoel Ferreira Martins

NOME E NÚMERO DE DOCUMENTO DO MÉDICO QUE ATESTOU O ÓBITO
José Carlos

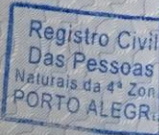
OBSERVAÇÕES / AVERBAÇÕES
Era casada com Rodrigo Fernandes Lima. Deixou os filhos(as) Abílio. Óbito registrado em vinte e cinco de janeiro de um mil e novecentos e onze (25/01/1911).

ANOTAÇÕES DE CADASTRO
Nada consta.

Registro Civil das Pessoas Naturais da 4ª Zona
 Titular do Ofício: Edair José Carneiro
 Comarca: Porto Alegre
 Porto Alegre - RS
 Av. Osvaldo Aranha, 374 - Bairro Bom Fim
 Fone: (51) 3227-2217

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
 Porto Alegre, 23 de agosto de 2018.
Carlos A. Prass
 Carlos Alberto Prass
 Escrevente Autorizado

Selo Digital de Fiscalização Notarial e Registral (Lei Estadual n. 12.692/2006): **0466.00.1800001.45171**
 Certidão: R\$ 26,20 - Processamento eletrônico: R\$ 4,60 - Selos: R\$ 4,10 - Nota nº 380446
 A validade dos selos digitais poderá ser consultada no site do Tribunal de Justiça: www.tjrs.jus.br - Emissão: C. A. P.


 Registro Civil
 Das Pessoas
 Naturais da 4ª Zona
 PORTO ALEGRE

ARPENBRASIL
 ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS REGISTRADORES DE PESSOAS NATURAIS
 BA 003422988 BRP

Fonte: obtido pela autora no Cartório da 4ª Zona de Porto Alegre.

**ANEXO B – NÚMERO DE PRODUÇÕES DE AUTORIA FEMININA NO
ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO POR DÉCADA**

a) Geral

DÉCADA	NÚMERO DE PRODUÇÕES
1850	85
1860	190
1870	346
1880	800
1890	868
1900	644
1910	508
1920	413
1930	122
Total	3976

b) Brasil

DÉCADA	NÚMERO DE PRODUÇÕES
1850	2
1860	7
1870	59
1880	404
1890	578
1900	363
1910	306
1920	252
1930	65
Total	3976

c) Rio Grande do Sul

DÉCADA	NÚMERO DE PRODUÇÕES
1870	22
1880	67
1890	44
1900	17
1910	4
1920	5
Total	159

**ANEXO C - NÚMERO DE PRODUÇÕES DE AUTORIA FEMININA NO
ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO POR GÊNERO**

a) Geral

TIPO	NÚMERO DE PRODUÇÕES
PA	2342
PO	1119
PR	515
Total	3976

b) Brasil

TIPO	NÚMERO DE PRODUÇÕES
PA	1617
PO	284
PR	135
Total	2036

c) Rio Grande do Sul

TIPO	NÚMERO DE PRODUÇÕES
PA	97
PO	49
PR	13
Total	159

PA = Passatempo

PO = Poesia

PR = Prosa

**ANEXO D – NÚMERO DE ESCRITORAS DO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS
LUSO-BRASILEIRO POR PAÍS**

PAÍS(ES)	CONTAGEM	PERCEN.TUAL
Não consta	176	13,82%
África	1	0,08%
Angola	13	1,02%
Brasil	699	54,9%
Brasil e Portugal	3	0,23%
Cabo Verde	11	0,86%
Espanha	1	0,08%
Goa	1	0,08%
Goa e África do Sul	1	0,08%
Guiné	1	0,08%
Inglaterra	1	0,08%
Moçambique	14	1,1%
Portugal	342	26,86%
Portugal e Angola	2	0,16%
Portugal e Cabo Verde	2	0,16%
Portugal e Moçambique	2	0,16%
Portugal, Cabo Verde e Guiné	1	0,08%
Portugal, Moçambique	1	0,08%
São Tomé e Príncipe	1	0,08%
Total	1273	

**ANEXO E – NÚMERO DE TEXTOS E DE ESCRITORAS PROVENIENTES DO
BRASIL NO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO POR ESTADO**

ESTADO	NÚMERO DE ESCRITORAS	NÚMERO DE TEXTOS
Não consta	39	69
AC	1	1
AL	13	30
AL e PE	1	16
AM	3	8
AM e CE	1	15
AM e PE	1	42
BA	168	401
BA e PB	1	11
BA e PE	1	32
BA, PR e RJ	1	6
CE	27	90
CE, PE e SC	1	3
GO	1	1
MA	7	16
MG	40	114
MG e RJ	1	3
MG e SP	1	50
PA	39	99
PA e PI	1	25
PA e RJ	1	4
PB	6	22
PB e PE	1	3
PE	85	263
PE e RJ	1	2
PI	4	5
PR	6	8
RJ	116	318
RN	3	26
RO	1	1
RR	1	1
RS	51	159
SC	7	17
SE	28	82
SP	43	93
Total	702	2036